

**MATHIEL DANIELI DA SILVA**

**OS CHIRIGUANO E A BATALHA DE KURUYUKI (1892):  
HISTORIOGRAFIA**

**DOURADOS - 2013**

MATHIEL DANIELI DA SILVA

**OS CHIRIGUANO E A BATALHA DE KURUYUKI (1892):  
HISTORIOGRAFIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.  
Área de concentração: *História Indígena*.

Orientador: Prof. Dr. **Protasio Paulo Langer**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD**

984 Silva, Mathiel Danieli da.  
S586c Os Chiriguano e a Batalha de Kuruyuki (1892) :  
historiografia / Mathiel Danieli da Silva –  
Dourados-MS : UFGD, 2013.  
103 f.

Orientador: Prof. Dr. Protasio Paulo Langer.  
Dissertação (Mestrado em História) Universidade  
Federal da Grande Dourados.

1. Chiriguano-guarani. 2. Chaco boliviano.  
Batalha de Kuruyuki. I. Título.

**MATHIEL DANIELI DA SILVA**

**OS CHIRIGUANO E A BATALHA DE KURUYUKI (1892):  
HISTORIOGRAFIA**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

**Aprovada** em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Presidente e orientador:

\_\_\_\_\_

2º Examinador:

\_\_\_\_\_

3º Examinador:

\_\_\_\_\_

## RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar visões e interpretações da historiografia a respeito do último movimento de resistência armada dos povos guarani-falantes do Chaco boliviano – conhecidos, de acordo com documentação colonial, como Chiriguano – contra os agentes de ocupação colonial e as forças do estado boliviano. Esse confronto ficou marcado na historiografia como a Batalha de Kuruyuki (1892). Pretende-se identificar as várias correntes historiográficas, a abordagem das fontes, o caráter ideológico da produção historiográfica, as contribuições dos autores para o entendimento do tema e as conclusões a respeito desse importante capítulo na história dos povos Chiriguano-guarani. Os Chiriguano, enquanto grupo étnico, são fruto da mestiçagem biológica e cultural de alguns grupos indígenas Guarani com a população Chané de fala Arauak. Os Guarani, migraram de regiões que na atualidade pertencem ao Brasil e ao Paraguai e subjugaram a população Chané que estava fixada no pie de monte andino – entre o Chaco boliviano e a Cordilheira dos Andes - na atual Bolívia. Na historiografia sul-americana os Chiriguano são retratados como exemplo de não submissão ao conquistador/colonizador, travando lutas violentas a partir da chegada dos agentes da conquista espanhola no séc. XVI. Sucumbiram em 1892, por meio do que foi denominado por Isabelle Combés de tríade de colonização espanhola e republicana: as missões, as fazendas e o exército.

**Palavras-chave:** Chiriguano; Kuruyuki; Historiografia.

## **ABSTRACT**

This work has as an objective to analyse the vision and the interpretation of history about the last armed movement of the Talking-Guarani People of the bolivian Chaco – known, according to the official documents, as Chiriguano – against the agents of Bolivian state and the colonial occupation. This event was known, through history, as The Kuruyuki Battle (1892). It intends to identify several lines of researches, the approach of the sources, the ideology of the historical production, the contribution of the authors to the comprehension about this issue and the conclusion about this important theme in the history of the Chiriguano-guarani people. This people, as an ethic group, is the result of the biological and cultural mix of some Guaranis Indian groups with the population Chané of talking Arauak. The Guarani came from regions which belonged to Brazil and Paraguay and they subdued the Chané population that was living in the pie monte andino – between the Bolivian Chaco and the Mountain Ranges of Andes – in Bolivia. In North American history, the Chiriguanos are known as an example of non-submission to the foreign, fighting in a violent way against the agents of the Spanish conquer in the XVI century. They lost in 1892, because of, according to Isabelle Combés, the Spanish missions, farms and armies.

**Palavras-chave:** Chiriguano; Kuruyuki; Historiography.

A minha esposa Aline, a meu amado filho  
Nicolas Mathiel.

## AGRADECIMENTOS

A realização do mestrado, assim como a graduação, não traz ao Mestre apenas conhecimentos sobre os preceitos e ferramentas a serem utilizadas em nossas profissões, ela fortalece laços e sentimentos que delineiam nosso caminho. Passos como este estreitam relações e fortalecem o sentimento de que o conhecimento é um poder incontestável, seja profissionalmente, como em nossas vidas pessoais.

Mais importante do que conhecer pessoas é saber reconhecer o quão importante elas foram, em nossa jornada, e por isso dedico esta parte de minha vida a todos que se fizeram presentes nestes momentos.

Primeiramente quero agradecer de forma especial, a minha esposa Aline, mulher batalhadora, que sempre me incentivou a fazer algo que eu gostasse. Com o seu apoio, à opção pela História foi muito mais gratificante. Fica um agradecimento com muito amor, pelo apoio, principalmente, nos momentos difíceis, de dúvidas e incertezas. Obrigado também por você ter sido uma mãe cuidadosa, carinhosa, e uma esposa parceira para todas as horas.

Aos meus pais, Matilde e Antonio, que me deram a vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade, não bastaria um obrigado. Por iluminarem os caminhos obscuros com afeto e dedicação (mesmo distantes) para que eu trilhasse sem medo e cheio de esperança. Por nunca terem desistido de mim, quando na adolescência, a rebeldia parecia o único caminho. Um agradecimento especial à dona Matilde, por ter acompanhado a minha vida escolar, enfrentando todas as provações e comemorando comigo cada etapa ultrapassada.

As minhas queridas irmãs Lilian Luana e Chaiane Francieli (in memória), reafirmo aqui, todo amor e amizade que juntos cultivamos desde os primeiros dias de nossas vidas, quer seja em forma de música ou nas nossas empolgadas conversas noturnas.

A Simone e José Zen (sogra e sogro) e a Bisa Anna, pessoas maravilhosas que não mediram esforços para nos ajudar, principalmente na difícil tarefa de cuidar do pequeno Nicolas Mathiel em tempo de leituras e escritas. Por todo o incentivo, um muito obrigado. Sem vocês essa dissertação não teria sido feita.

Ao meu orientador Prof. Protasio, agradeço por ter me ensinado que os povos indígenas possuem história e que podemos escrevê-la no intuito de contribuir para o

reconhecimento das populações tradicionais. Por cada passo que pudemos dar juntos, por todo ensinamento, conhecimento e orientação que me foi passado, mas acima de tudo, as lições de vida que me trouxeram um fortalecimento dos valores universais quanto à ética e comprometimento na profissão de professor de história e historiador, mas acima de tudo, por toda paciência que teve nestes anos de convivência.

Agradeço a Isabelle Combés, por não medir esforços em me indicar o caminho correto a ser seguido, sempre bem disposta e motivada a fazer um trabalho de excelência. Obrigada pelos ensinamentos e pela boa vontade com que me recebeu em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, assim como pela ajuda em conseguir algumas das obras que analisamos neste trabalho.

Ao Arquivo Nacional da Bolívia na cidade de Sucre, ao Apoyo para el campesino-indígena del Oriente Boliviano - APCOB, ao Centro de Investigación y promoción del Campesinato - CIPCA, a Biblioteca de História de Santa Cruz de la Sierra, a Assembleia dos Povos Guaraní - APG, e ao Teko Guaraní/APG - Camiri, Bolívia, meus mais sinceros respeitos por todo trabalho que pude acompanhar, assim como meu agradecimento por toda atenção que nos foi dispensada.

Aos professores Eudes Fernandes Leite e Isabelle Combés pelos preciosos apontamentos na banca de qualificação.

Aos mestres professores Bartomeu Meliá, Graciela Chamorro, Protasio Langer, Jorge Eremites de Oliveira, Osvaldo Zorzato e Levi Marques Pereira, pelos preciosos ensinamentos sobre os povos indígenas. A estes professores agradeço pela dedicação e pela sabedoria, pois hoje tenho plena consciência de que muitas vezes ensinar é mais difícil do que aprender e como diria Albert Einstein: "Não basta ensinar ao homem uma especialidade, porque se tornará assim uma máquina utilizável e não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto".

Um agradecimento especial ao amigo Gusta (Gustavo Almeida) um grande amigo, parceiro das discussões sobre música, companhia para todas as horas desde a graduação. Ao Jusa (José Fernandes) que é um amigão dos mais positivos, que me ensinou muito mais, sobre Rei do Rock, Elvis Presley, também me ajudou a conhecer a história da Erva – mate no MS. À amiga/irmã Rosita (Roseline Mezacasa) uma daquelas raras pessoas que não tem como você não gostar. Foi companhia nas inúmeras discussões que variavam entre a história dos povos indígenas, a antropologia/filosofia de Pierre Clastres, e o movimento Zapatista.

Gusta, Rosita e Jusa nossos caminhos se cruzaram diante de um ideal comum, a busca pelo sonho de ser professor/pesquisador de História, possivelmente tendo em mente, que é função do historiador, lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer. Partilhamos descobertas, desafios e conquistas. Dividimos medos, incertezas e inseguranças. A presença de vocês se tornou força nas intermináveis horas de pesquisa e estudo, nas noites não dormidas e nos dias de extremo cansaço, os tornando mais felizes e embalando nossos planos para o futuro. Vocês estarão sempre presentes. Obrigado pelo incentivo e companheirismo na graduação, no mestrado e na vida.

Agradeço também, os amigos Zé (José Aparecido), Henrique Duarte, Camila Belo, Bruna Brasil, Gilmar e Natacya Caetano, Gláucio e Joseane Knapp, Cássio Knapp, Gustavo Gomes, Edivaldo Almeida, Verônica Menna e Renata Rodrigues de Assis, pelo incentivo, palavras de apoio, obrigado por fazerem parte do meu cotidiano, tornando fascinante o aprendizado da vida. Obrigado por acompanharem esta luta e por me transmitir tanta força e perseverança.

[...] ter uma identidade é ter uma memória própria.

Por isso a recuperação da própria história é um direito fundamental das sociedades. É também,

pela atual Constituição, o fundamento dos direitos territoriais indígenas e particularmente

da garantia de suas terras.

(Manuela Carneiro da Cunha)

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1- Região da Cordillera Chiriguana.....	27
Mapa 2 - Localização do Isoso na Província da Cordillera, Bolívia.....	28

## SUMÁRIO

RESUMO .....	5
LISTA DE MAPAS.....	12
<b>LISTA DE FOTOGRAFIAS.....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
INTRODUÇÃO.....	15

### CAPÍTULO I

<b>CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE HISTORIOGRAFIA E HISTÓRIA INDÍGENA .....</b>	<b>20</b>
1.1. A HISTORIOGRAFIA COMO FONTE E OBJETO DO HISTORIADOR .....	20
1.2. HISTÓRIA INDÍGENA .....	24

### CAPÍTULO II

<b>OS CHIRIGUANO (GUARANI FALANTE DA BOLÍVIA) E A BATALHA DE KURUYUKI .....</b>	<b>26</b>
2.1. BREVE ETNO-HISTÓRIA DOS GUARANI FALANTES DA <i>CORDILLERA CHIRIGUANA</i> .....	26
2.1.1. A BATALHA DE KURUYUKI (1892).....	34
2.1.2. ETNOGRAFIAS MISSIONÁRIAS OU CRÔNICAS MISSIONÁRIAS: PADRE FR. ANGÉLICO MARTARELLI; PADRE FR. BERNARDINO DE NINO.....	37

### CAPÍTULO III

<b>OS ETNÓLOGOS.....</b>	<b>45</b>
3.1. ERLAND NORDENSKIOLD .....	46
3.1.1. ALFRED METRAUX.....	51

### CAPÍTULO IV

<b>OS HISTORIADORES .....</b>	<b>54</b>
4.1. HERNANDO SANABRIA FERNÁNDEZ .....	54
4.2. HISTORIOGRAFIA MISSIONÁRIA: .....	65

4.2.1. LORENZO G. CALZAVARINI .....	67
4.2.2. BARTOMEU MELIÁ .....	73
4.2.3. FRANCISCO PIFARRÉ .....	74
4.2.4. XAVIER ALBÓ .....	78
4.3. HISTORIOGRAFIA MODERNA: .....	83
4.3.1. THIERRY SAIGNES .....	83
4.3.2. ISABELLE COMBÉS .....	87
4.3.3. ERIC LANGER.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>

**Acrecentar considerações finais**

<b>FONTES HISTORIOGRÁFICAS A SEREM UTILIZADAS .....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>100</b>

## INTRODUÇÃO

No ano de 2008, por conta do desenvolvimento de um trabalho de iniciação científica, intitulado *As Representações do povo Chiriguano na cartografia colonial* viajamos para a cidade de Santa Cruz de la Sierra e Sucre – Bolívia – com uma equipe formada pelo autor, pela colega de pesquisa, Roseline Messacasa, bem como, pelo nosso orientador Prof. Dr. Protasio Paulo Langer. Este trabalho foi articulado, como parte do projeto do professor orientador, intitulado: *Os Guarani da cordilheira: Uma etnoistória da resistência dos Chiriguano ao colonialismo hispânico*. Nesta viagem de pesquisa, analisamos e catalogamos uma quantidade significativa de documentos do período colonial no Arquivo Nacional da Bolívia e, além disso, entramos em contato, com diversas obras relacionadas ao povo Chiriguano (guarani falante da Bolívia). Dentre estas obras estão, *La vida de los Índios* de (1912) de Erland Nordenskiöld; *Etno-histórias del Isoso: Chané y chiriguanos en el Chaco Boliviano* (2005) de Isabelle Combés; *Historia del Pueblo Chiriguano* (2007) de Thierry Saignes e a *Coleção Los Guarani-Chiriguano* (1988, 1989, 1990), Bartomeu Meliá, Francisco Pifarré e Xavier Albó.

Ao estudar estas obras, percebemos que a Batalha de Kuruyuki (1892) era historiada ou encarada, de maneira distinta pelos diferentes autores. *Suicídio coletivo, morte sem rendição, morte da “nacion” Guarani*, foram alguns dos termos usados para definir a derrota da população guarani falante, para os soldados do Estado Boliviano, em Kuruyuki no ano de 1892. Via de regra, as interpretações realizadas até os anos de 1980, indicavam um futuro sombrio para a população Chiriguano-guarani da Cordillera. Esta perspectiva pessimista, só foi alterada com a historiografia moderna e metodologias diversas das ciências humanas.

No entanto, a partir do ano de 1992, com as comemorações de 100 anos desta batalha, o episódio passou a ser lembrado como tema de reflexão entre as organizações para o desenvolvimento das populações indígenas da Bolívia; entre a população Guarani da *Cordillera*; entre pesquisadores das populações indígenas. Além do mais o centenário foi noticiado nos veículos de comunicação de um modo geral.

A superexposição do tema trouxe também interpretações equivocadas, ou mesmo inverídicas, sobre o episódio, bem como a apropriação e reinterpretação do fato histórico (Kuruyuki) para fins políticos. Esse fenômeno é observado tanto no discurso de fundação da Assembleia dos Povos Guarani (APG), quanto no movimento regionalista de autonomia

do Departamento de Santa Cruz de la Sierra. Ou seja, além da historiografia ter contextualizado Kuruyuki de múltiplas formas, alguns desses modelos interpretativos são usados - muitas vezes de forma equivocada - como sustentáculo no diálogo com o Estado, para a conquista de direitos tradicionais.

Entendemos que nosso trabalho de revisão historiográfica, é relevante, à medida que possibilita uma análise do processo de produção do conhecimento, relativo à Batalha de Kuruyuki, uma reflexão sobre obras relevantes para o tema, uma discussão sobre pontos de vista e as escolas de pensamento, as perspectivas, os discursos, os fundamentos teóricos e motivações que concorreram na análise do tema.

No campo teórico/metodológico nos baseamos em autores vinculados à *Escola dos Annales* ou *Nova História Cultural*, da tradição historiográfica francesa. Jaques Le Goff contribui com nosso trabalho teorizando a respeito de fonte (no nosso caso a historiografia), sendo que segundo o autor, não seria possível a constatação de uma verdade, sendo no final todo documento uma “mentira”, sendo o historiador o protagonista na interpretação das fontes (LE GOFF, 2003, p. 538).

Em se tratando de historiografia vale lembra as observações de Fernando Novais sobre o anacronismo. Se para um trabalho com fontes documentais “primárias” este problema já é de difícil solução, em uma *história da história* é algo que implica grandes dificuldades, por vezes não superadas (NOVAIS; SILVA, 2011, p. 8). É uma questão vinculada à época de produção das obras (que podem ser anos, décadas ou séculos diferentes), também, ao referencial teórico praticado em épocas distintas.

No presente trabalho encaramos a pesquisa historiográfica, orientados pelas concepções de Guy Bourdê e Hervé Martin (1993). Para os autores, a historiografia deve ser encarada como uma reflexão sobre os discursos dos historiadores, sobre o como eles refletem os métodos históricos, assim como uma reflexão sobre o como as diversas escolas históricas produziram História ao longo do tempo (BOURDÊ; MARTIN, 1993). Além disso, destacam que “[...] todo o historiador sofre pressões ideológicas, políticas e institucionais, comete erros e tem preconceitos” (BOURDÊ; MARTIN, 1993).

Entendemos que além de nosso trabalho ser uma pesquisa de análise historiográfica, ele também se enquadra na linha, que se convencionou chamar de História Indígena. Uma linha de pesquisa acadêmica que faz uso da metodologia etno-histórica. Metodologia que articula conhecimentos de várias áreas das ciências Humanas (história, antropologia, arqueologia e linguística) para escrever a história dos povos nativos americanos.

Para o nosso trabalho o campo da Antropologia foi muito importante, à medida que nos possibilitou uma aproximação dos sujeitos da história indígena, ou seja, os Chiriguano. Dialogamos com vários autores de forma consciente ou inconsciente. Essa contribuição pode ser no campo teórico, como é o caso de Marshal Sahlins, ou como modelo de produção de história indígena, o caso da antropóloga Manuela Carneiro da Cunha.

Certamente o antropólogo Marshall Sahlins é o autor que propõe os melhores subsídios para o nosso trabalho, ajudando na articulação entre a História e a Antropologia. Sahlins (1985), expoente da *antropologia histórica* destaca que não é possível escrever a história de um povo nativo (não ocidental) sem antes conhecer a cultura de determinado grupo social. Também, não seria possível realizar um estudo da cultura, sem levar em consideração a história deste mesmo povo. Para Sahlins estrutura (cultura) e evento (fato histórico) estão ligados, e na medida em que os acontecimentos são símbolos, a história pode ser organizada por estruturas de significado.

Metodologicamente tentamos visualizar e agrupar os autores e suas obras, em escolas historiográficas e, não sendo possível, analisar o trabalho de forma individual, pondo em evidência as principais características da obra e a formação de seus autores. Na medida do possível buscamos identificar a escola, o paradigma, o campo histórico e linha metodológica. José D'Assunção Barros (2012) destaca que:

[...] uma escola é, essencialmente, um grupo definido por aspectos identitários de naturezas diversas, conforme já foi discutido. Um campo histórico é uma modalidade historiográfica com a qual uma pesquisa pode se interconectar (lembrando que uma mesma pesquisa pode se interconectar com vários campos históricos ao mesmo tempo). Uma linha metodológica refere-se aos métodos e procedimentos, à maneira de “fazer”, empregados por um historiador ou outro profissional para produzir o seu trabalho (BARROS, 2012).

Nosso trabalho foi dividido em quatro capítulos, respectivamente, capítulo 1: Considerações Teórico-Metodológicas sobre Historiografia E História Indígena; Capítulo 2: Os Chiriguano (Guarani falante da Bolívia) e a Batalha de Kuruyuki; capítulo 3: Etnografias Missionárias ou Crônicas Missionárias; capítulo 4: Os Etnólogos; e capítulo 5: Os Historiadores.

No primeiro capítulo apresentamos uma reflexão acerca das teorias relacionadas a pesquisa historiográfica no campo da *História da História*. Refletimos a importância da produção de trabalhos dessa natureza; suas características principais; as fontes (vestígios) e as obras historiográficas encaradas como *fontes* históricas. A seguir, no mesmo capítulo, realizamos uma breve contextualização da História Indígena, uma linha de pesquisa na

qual se destaca a abordagem da etnoistória. Esta metodologia agrega métodos e fontes da Antropologia, da História, da Arqueologia, e da linguística objetivando escrever a história dos povos nativos indígenas.

No segundo capítulo, apresentamos o povo Chiriguano (guarani falante da Bolívia) através de uma breve contextualização histórica. Temas como as migrações Guaraní, a dominação do povo Chané, as guerras interétnicas e contra o Império Inca, organização social e política, e a relação dos Chiriguano, com os sistemas de conquista/colonização e missionário, são abordados com objetivo de esclarecer quem são os personagens dessa historiografia a ser estudada.

No terceiro capítulo, analisamos as obras de Bernardino de Nino (1918) e Angélico Martarelli (1892). Mais do que obras etnográficas, consideramos estes trabalhos *fontes*, por serem obras produzidas por autores contemporâneos da Batalha em Kuruyuki e também as consideramos obras históricas, à medida que os respectivos autores, escrevem a história dos Chiriguano para a posteridade. Nesse tópico destacamos a relação estabelecida entre a derrota do povo Chiriguano em Kuruyuki e o desmantelamento do sistema missional por parte do Estado boliviano.

No quarto capítulo, destacamos os célebres trabalhos etnográficos produzidos por Erland Nordenskiöld (1912) e Alfred Métraux (1931). Estes autores são os únicos, a destacar os acontecimentos de 1892 em Kuruyuki, entre os anos de 1918, com a obra do padre Bernardino de Nino e o ano de 1972, com o estudo de Sanabria Fernández. Trata-se de duas contribuições bastante significativas para a temática. Erland Nordenskiöld nos oferece um panorama da situação das comunidades Chiriguana-guarani da Cordillera pouco tempo depois do enfrentamento em 1892, visto que o etnólogo sueco visitou as comunidades Chiriguanas entre 1908 e 1909. Alfred Métraux contribui no entendimento dos movimentos xamânicos tupi-guarani, desencadeados por motivações políticas religiosas, liderados por homens denominados *tumpas* (Deus). O autor realiza também breve descrição dos movimentos *tumpaistas* mais relevantes e se posiciona também no caso de Kuruyuki e seu líder Apiaguaiqui-*tumpa*.

No quinto capítulo, realizamos um estudo historiográfico nas obras que de alguma forma contribuíram para o entendimento da Batalha de Kuruyuki. Trata-se de um longo capítulo, dividido em subcapítulos no qual analisamos as obras e os autores, primeiramente na tentativa de organizá-los segundo uma orientação teórica comum ou por outras afinidades. Assim o capítulo foi dividido da seguinte forma. Primeiro o trabalho de Hernando Sanabria Fernández (1972), uma obra importante e necessária, à medida que é a

única pesquisa, em que o autor historia exclusivamente a Batalha de Kuruyuki e o líder Apiaguaiqui-tumpa.

A seguir temos o que denominamos de Historiografia Missionária. As obras de Lorenzo Calzavarine (1980), Bartomeu Meliá (1988), Francisco Pifarré (1989) e Xavier Albó (1990). Trata-se de historiografia produzida a partir de documentação e testemunhos das ordens religiosas estabelecidas no Chaco com a intenção de evangelizar a população Chiriguana, e também são obras caracterizadas por forte militância indigenista.

Na sequência apresentamos o que denominamos de Historiografia Moderna. São trabalhos desenvolvidos por pesquisadores, com formação acadêmica em áreas variadas das ciências humanas. Nesta historiografia vemos por parte dos autores a intenção em criticar a produção que heroiciza o índio Chiriguano (Sanabria, 1972), que também generaliza os Chiriguano, não observando particularidades presentes nas regiões e comunidades distintas (Calzavari, 1980; Pifarré, 1989); ou seja, os Chiriguano passam a ser historiados da forma como as comunidades se reconhecem, sendo os povos Avas, Simbas e Isonenõs, (guarani falantes), com similaridades, e diferenças entre si. Nesta historiografia também é perceptível a crítica da manipulação do *fato histórico* Kuruyuki, com objetivos políticos diversos, principalmente relacionados à Assembleia dos Povos Guaraní (APG) ao Movimento de autonomia do Departamento de Santa Cruz de la Sierra.

## CAPÍTULO I

### CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE HISTORIOGRAFIA E HISTÓRIA INDÍGENA

Neste capítulo faremos breve reflexão a respeito dos conceitos de História, Historiografia e História indígena.

#### 1.1. A HISTORIOGRAFIA COMO FONTE E OBJETO DO HISTORIADOR

Compreendem-se como *fonte histórica* – elemento essencial para o trabalho do historiador – os vestígios produzidos pelo homem através dos tempos, os quais podem ser de origem material e imaterial. Eles são a base para a construção do conhecimento histórico.

Historicamente, o termo constantemente usado para definir esses vestígios é documentação escrita ou *documento*. Este Material foi, durante muito tempo, atrelado e controlado pela escola historiográfica metódica que defendia a ideia de oficializar (ou não) esses vestígios. Ou seja, a documentação usada pela historiografia teria mais crédito ou legitimidade se fosse chancelada pelos governos ou Estados. Esse modelo só levava em consideração a história dos vencedores e grandes líderes em detrimento dos vencidos e das pessoas comuns. O historiador Jacques Le Goff (2003) destaca que “todo documento é um monumento ou um texto, e nunca é puro, isto é puramente objetivo (LE GOFF, 2003, p. 30)”.

A partir da Escola dos Annales ou Nova história Cultural, passa-se a defender que são os historiadores, cada um com seus métodos, que produzem suas próprias fontes a partir de um referencial teórico presente. Le Goff observa que todo documento faz parte dos esforços, das sociedades no tempo, de imporem ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem delas próprias. Nesse sentido, não seria possível constatar uma verdade, sendo “todo documento uma mentira”, cabendo ao historiador o papel de protagonista na interpretação dessas fontes (LE GOFF, 2003, p. 538).

A moderna historiografia – que dialoga com as Ciências Sociais – sobretudo a do período posterior ao movimento conhecido como Escola dos Annales, até a chamada Nova História, compreende como vestígios ou fontes não só os documentos oficiais, mas também todas as manifestações permanentes do homem no tempo. Por exemplo, costumes passados de pai para filho por meio da tradição oral, obras imagéticas como o cinema e as pinturas, iconografias, obras literárias, vestígios arqueológicos e a própria história produzida através dos tempos. Desse modo o conceito de *fonte* foi ampliado e essa nova realidade requer do historiador um domínio maior de conceitos e métodos praticados por outras ciências. Essa interação é conhecida no meio acadêmico como interdisciplinaridade.

É possível perceber que lidar com as fontes num trabalho de pesquisa histórica não é algo automático e muito menos simplificado. A historiadora e cientista social Carla Bassanezi Pinsky (2010) destaca que o próprio uso das fontes tem uma história, à medida que os interesses dos historiadores variaram no tempo e no espaço, estando essa variação diretamente ligada aos interesses pessoais, às identidades culturais de cada pesquisador (PINSKY, 2010, p.10).

Com a ampliação do conceito de *fonte*, ou vestígios, há uma maior diversificação dos objetos de pesquisa e a própria história produzida através dos tempos – a historiografia – passa também a ser objeto de pesquisa e reflexão por parte dos historiadores.

Pode-se entender o conceito de historiografia a partir de duas acepções. A primeira refere-se às correntes historiográficas de determinadas nações e suas particularidades. A segunda relaciona-se à reflexão sobre a produção e a escrita da História sobre determinado tema.

Segundo Guy Bourdê e Hervé Martin (1993), a historiografia deve ser encarada como uma reflexão sobre os discursos dos historiadores, sobre o como eles refletem os métodos históricos, assim como uma reflexão sobre o como as diversas escolas históricas produziram História ao longo do tempo (BOURDÉ; MARTIN, 1993). Além disso, destacam que “[...] todo o historiador sofre pressões ideológicas, políticas e institucionais, comete erros e tem preconceitos” (BOURDÉ; MARTIN, 1993). Kalina Silva e Maciel Silva (2006) salientam que o processo de reflexão sobre a historiografia possibilita que o historiador contemporâneo entenda os elementos comuns, ou não, aos intelectuais do mesmo período, evitando, assim, erros e equívocos que já tenham sido cometidos (SILVA; SILVA, 2006, p. 189).

Rogério Forastieri da Silva (2001) ressalta que a atenção por parte dos historiadores acerca do entendimento da historiografia não é algo novo, uma vez que na antiguidade clássica, com a produção dos historiadores greco-romanos, já existia essa preocupação. Posteriormente, na Idade Média, os historiadores comparavam suas obras com os trabalhos até então produzidos, observando as rupturas e as continuidades com a intenção da reflexão historiográfica (FORASTIERI DA SILVA, apud SILVA; SILVA, 2006, p. 190). Contudo, Silva e Silva destacam que, se a historiografia é fruto da História como disciplina acadêmica, foi com o estabelecimento da Disciplina no meio acadêmico que a historiografia começou a ser pensada a partir de teorias e metodologias adequadas e que o pioneirismo cabe ao historiador suíço Eduard Fueter com sua obra *História da historiografia Moderna*<sup>1</sup> de 1911. Nesta obra, o autor afirma que toda nova abordagem histórica se origina de um acontecimento que determina o rumo da própria história (FUETER, 1911, apud BURKE, 1990, p. 8).

O historiador José Jobson de Andrade Arruda (2008) pontua que não cabe à historiografia a reflexão sobre a totalidade das produções humanas, mas a que diz respeito à produção histórica. Tal análise deve estar articulada com o que o autor chama de “circunstanciamentos” mais gerais, ou seja, com o estabelecimento de relação entre o autor, a obra e o meio (ARRUDA, 2008, p. 8). Arruda é mais claro quando destaca que

O historiador opera diante de ações realizadas, cuja significação procura desvendar. No entanto, a História encontra-se permeada não apenas por significações atribuídas pelos homens às suas ações e expressas nas suas intenções, mas também por uma significação objetiva. Delineia-se por esse meio um duplo plano, que é preciso apreender no tecido da História: o das práticas dos sujeitos e suas formas de consciência e o da realidade objetiva, isto é, da significação objetiva (ARRUDA, 2008, p. 8).

Arruda destaca, ainda, que um trabalho que visa estudar a historiografia tem por finalidade integrar a compreensão da história escrita nas obras com as visões e as teorias que as orientaram ou circunstanciaram; com os estudos das forças de percepção conscientes ou inconscientes; com as ideologias que estão no interior das obras estudadas. Esse trabalho histórico estaria assim, segundo Arruda, próximo à teoria da ideologia proposta por George Duménil que considera a ideologia como “a estrutura conceitual, consciente e inconsciente, que sustenta uma sociedade” (DUMÉNIL, 1967, p.65, apud ARRUDA, 2008, p. 8). Estaria também próximo à teoria da sociologia do conhecimento pensada por Dumont que compreende haver uma conexão entre o conhecimento produzido

---

<sup>1</sup> FUETER, Eduard. *Geschichte der Neueren Historographie*. Tradução francesa, 1914. Tradução espanhola, 1953.

pelos historiadores com as formas pelas quais estes historiadores estão inseridos na sociedade e no seu tempo:

Esta especial inserção orienta a atenção, o interesse para determinados problemas, para a formulação teórica, para a fixação de pressupostos e valores que afetam em certo grau, a escolha dos materiais e a eleição dos problemas, intervindo diretamente no processo de investigação (DUMONT, 1977, p.16, *apud* ARRUDA, 2008, p.8).

Arruda destaca que o trabalho de reflexão da historiografia estaria na base do pensamento científico “[...] porque dela não pode estar ausente à perspectiva de avaliação, de classificação segundo critérios determinados” (ARRUDA, 2008, p.8). Apesar disso, o autor reconhece que a relação entre a produção cultural e a história que a produziu é complexa e escapa, muitas vezes, às abordagens de critérios rígidos de análise.

Vê-se que existem muitos fatores a serem levados em consideração na realização de um trabalho historiográfico. É possível que o principal cuidado ao se desenvolver uma análise historiografia seja com o anacronismo em relação às interpretações. À medida que cada obra corresponde a uma determinada época, possuindo recortes temporais específicos, torna-se necessário, ao historiador, compreender os conceitos e os modelos inerentes ao conjunto das obras sob análise.

Lucien Febvre considerava, em sua época, o anacronismo como o grande pecado do historiador; refletindo sobre o conjunto de ideias anteriores, observa-se que a advertência de Febvre continua atual para a epistemologia da História, sendo questão ainda fundamental para a escrita da História. Nesse sentido, Fernando Novais e Rogério Forastieri da Silva (2011) em trabalho recente<sup>2</sup> apontam que nos livros dedicados aos estudos historiográficos, via de regra, propõe-se uma análise dos vários momentos da escrita da História e seus respectivos contextos, não conseguindo evitar uma interpretação que converge para as formas mais recentes do fazer historiográfico, sobretudo, os modelos e filiação do próprio autor. Para Novais, fazer história da História implica grande dificuldade, por vezes não superada, em lidar com o anacronismo (NOVAIS; SILVA, 2011, p. 8).

Entende-se então que a historiografia é o estudo das múltiplas tendências que visam a construir o conhecimento histórico, propiciando múltiplas interpretações, as quais estão em constante mudança, à medida que os objetos da pesquisa científica são novamente estudados a partir de novos pressupostos teórico-metodológicos. Estas interpretações estão

---

<sup>2</sup> NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério Forastieri da. *Nova História em Perspectiva* Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

relacionadas às fontes, e, no caso do trabalho de historiografia, às obras produzidas sobre determinado tema; ao aparato teórico/metodológico selecionado, às escolhas de objeto e recorte cronológico ou temático realizado pelo historiador.

Percebe-se que a História seria, assim, uma ciência realizada a partir de escolhas e que essas escolhas estariam refletidas no trabalho histórico. Desse modo, as reflexões sobre as interpretações e as correntes historiográficas deveriam ter por objetivo principal a busca de novas significações para o “fazer historiográfico”, com vistas a desmistificar as chamadas “verdades históricas”.

Sem compreender a historiografia, o historiador possivelmente não irá desenvolver uma reflexão crítica do que escreve. Além do mais, quando se entra em contato com determinado tema e este tema passa a ser objeto de pesquisa, uma das primeiras coisas a se fazer é a revisão historiográfica, com o objetivo de se perceber como o assunto escolhido já foi abordado por outros pesquisadores.

A intenção de apresentar essas discussões foi no sentido de demonstrar que a historiografia é objeto que propicia múltiplas interpretações e que essas estão em constante mudança e que o estudo historiográfico estão no âmbito do ofício do profissional de História, uma vez que a historiografia é fonte e objeto de pesquisa.

## **1.2. HISTÓRIA INDÍGENA**

O estudo que se propõe sobre a historiografia e a história da Batalha de Kuruyuki (1892) inserem-se no campo temático epistemológico da História Indígena, tendo por objetivo o desenvolvimento de reflexões sobre a trajetória histórica e sociocultural dos povos nativos da América, desde o período pré-colonial até os dias de hoje.

A História Indígena é entendida como uma linha de pesquisa na qual se sobressai a abordagem etnohistórica. Esta metodologia agrega métodos e fontes da Antropologia, da História, da Arqueologia, da linguística, etc. É vista pelos historiadores como um dos melhores métodos para escrever a história dos povos nativos americanos (CAVALCANTE, 2011; EREMITES DE OLIVEIRA, 2003).

Em relação ao diálogo com a Antropologia, considera-se para o nosso trabalho, o entendimento de Graciela Chamorro (2011) que coloca a Antropologia mais como um aporte importante no confronto e na aproximação aos documentos históricos com descrições etnográficas, e menos como uma leitura de documentos históricos embasada em conceitos e teorias antropológicas (CHAMORRO, p.149).

No contato inicial com a temática indígena, ainda na graduação, por meio de trabalho de iniciação científica, nos deparávamos com os trabalhos do professor John Manuel Monteiro, apresentados como referência para o estudo da história das populações nativas do Brasil. No trabalho de John Manuel Monteiro, intitulado *Os Guarani e a História do Brasil Meridional séc. XVI – XVII*, o autor destaca que no Brasil a “verdadeira” história dos povos indígenas ainda tem que ser desenvolvida (MONTEIRO, 1992, p. 475).

Se o povo Guarani ocupa um lugar de relevo na etnologia brasileira e sul-americana, o mesmo não se pode afirmar em relação à historiografia, em que sua presença tem sido bem menos marcante. De modo geral a historiografia, sobretudo a brasileira, tem reservado ao índio o papel de figurante mudo ou de vítima passiva dos processos coloniais que o envolviam.

Monteiro salienta, ainda, que:

Falta aos estudos históricos a percepção de que a presença e participação dos Guarani nos múltiplos processos que transformaram a geografia humana de toda uma vasta região tenham sido elementos decisivos na história colonial (MONTEIRO, 1992, p. 476).

O trabalho aqui proposto tem como objetivo participar da construção da história dos Chiriguano – povo guarani falante da Bolívia – em específico, da história do conflito em Kuruyuki, no ano de 1892, levando em consideração os problemas constatados por John Monteiro (1992) na historiografia dos povos indígenas. Porém, não se pode esquecer que no período colonial muitos cronistas já intentavam escrever obras históricas e etnográficas acerca dos povos nativos.

Essas obras, geralmente, eram produzidas com metodologias definidas, respeitando-se as fontes, sendo bons exemplos do que se pode chamar na atualidade de História Indígena, levando-se em consideração que elas atendiam uma demanda voltada para a formação dos missionários, com o objetivo de consolidar a evangelização dos povos nativos; ao mesmo tempo, elas eram instrumento de conhecimento e de dominação colonial.

No século XX os Chiriguano, povo Guarani falante da Bolívia, receberam uma efetiva atenção da historiografia latino-americana. Isabelle Combés (2005) destaca que os Chiriguano – na atualidade denominados e autodenominados Guarani ou Ava – são um dos grupos étnicos mais estudados do ponto de vista histórico (COMBÉS, 2005, p. 223).

## CAPÍTULO II

### OS CHIRIGUANO (GUARANI FALANTE DA BOLÍVIA) E A BATALHA DE KURUYUKI

Neste capítulo, vamos realizar breve História da etnia Chiriguano – povo guarani falante da Bolívia – e do conflito armado, conhecido como Batalha de Kuruyuki (1892).

#### 2.1. BREVE ETNO-HISTÓRIA DOS GUARANI FALANTES DA CORDILLERA CHIRIGUANA

A partir de documentos do período colonial<sup>3</sup> é possível inferir que grupos de fala Guarani começaram suas migrações rumo ao *pie de monte andino*, região posteriormente conhecida como *Cordillera Chiriguana* ou *Chiriguania*, provavelmente no período anterior à chegada do conquistador europeu. Essas migrações que partiam de territórios que atualmente pertencem ao Brasil e Paraguai, se estenderam até por volta do ano de 1560.

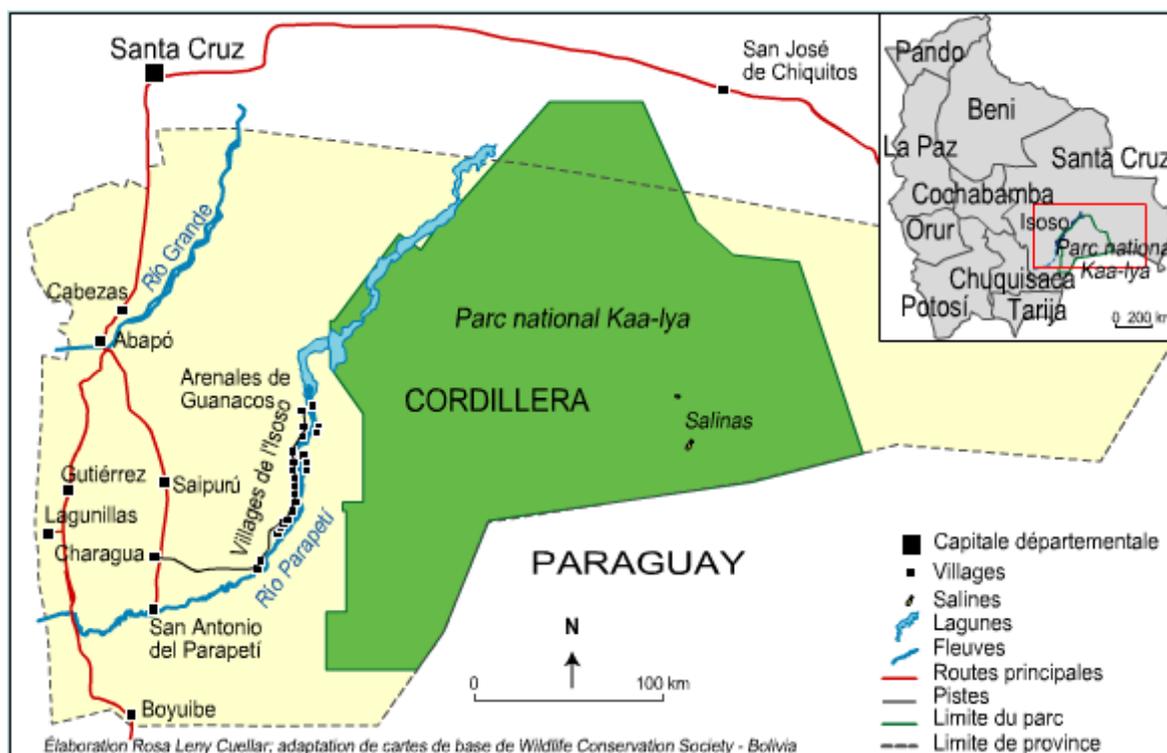
A *Chiriguania* englobava a escarpa oriental da cordilheira andina e se situava, segundo Francisco Pifarré (1988), ao norte, a uns 80 km acima do Rio Guapay, indo em direção sul até o Rio Bermejo. O noroeste conglomerava uma pequena faixa que variava de 15 a 20 km; a sudoeste poderia alcançar mais de 100 km, englobando cidades como Tarija e Potosí (PIFARRÉ 1988, p.37).

---

<sup>3</sup>Aleixo Garcia, entre 1521 a 1526, Domingo de Irala, em 1548; Juan de Ayolas, por volta de 1537; e também, Álvaro Nunes Cabeza de Vaca, em 1542 - 1543.



Mapa 2 – Localização do Isoso na Província da Cordillera, Bolívia.



**Fonte:** COMBÉS, Isabelle. *Alto y Bajo Isoso. Géographie et pouvoir dans le Chaco bolivien*. Disponível em: <http://mappemonde.mgm.fr/num6/articles/art05201.html>. Consultado em: 15 de julho de 2013.

Isabelle Combés (2005) destaca que todo o conjunto documental do período colonial coloca os *Chiriguanaes* como intrusos na região do Chaco e *pie de monte andino*, sendo eles provenientes de vários pontos do atual Brasil e Paraguai, tendo como fala a língua Guarani (COMBÉS, 2005, p. 68).

A autora ainda complementa baseada em testemunhos recolhidos por Domingo de Irala em 1542, que é inegável que as migrações ocorreram, em grande número, no período colonial. Além do mais, não haveria motivo para descartar a hipótese desses movimentos migratórios, tenham sido realizados no período pré-colonial, levando em consideração as fortificações Incas construídas na fronteira oriental do Império para proteger-se contra os Chiriguanos (COMBÉS, 2005, p.69). Outro fator que aponta para ancestralidade das migrações e a “guaranização” da população Chané constatada por Irala e Cabeza de Vaca em 1543 (COMBÉS, 2005, p.69). Os Chané, encontrados por esses dois exploradores, falavam, segundo palavras de Irala: “ni más ni menos q. los mismos guaranys” (IRALA, 1941 [1542-1543], p. 316-317).

Ainda assim, Isabelle Combés salienta não ser possível provar se esses Chané, guarani falantes, apreenderam a língua nas proximidades do Alto Paraguai ou se falavam

guarani em seu território de origem – *la tierra adentro*<sup>4</sup> (COMBÉS, 2005, p. 69). Por fim, a autora reflete que o processo de aculturação, fusão e adoção de um novo idioma é um processo lento e deve ter começado no período anterior às incursões dos primeiros exploradores (COMBÉS, 2005, p. 69).

Francisco Pifarré (1988) registra que esses Guaraní enfrentaram uma gama de adversidades e, em muitas ocasiões, travaram combates contra tribos chaquenhas e também contra o grande império Inca (PIFARRÉ, 1988, p.25). Enrique de Gandia (1935), que as migrações ocorreram por três rotas distintas. Os indígenas da região do Paraná migraram por uma rota meridional, subindo o Rio Pilcomayo em direção à região de Tarija; os Guaraní falantes do Paraguai, por uma rota central, seguindo pelo Chaco em direção à Cordillera Central; e os Guaraní da região do Alto Rio Paraguai, por uma rota setentrional (GANDIA, 1935, p.20).

Em torno das motivações dessas migrações, muitas teorias foram propugnadas.

Isabelle Combés (2005) pondera que a maioria dos estudos referentes às migrações, a partir da obra de Kurt Nimuendajú (1987) [1914] e Hélène Clastres (1975), vinculam-nas à chamada busca da “terra sem mal”. Esse conceito foi recolhido por Nimuendajú entre os Guaraní Apapocuva do Brasil no início do século XX e refere-se tanto a um “paraíso” a que o homem Guaraní chega depois da morte, quanto a um “paraíso” terreno alcançável mediante rituais e, sobretudo, migrações conduzidas por grandes xamãs (COMBÉS, 2005, p. 70).

Combés (2005) destaca também a contribuição de Pierre e Hélène Clastres com uma interpretação política do fenômeno. Esses pesquisadores entendiam que as migrações seriam uma resposta da população às crises políticas nas comunidades guaraní. As crises estariam ligadas ao surgimento de chefes poderosos e autoritários. Nesse sentido, as migrações teriam por finalidade combater a formação de um poder centralizador, em último caso, do próprio “Estado” (COMBÉS, 2005, p. 71).

Bartomeu Meliá (1988) não descarta nem a hipótese relacionada à mitologia Guaraní, nem a de caráter político organizacional, mas apresenta uma teoria ligada à racionalidade econômica das comunidades Guaraní. A “terra sem mal”, segundo o autor, seria antes de tudo uma terra boa, fácil de ser cultivada, produtiva, suficiente, amena,

---

<sup>4</sup> Segundo informações recolhidas por Irala em 1543 no Puerto de los Reyes os Chanes estavam assentados na grande região entre o Pantanal a leste e a futura cidade de Santa Cruz de la Sierra ao oeste. COMBÉS, Isabelle. Dicionario Étnico: Santa Cruz la Vieja y su entorno en el siglo XVI. Santa Cruz de la Sierra: Instituto Latinoamericano de Misionologia, Editora Itinerários, 2010. p. 118.

tranquila e agradável, onde o povo Guarani pudesse viver, em sua plenitude, no seu modo de ser autêntico (MELIÁ, 1988, p. 23).

Pifarré (1988) corrobora este viés explicativo a partir do relato do clérigo Martín González de 1556, que os movimentos migratórios estavam ligados ao fato de os Guarani serem povos agricultores, que movimentavam-se, sempre plantando e cultivando. Essa relação com a produção de alimentos proporcionou um movimento cauteloso, feito em etapas. É importante dizer que, nessas viagens, caminhavam famílias inteiras, incluindo mulheres e crianças (PIFARRÉ, 1988, p.33).

Vale sublinhar que é recorrente, nos estudos sobre os Chiriguano, a relação da migração guarani com as várias expedições exploratórias<sup>5</sup> na bacia do Rio da Prata. Os Chiriguano serviam de um modo geral, de intérpretes, de guias e eram contingente bélico aliado na busca da mitológica Serra de Prata no período inicial da conquista do continente americano.

A chegada dos guarani falantes ao *pie de monte andino* resultou em intensa interação étnica com a população Chané, de origem Arawak, estabelecida na região. Os Guarani, apesar de em menor número, submeteram e *guaranizaram* esse povo, passando a ser conhecidos genericamente como Chiriguano<sup>6</sup>.

Mesmo assim, Isabelle Combés (2005) relativiza esta sempre citada submissão Chané com o estudo da região conhecida como Isoso: “el Isoso, más que otras zonas ‘chiriguanas’, mantiene viva su herencia chané” (2005, p. 32). Ao que se sabe, inicialmente essa relação foi de perseguição, à medida que os Chané habitavam a cordilheira, na região conhecida hoje como Alto Isoso, que compreende a porção da cordilheira andina, em que se encontram as nascentes do Rio Parapeti. Com a chegada dos Guarani, essas populações se deslocaram para o Baixo Isoso na parte chaquenha do Rio Parapeti, tentando fugir da escravização Guarani (2005, p. 61).

É importante destacar que o etnônimo Chiriguano não correspondia à autoidentificação desse grupo, mas sim a uma designação externa que, ao longo dos

---

<sup>5</sup> Aleixo Garcia, entre 1521 a 1526, Domingos de Irala, em 1548; Juan de Ayolas, por volta de 1537; e também, Álvaro Nunes Cabeza de Vaca, em 1542-43.

<sup>6</sup> No prefácio da edição alemã do livro *Exploraciones y aventuras en sudamérica*, 1924, Nordenskiöld observa o seguinte: “Los indios que en la actualidad conocemos con el nombre de Chiriguano emigraron en tiempos posteriores a la llegada de los españoles desde el este a la región que habitaban actualmente y se nombran a si mismos ava o mbia. Los Incas llamaban genéricamente chiriguano a la gente que habitaba las fronteras del imperio con el Chaco” p. 1. Cabe resaltar que os Chané, mesmo siendo filiados ao tronco lingüístico Arawak, sao hablantes do idioma Guarani, herança da dominação destes últimos, a partir do século XVI.

séculos, recebeu diversas conotações, em sua maioria, de caráter pejorativo<sup>7</sup>. A partir do início do século XX, essa denominação caiu em desuso e os três subgrupos Guarani falantes da Bolívia – os ava, os simba e os isoseños – passaram a se autodenominar Guarani ou Ava.

Segundo Pifarré (1988), com a submissão dos Chané e com a chegada de outras levas de Guarani de diferentes regiões do Paraguai e Brasil, o número de Chiriguano aumenta consideravelmente. Com o passar do tempo, isso, torna-se um grande problema para a coroa espanhola que precisava “pacificar” para poder, em um segundo momento, estabelecer boas rotas de escoamento de riquezas e alimentos.

A partir de 1560 a coroa espanhola e seus agentes desenvolveram mecanismos para que houvesse a conquista e a posterior colonização da área conhecida como *Cordillera Chiriguana*. Entre os mecanismos de conquista – enfrentamento armado, colonização com o estabelecimento de fazendas e núcleos populacionais - usados contra a população nativa, dentre as quais, a etnia Chiriguano-guarani, estão às missões religiosas jesuítas, franciscanas e dominicanas, em menor número, como mostram os trabalhos de Saignes (2007)<sup>8</sup> e de Pifarré (1989)<sup>9</sup>.

Como já vimos às missões religiosas entre os Chiriguanos, foi elemento decisivo na conquista e colonização da região, sendo responsável pela formação de núcleos populacionais, que viriam a tornar-se com o tempo, distritos e municípios.

Tinham um duplo objetivo. O primeiro era a questão relacionada à formação dos missionários e a missão de evangelizar, educar e proteger os indígenas em núcleos habitacionais onde poderiam transformar os nativos em homens cristãos tementes a Deus. O outro objetivo seria a de servir como ferramenta do Estado, para que a colonização da região acontecesse mais rapidamente e ouve-se uma integração desta população nativa aos colonos espanhóis. Ou seja, cumpriam as normas, e diretrizes, estabelecidas pela Coroa Espanhola.

A missão evangelizadora, na maioria dos casos, não foi bem sucedida, à medida que a população chiriguana não aceitava a presença de elementos estranhos na

---

<sup>7</sup> Ver: Langer. Protasio Paulo. Etimologia dos etnônimos atribuídos aos Guarani do Paraguai e da Cordilheira Chiriguana. In. Simpósio Temático “Os Índios e o Atlântico”, XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH, São Paulo, 17 a 22 de julho de 2011.

<sup>8</sup> SAIGNES, Thierry. Historia del pueblo chiriguano: compilación, introducción y notas: Isabelle Combés. Bolivia, Instituto Francés de Estudios Andinos, Embajada da Francia en Bolivia, 2007, p. 233-272.

<sup>9</sup> PIFARRÉ, F., Los Guaraní-Chiriguanos 2. Historia de un pueblo, 542 p.; La Paz: CIPCA, 1989, p. 205-221.

comunidade, e também, em missões já estabelecidas – na maioria das vezes de forma precária - não aceitavam facilmente a doutrina religiosa imposta pelos missionários.

Posteriormente as primeiras tentativas, de forma mais organizada, trabalham com a evangelização dos Chiriguano religiosos de ordens diversas. Os Dominicanos de 1715 até 1727, que abandonaram as missões, motivados pela rebelião chiriguana que ocasionou a morte de dois missionários neste mesmo ano; Os Agustinos, entre os anos de 1715 e 1728, abdicando a missão, motivados por ataques Chiriguanos a Missão de Santa Clara; Os Mercedários em 1714, com a fundação de missão na cidade de Santa Cruz de la Sierra, para evangelizar os indígenas capturados na *Cordillera* e Os Clérigos diocesanos entre 1768 e 1772. O resultado destas missões foi à descontinuidade do trabalho, tendo a motivação principal, a negação do povo Chiriguano em aceitar a doutrina imposta pelos missionários.

Outro trabalho importante foi o realizado pelos missionários jesuítas a partir de 1715, até a expulsão da Ordem Religiosa Jesuíta em 1767. Os jesuítas fundaram missões importantes como: Missão *Inmaculada Concepción, Santa Rosa, Santa Ana e Nuestra Señora del Rosario*. Visitaram dezenas de comunidades, percorrendo toda a região da *Cordillera*, com um corpo de missionários experiente, composto pelos padres Julián Lizardi, Ignacio Chomé e José Pons, obtendo somente um êxito momentâneo. O trabalho de evangelização variava de uma relação pacífica e amistosa, com a população, para um panorama de desordem, enfrentamento e ataques às missões. Este insucesso deve-se a inúmeros fatores entre os principais estão: A relação de proximidade que a população Chiriguana percebia entre Espanhóis e Missionários, ou seja, os missionários eram vistos como intrusos e agentes da conquista territorial; a forma pouco diplomática que os jesuítas reprimiam o comportamento indígena, obrigando-os a alterar seu modo de vida tradicional; e ainda a crença que a presença dos missionários traria para as comunidades pragas e doenças. As adversidades foram tantas, inclusive com o sequestro e morte do padre Lizardi em 1635 que os missionários abandonaram a *Cordillera*, indo trabalhar com os chiriguanos em outros lugares, como a Missão de Santa Rosa – ao norte de Santa Cruz de la Sierra - e a seguir, nas missões dos Zamucos e Chiquitanos, até o decreto de expulsão em 1759.

Com a fundação do Colégio Missional de Tarija em 1755, os missionários franciscanos também se dedicaram a evangelizar a população Chiriguana da *Cordillera*. Os missionários franciscanos, em alguns casos, ocuparam antigas missões abandonadas dos jesuítas e também estabeleceram novos centros de evangelização, chegando ao número de vinte e duas missões franciscanas entre os Chiriguano. As missões franciscanas entre os

Chiriguano foram consideradas as mais bem sucedidas, tendo períodos de calma e aumento populacional e outros de intensas rebeliões. Trabalhar na região, de fato, significava estar no ambiente do confronto, Chiriguano versus Estado, Estado versus Chiriguano e em muitos casos, tentar pacificar conflitos entre capitânias e comunidades indígenas, ou seja, Chiriguano versus Chiriguano. Soma-se a isso, à problemática da evangelização de um povo, extremamente arredo e independente, que na maioria das vezes não se submetia as regras das missões, ou só se submetia, quando fosse do seu interesse.

Acrescente-se que o próprio modelo missionário estava sendo contestado por ser incompatível com a integração política, geográfica e territorial desejada pelos governos republicanos. Nesse sentido, Pifarré (1988) salienta que, se no início, as missões tiveram um papel de destaque no processo de colonização da *chiriguania*, em um segundo momento, com o estabelecimento de comunidades e de fortificações não índias na *cordilleira*, esse papel diminuiu e passou a ter um caráter mais econômico (PIFARRÉ, 1988, p. 270).

A derrocada desse sistema estava ligada, segundo o autor, ao modelo “diferenciado” das sociedades indígenas promovido pelas missões. Modelo que era visto pelas autoridades como incompatível com a integração geográfica, civil e política desejada pelos governos republicanos (PIFARRÉ, 1988, p. 270).

A insatisfação do Estado com o modelo praticado pelos missionários desencadeou a perda de poder dos evangelizadores no século XVIII e no início do século XX, a secularização das missões franciscanas em 1818.

Em 1825 ocorre a mudança do regime colonial, para o regime republicano, na região que compreende a atual Bolívia. Porém, essa nova realidade não significou uma mudança de atitude do Estado para com as comunidades chiriguanas. A relação de conflito foi ampliada fazendo com que o Estado investisse na conquista da região do Chaco boliviano e em consequência as populações nativas perderam o direito de lutar por suas fronteiras étnico-territoriais. Nesses termos, é importante mencionar o estudo realizado por Sanabria Fernández (1972). O autor estabelece uma relação direta entre o declínio territorial dos Chiriguano e as políticas de distribuições de terras praticadas pelo governo boliviano a partir da Guerra de Independência em 1825.

Em linhas gerais, essas políticas eram caracterizadas pela distribuição de terras consideradas “não conquistadas” a pessoas que tiveram destaque no conflito em prol da

Independência. Com isso, os Chiriguano e outras populações nativas da Bolívia tiveram seus territórios tradicionais diminuídos.

Assim, motivados pela situação precária de diminuição populacional e territorial, bem como pela escravidão nas fazendas, onde outrora fora seu território soberano, os povos Chiriguano levantam-se e, na última década do séc. XIX tentam reagir aos infortúnios, desencadeando o enfrentamento bélico final em Kuruyuki.

### **2.1.1. A BATALHA DE KURUYUKI (1892)**

A Batalha de Kuruyuki em 1892 foi considerada, por muitos autores, como o último grande levante Chiriguano, não só em prol da sobrevivência física, mas também em prol da autonomia cultural de um território. Essa resistência pelas armas teve seu momento derradeiro no mês de janeiro do ano de 1892; contudo, como se verá no trabalho de revisão historiográfica, não pode ser considerada como o último sopro de resistência dos Chiriguano.

Para Saignes (2005) e Pifarré (1989), a Batalha de Kuruyuki foi desencadeada devido aos constantes abusos praticados pelos fazendeiros das regiões próximas às capitâneas Chiriguanas, e devido à violência com que eram tratados os Chiriguano pelas autoridades crioulas locais (PIFARRÉ, 1988, p. 373). Nas décadas seguintes à independência boliviana, a situação territorial dos Chiriguano-guarani tornou-se insustentável, à medida que as áreas livres onde essa população poderia viver segundo sua cultura, a partir das novas leis, não estariam mais resguardadas (FENÁNDEZ, 1972, p. 80-81).

Além disso, especificamente nos últimos anos do século XIX, havia solicitação por parte da população Chiriguana e de lideranças da comunidade de Ivo, no sentido de se estabelecer na localidade uma missão religiosa. O que poderíamos a primeira vista, entender como uma reaproximação das comunidades indígenas é vista por Martarelli da seguinte maneira:

Frente a los atropellos y los abusos de los nuevos patrones, los chiriguanos recurren entonces “a los que antes hostilizaron y rechazaron”: como sus compatriotas de Guacaya, solicitan misión a los padres franciscanos (MARTARELLI; NINO, 2006 [1918] p.117)

A ideia de estabelecer uma missão e o conseqüente contato entre missionários e indígenas, sofria constante oposição de assentados de Ivo e Cuevo que, ao utilizarem contato direto com o Delegado do Supremo do Governo da Província, Senhor Melchor

Chavarría, faziam com que a decisão fosse sempre preterida. Pifarré (1988) coloca essa problemática como sendo a motivação inicial para a organização do movimento armado em 1892 com o objetivo de recuperar as terras perdidas pelos assentados nas fazendas (PIFARRÉ, 1988, p.373).

Os Chiriguano-guarani em vista de insatisfação por não terem a referida solicitação atendida e em vista de aspirarem manter, ainda que parcialmente, uma autonomia territorial, que criou ambiente propício para uma revolta que é acentuada com a aparição de *Tumpa* (hombre-dios) – líder espiritual e político – na comunidade de Ivo, a partir do dia 10 de dezembro de 1891.

Sobre *Tumpa* e sua significação, Alfred Métraux (1973) salienta que as condições históricas e as tradições míticas de muitos povos nativos da América do Sul, bem como as crises míticas, políticas e sociais favoreceram o surgimento de indivíduos reivindicando o papel de Deus ou de emissário divino (MÉTRAUX, 1973, p. 5)<sup>10</sup>.

Via de regra esses indivíduos, dotados de grande carisma, conseguiam arrastar multidões de indígenas em peregrinações pregando a expulsão da população não índia das terras tradicionais. No caso específico dos Chiriguano, o autor destaca o movimento messiânico de 1778, nas proximidades do povoado de Masavi, liderado por um andarilho desconhecido que auto intitulou-se *hombre-dius*, e o movimento de 1892, liderado por um jovem Chiriguano chamado Apiawaiki (Apiaguaiqui) que se atribuía poderes sobrenaturais (MÉTRAUX, 1973, p. 5).

Em 1892, um fato se destaca como o início dos movimentos contra os brancos: a violação e o assassinato de uma índia Chiriguana, parente do líder Asukari de Ivo, pelo corregedor *Karai*<sup>11</sup>, D. Fermín Sadias, no início do mês de janeiro de 1892.

Esse crime, conforme Pifarré (1988), não recebeu maior atenção por parte das autoridades bolivianas, provocando mais revolta entre lideranças Chiriguana. O autor salienta que este acontecimento precipitou o levante que originalmente estava marcado para a semana de carnaval; assim, a rebelião começou no dia 6 de janeiro de 1892, com grande concentração de lideranças e guerreiros guaranis em Kuruyuki (PIFARRÉ, 1988, p. 379).

---

<sup>10</sup> Este tema foi estudado recentemente por: Mezacasa, Rozeline (2012). Os Homens Tumpas da Cordillera Chiriguana: Resistência político-religiosa no final do século XVIII. Dissertação de Mestrado, no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados – MS.

<sup>11</sup> *Karai*: Homem branco, forasteiro. *Diccionario etimológico y etnográfico de la lengra guarani hablada em Bolivia – Guaraní – Español*.

Deve-se salientar, no entanto, que não foram todas as capitânicas chiriguanas que se envolveram na batalha, o que contraria a ideia da união total das comunidades contra os invasores crioulos. Segundo Combés (2005), várias capitânicas chiriguanas uniram-se para lutar sob as ordens de Apiaguaiqui, o novo *Tumpa*, e algumas comunidades não só se mantiveram-se neutras, como apoiaram a repressão das tropas do Estado contra os revoltosos (COMBÉS, 2005, p. 39).

É pertinente destacar que o não envolvimento de algumas comunidades Isosenas – da região do Isoso – na resistência de 1892 não é posta em evidência, atualmente, por líderes chiriguanos no Isoso, como comprova Isabelle Combés (2005):

Los Capitanes del Isoso quisieron censurar a la autora de estas líneas cuando evoco la participación isosenã contra el tumpa en una publicación sobre la historia del Isoso; de la misma manera, decir que los isoseños son descendientes de chané, y ex esclavos de los ava chiriguanos, es un tema tabú. Tapii en isoso ya no quiere decir esclavo, sino... guarani más puro (COMBÉS, 2005, p. 229).

Pontue-se que os ataques das forças chiriguanas começaram na madrugada de 07 de janeiro de 1892, com investida surpresa a um corpo de soldados na quebrada de Mandijuty, onde pereceram um tenente e seis soldados, vítimas de flechas.

Em seguida, houve saque e incêndio ao povoado de Ñnumby-te, resultando várias mortes de “cristãos” refugiados naquela localidade; tentativa de se conquistar a guarnição militar do quartel de Santa Rosa (PIFARRÉ, 1988, p. 379); tomada de várias fazendas em toda a *Cordillera*; assaltos nas fazendas de Pipi, Itakyse, Jaguakua e Juty em Camiri; invasão na estância de Morevitindi, localizada nas proximidades de Lagunillas; incêndio a residências das famílias Franco e Chaves na região do Alto Parapetí; ataques que resultaram em alguns mortos nas proximidades de Charagua, na região do Grande Parapetí. Em Cordillera Central, caíram em mãos chiriguanas as fazendas Kajaragua, Ñankaroina, Karandaiti e Madejapekua. Houve também ataques às propriedades próximas à comunidade de Ivo (PIFARRÉ, 1988, p. 379).

Com esse cenário, as forças do Exército Boliviano foram deslocadas rapidamente dos povoados de Lagunillas, Charagua, Gutiérrez, Saucos e Mayupampa para as localidades de Ivo e Cuevo, onde, na comunidade de Kuruyuki, os Chiriguano estavam entrincheirados (COMBÉS, 2005, p. 39). No final de Janeiro de 1892, essas tropas recebem apoio de militares provenientes de Santa Cruz de la Sierra e, logo após, do coronel Melchor Chavarría, vindo da cidade de Sucre, no altiplano, para liderar as forças do Estado (COMBÉS, 2005, p. 39). No dia 28 de janeiro de 1892, ocorre a batalha que sufocou, de forma definitiva, a rebelião Chiriguana de caráter messiânico na Cordillera.

Os dados encontrados em informe do coronel Melchor Chavarría (1892), reproduzido com algumas alterações por Sanabria Fernández (1972), vê-se que o combate final teve como resultado cerca de mil indígenas mortos no dia 28 de janeiro. Sanabria estimou, levando em consideração os enfrentamentos ocorridos no período de dezembro de 1891 a março de 1892, a batalha de Kuruyuki e as perseguições de fugitivos – um número total de 6100 indígenas Chiriguano que ou foram mortos ou foram feridos (SANABRIA, 1972, p. 229-231).

O levante Chiriguano-guarani, que culminou com a batalha em Kuruyuki em 28 de janeiro de 1892, foi, de fato, o último enfrentamento armado contra a ocupação do território tradicional desse povo.

Os Chiriguano-guarani foram até o fim, exemplo da não submissão aos conquistadores e aos colonizadores. Fatores como conhecimento territorial, facilidade de mobilidade, nomadismo, táticas de guerrilha e efetiva capacidade na produção de alimentos são apontados como responsáveis por esse poder de resistência.

### **2.1.2. ETNOGRAFIAS MISSIONÁRIAS OU CRÔNICAS MISSIONÁRIAS: PADRE FR. ANGÉLICO MARTARELLI; PADRE FR. BERNARDINO DE NINO**

Neste subcapítulo vamos trabalhar com três obras consideradas fundamentais para o entendimento da História Chiriguana do final do século XIX e início do séc. XX. Estas obras foram relevantes para os intelectuais em todo o séc. XX no entendimento da Batalha de Kuruyuki em 1892. Trata-se da *Sublevación de los Indios Chiriguanos en las Provincias de Azero e Cordillera, Pertencientes a los departamentos de Sucre y Santa Cruz*, atribuído ao Padre Franciscano Angélico Martarelli em julho de 1892; *El Colegio Franciscano de Potosí y sus Misiones: Noticias Históricas*, escrita pelo Padre Martarelli em 1889<sup>12</sup> e por fim, *Prosecucion de la História del Colégio de Potosí y sus Misiones*, produzida pelo Padre Franciscano Bernardino de Nino em 1918.

Cabe ressaltar que as duas últimas obras foram reeditadas num único tomo no ano de 2006, com o título: *El Colegio Franciscano de Potosi y sus Misiones em el Chaco: Notícias Históricas recogidas por dos Misioneros del mismo Colegio*.

---

<sup>12</sup> Constatou-se que a data da publicação da obra de Angélico Martarelli (1890), citada na apresentação da reedição do ano de 2006 pelo padre Fr. Francisco Focardi (MARTARELLI, 2006, p. g), não confere com o ano de 1889 (p. S). Paginação irregular.

Na apresentação da reedição da obra *El Colegio Franciscano de Potosi y sus Misiones en el Chaco*, o padre franciscano Francisco Focardi destaca que o padre Angelo Martarelli nasceu na cidade de Tívoli, Itália, em 1836, e que aos dezessete anos de idade ingressou na Ordem Franciscana onde completou seus estudos e foi ordenado sacerdote em 5 de março de 1860 (FOCARDI, 2006, p. i. In: MARTARELLI, 2006).

Diante de eminente conflito bélico na Itália, padre Martarelli, já com 32 anos, solicitou admissão no Colégio de Propaganda de Potosí. A partir de Potosí, foi missioneiro no Chaco Boliviano mantendo residência na missão de Santa Rosa de Cuevo. Dedicou praticamente toda sua vida à atividades missionárias e faleceu na cidade de Buenos Aires, em 1906, logo após ter renunciado, por motivos de saúde, ao cargo de Prefeito de Missões do Colégio de Potosí (FOCARDI, 2006, p. i.).

O relato do padre Angélico Martarelli, intitulado *Sublevación de los Indios Chiriguanos en las Provincias de Azero e Cordillera, Pertencientes a los departamentos de Sucre y Santa Cruz*, foi produzida na cidade de Potosi em julho de 1892. Trata-se de um relato produzido pelo missionário Martarelli a cerca da revolta dos indígenas Chiriguanos em Kuruyuki. O autor destaca as comunidades rebeladas, as motivações, as ações dos agentes do Estado Boliviano, e principalmente, o protagonismo dos missionários Franciscanos na tentativa de pacificar os ânimos e evitar o combate.

Por se tratar do primeiro relato do combate – o próprio autor destaca que enquanto o texto era produzido, foi divulgada a informação da captura e o posterior fuzilamento do Tumpa – achamos necessário fazer um breve contraponto entre historiografia e a história produzida pelo autor, principalmente no que tange a participação dos missionários nas negociações de paz até o início do combate.

Martarelli inicia seu relato ressaltando que as rebeliões e os consequentes enfrentamentos que culminaram na Batalha de Kuruiuki foram planejados com certa antecedência e sigilo por capitães e caciques de maior influência nas comunidades. Entre as comunidades rebeladas, segundo Martarelli, estavam as de Carapari, Itacai, Choreti, Concapi, Saquarigua, Yuti, Caipipendi, Salinas, Pipi, Parapeti Grande, Taenarendi, Oquita, Carandaiti, Nacaroinza, Obay e Bitiagua, pertencentes às Províncias de Azero e Cordilheira. Essas comunidades foram lideradas, segundo o autor, por uma aliança de vários capitães, entre eles: Chabuco, Nambi, Guarirai, Yaguarico, Bocarapi, Tengua, Chaparilla, Guracha, Caripui, Yaspi, Guraroua, Asari, Cuire, Pachi e Ñatirama.

Esse movimento insurgente veio, conforme Martarelli, quebrar a paz e a tranquilidade estabelecida desde as últimas batalhas, no ano de 1875, em Guacaya. O autor

esclarece ainda que, com o estabelecimento da missão de San Pascual, em Boicobu, os missionários e alguns agentes do Estado acreditavam ser impossível uma nova revolta geral. Essa crença estaria diretamente ligada, segundo o autor, à timidez, à covardia e à visível falta de confiança dos Chiriguano após a grande derrota (MARTARELLI, 2006 [1892], p.2).

Superada a surpresa inicial em relação aos ataques Chiriguano, comunidades como Guacaya, Iguembe, Ingre e San Juan organizaram defesa – considerada insuficiente pelo autor – na comunidade de Yumbuiti Cuivo. A defesa formou-se motivada principalmente pelo medo das populações dessas comunidades, levando em conta o elevado número de índios infieis e a fragilidade dos armamentos e munições para defesa dos povoados (1892, p. 2).

O autor coloca-se como imparcial, elencando os quatro motivos principais, para o que chama de “insurgência entre os infieis”. O primeiro seria o amor do povo Chiriguano pela independência selvagem: preferiam morrer lutando, a sujeitar-se à migração e à dependência aos brancos. O segundo estaria ligado ao tratamento cruel que recebiam das autoridades e dos amos que, de uma forma pouco cristã, praticavam grande violência. O terceiro relacionava-se aos abusos a que as famílias *cambas*<sup>13</sup> eram submetidas por pessoas provenientes de outras regiões. E finalmente o quarto, relacionado à oposição sistemática – por parte do Estado e de lideranças locais – ao estabelecimento de uma missão de diálogo, com intuito de pacificar a região. O diálogo foi solicitado por lideranças chiriguanas, segundo o autor, diversas vezes, sem o retorno esperado (1892, p.3).

Martarelli salienta que uma tentativa de diálogo foi posta em prática em setembro de 1891, momento em que lideranças enviadas pelo governo estiveram na comunidade de Ivo para tratar questões referentes à área cedida para a missão de Santa Rosa. As lideranças indígenas relataram às autoridades as condições precárias em que a população chiriguana vivia. Por conta desses reclames, nos meses seguintes, foram constantemente hostilizadas, inclusive com o uso de violência (1892, p. 3).

Torna-se possível, assim, por meio de uma reflexão inicial, estabelecer algumas conclusões. A primeira diz respeito à maneira – em concordância com sua formação cristã

---

<sup>13</sup> Segundo Sylvain Souchaud e Rosana Baeninger (2008) os *cambas* são os membros das comunidades nativas das regiões baixas da Bolívia, principalmente Guarani e Chiquitano. SOUCHAUD, Sylvain; BAENINGER, Rosana. Collas e cambas do outro lado da fronteira: Aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. R. bras. Est. Pop., São Paulo, v. 25, n. 2, p. 271-286, jul./dez. 2008

e muito usual para a época estudada – com que o autor avalia a população Chiriguano. Os Chiriguano seriam os “infiéis” e as insurgências seriam inerentes à sua bárbara cultura.

Mesmo destacando, em sua primeira lauda, a paz e a tranquilidade estabelecida na região, no período anterior às rebeliões, o autor cai em contradição duplamente, pois tem ciência e destaca a situação difícil enfrentada pela população chiriguana no convívio tanto com os agentes do Estado, quanto com os colonos estabelecidos na região. Também deixa de lado o histórico enfrentamento dos falantes guarani da Cordillera contra invasores no período colonial e novamente no período republicano.

Assim entendemos que a “paz” e tranquilidade apontada pelo autor estavam mais ligadas ao progresso do trabalho missionário e à situação próspera de alguns fazendeiros. Ou seja, à evangelização dos infiéis e à criação de gado. Entendemos que o autor tem clara intenção de destacar o protagonismo dos missionários no processo de paz entre o estado e os Chiriguano.

O padre Fr. Angélico Martarelli afirma que os grupos insurgentes concentraram-se em Kuruiuki, território de Ivo, próximo à Missão de Santa Rosa, no início do mês de dezembro de 1891. Com intuito de não levantar suspeitas das autoridades locais acerca dos planos de rebelião, os líderes convocaram uma “*rogativa general*” – oração coletiva com objetivo de resolver determinado problema – não despertando, assim, desconfiança pela grande quantidade de pessoas no local.

Nesse ritual, a população nomeou um indígena como *Dios Tumpa*, e este começou a professar um futuro próspero para o povo Guarani. Martarelli destaca que o padre Romualdo Dambrogi, por ser fluente na língua guarani, juntamente com lideranças locais, apresentou-se ao *Tumpa* com o intuito de descobrir suas reais intenções. A conversa foi carregada de tensão, porém, o indígena manifestou-se de forma submissa, declarando que o encontro estava sendo realizado de forma pacífica, com o objetivo de se efetuar uma reza de forma tradicional para se ter um ano abundante depois de um período de bastante penúria. Com isso, o missionário Dambrogi sugeriu que as rezas fossem feitas para o Deus cristão nas igrejas de cada localidade e destacou que, por conta da grande aglomeração de indígenas, os cristãos estavam alarmados e suspeitavam da insurgência dos indígenas. *Tumpa* prometeu obedecer ao missionário; no entanto, as reuniões objetivando a revolta continuaram. Martarelli destaca que, além desta tentativa de se estabelecer a paz, houve outras, apesar de não se ter obtido qualquer garantia do estabelecimento da mesma.

Houve ainda o envio do capitão da Missão de Santa Rosa a Ivo com o mesmo propósito, mas os indígenas, liderados por *Tumpa*, declararam não temer represálias nem

por parte do subprefeito de Sauced e nem por parte de mil cristãos armados. Com essa declaração e com a negativa dos indígenas em acabar com as reuniões consideradas subversivas, Martarelli considera que a declaração de guerra tinha sido feita e era só uma questão de tempo para que os enfrentamentos começassem (1892, p. 6).

O padre Angélico Martarelli destaca o dia 6 de janeiro como a data inicial dos primeiros confrontos.

É importante destacar que o padre Martarelli e o padre Romoaldo D'Ambrogio são considerados testemunhas oculares dos enfrentamentos entre os agentes do estado boliviano e os indígenas Chiriguano-guarani em Kuruiuki e cercanias. Porém, seus escritos são carregados de uma ideologia cristã própria, vigente na Igreja Católica e na ordem religiosa Franciscana daquele período.

Na reedição intitulada: *El Colegio Franciscano de Potosi y sus Misiones en el Chaco: Notícias Históricas recogidas por dos Misioneros del mismo Colegio* de 2006, temos as obras do já mencionadas do Padre Fr. Angélico Martarelli, *El Colegio Franciscano de Potosí y sus Misiones: Noticias Históricas* (1889) e do Padre Fr. Bernardino de Nino: *Prosecucion de la Historia del Colegio de Potosí y sus Misiones* (1918). Segundo o Padre Francisco Focardi, esta obra de 1918 é uma versão corrigida e ampliada por Nino, do trabalho de 1889 de Martarelli. Segundo Focardi (2006), as duas obras, em quase totalidade, são dedicadas a descrever a história da conquista e da colonização das últimas comunidades guaranis autônomas do Chaco Boliviano e cercanias, dando ênfase nos costumes, língua e características dos indígenas, bem como o regime administrativo, econômico e espiritual das missões. Focardi ainda observa que, neste período, a conquista resumia-se à luta do estado boliviano de caráter liberal contra os indígenas e missionários franciscanos presentes na região (FOCARDI, 2006, p. i.).

Em específico para nosso trabalho, o Padre Fr, Francisco Focardi, destaca que o capítulo intitulado: *Misión de San Buenaventura de Ivo*, referente à Batalha em Kuruyuki é baseado no relato de 1892, que abordamos no início do Capítulo. Ou seja, não se trata de informações ou reflexões novas a respeito de Kuruyuki, mas a obra como um todo, nos serve para entendermos quem eram estes intelectuais e as possíveis motivações de seus trabalhos.

O Padre Fr. Bernardino de Nino nasceu na localidade de Abruzos, Itália em 29 de agosto de 1868. Foi ordenado sacerdote em 1º de março de 1891, sendo transferido para o Colégio de Potosí neste mesmo ano. A partir de 1893 trabalhou nas missões de Boicobo, Santa Rosa, Cuevo e Ivo, sendo considerado um missionário pudente, inteligente e dotado

de grande capacidade para o aprendizado da língua do povo Chiriguano. Foi designado vice-prefeito e Prefeito por duas vezes, da localidade de Misiones. Além destas atribuições, Bernardino Nino escreveu a História das missões e dos povos nativos que as habitavam. Em destaque: *Etnografía Chiriguana* (1911) e *Guía el Chaco Boliviano* (1912). O Padre Bernardino de Nino faleceu em Buenos Aires em 02 de setembro de 1923 (FOCARDI, 2006, p. g).

Bernardino Nino (1918) descreve o trabalho dos missionários nas várias missões e paróquias de Tomina, Azero e Cordillera. Tenta caracterizar de forma geral as etnias presentes na região de abrangência missional e por fim, apresenta uma série de documentos referentes ao Decreto Supremo de 15 de janeiro de 1915, que secularizava as Missões de San Antônio e San Francisco del Parapití e Itatiqui. Este decreto obrigava os missionários a entregar todos os bens e trabalhos para as autoridades civis. Convertendo as Missões em Paróquias rurais. Este processo traumático para ordem religiosa, segundo o Padre Francisco Focardi, foi decisivo para a consolidação de um procedimento de tomada das terras tradicionalmente ocupadas por Chiriguano-guarani. Ou seja, sem a proteção das missões os indígenas ficaram totalmente desprotegidos frente ao Estado e seu ímpeto desenvolvimentista liberal (FOCARDI, 2006, p. i).

A obra *Prosecucion de la Historia del Colegio de Potosí y sus Misiones* (1918) do Padre Nino, é uma obra destinada a demonstrar o trabalho dos missionários franciscanos na evangelização do povo Chiriguano e por consequência, a contribuição da ordem religiosa na pacificação, colonização e no estabelecimento dos agentes do Estado nos territórios tradicionais indígenas. É contraditório pensar que se por um lado a missão era peça chave para a conquista dos indígenas, por outro, era um grande empecilho ao Estado e seus projetos de colonização cuja intenção era o expurgo dos indígenas dos últimos territórios independentes.

Na segunda parte da obra, o autor evidencia os documentos alusivos à secularização das missões pertencentes ao Colégio de Potosí e na Terceira parte, o padre Bernardino de Nino reflete sobre as consequências deste processo de secularização para as comunidades indígenas afetadas pelo decreto.

Este decreto foi assinado pelo Presidente Constitucional da Republica Boliviana em 15 de janeiro de 1915 na cidade de La Paz. O decreto destacava alguns pontos considerados importantes para a mudança de rota na relação entre o Estado e o Colégio de Potosí e suas missões.

Segundo o Estado, em primeiro: as missões não estariam cumprindo com sua obrigação de converter à vida civilizada os vários povos indígenas do país; em segundo: o Estado entendia que muitos dos indígenas que se encontravam sobre a proteção das missões já tinham condições de viver independentes e não poderiam aproveitar o trabalho com agricultura e criação de gado por conta da oposição dos missionários; em terceiro destaca que esta forma de trabalho ocasiona uma migração indígena para o exterior em busca de trabalho livre e por fim, destaca o surgimento - por conta do peculiar sistema missional - de um poder político e este poder seria incompatível com as funções dos missionários. Assim, por estes motivos, o Estado boliviano declarou a ilegalidade do modelo missional vigente até aquele momento e proibiu o funcionamento das missões (NINO, 1918, p. 432).

Este ato considerado arbitrário pelo Colégio de Potosí recebeu inúmeras manifestações contrárias, como provam as correspondências dos agentes missionários para os agentes do Estado anexadas na obra.

Contudo, apesar das manifestações contrárias ao decreto, foi realizado um inventário detalhado das três missões secularizadas, que a partir do decreto ficaria na posse do Estado. A entrega total das missões e seus bens mediante inventário ocorreu no dia 30 de maio de 1915, ao senhor Don Rómulo Montero, subprefeito da Província de Cordillera. Consta ainda o dia 31 de maio, como sendo o dia da retirada total dos missionários das missões no Parapetí (NINO 1918, p. 465).

Porem em 18 de agosto de 1915 o Padre Bernardi de Nino escreve um folheto analisando o decreto de secularização, suas causas e consequências, rebatendo todos os pontos apresentados pelo Estado, como sendo os motivos da secularização e ainda destaca o silêncio da imprensa independente na divulgação do decreto. Esta falha, segundo Nino, não possibilitou que a população boliviana tivesse ciência das consequências da saída dos padres missionários na região do Parapetí. Para o autor, o processo de “demolição moral” das Missões Chiriguanas foi algo que já era tramado a partir de 1899 no triunfo de forças liberais na cidade de Oruro (NINO 1918, p. 483).

Por fim, podemos perceber a intenção dos padres franciscanos Bernardino de Nino e Angélico Martarelli em escrever a História do Colégio Franciscano de Potosí. Primeiro mostrando a valiosa contribuição dos missionários para a evangelização do povo Chiriguano, bem como a consequente colonização da região da Cordillera. Em segundo, descrever para avaliações futuras o processo, segundo os autores, injusto de secularização enfrentado pelas missões no ano de 1915. Tratasse de um texto manifesto militante a causa

missionária, contra a transformação das missões religiosas com um caráter evangelizador humanista, para distritos e municípios comprometidos com os colonos agricultores e criadores de gado. É ao nosso modo de ver, um grito desesperado para que as autoridades do Estado percebessem a necessidade da presença dos missionários franciscanos no diálogo entre Estado e população indígena.

Em 1929, alguns anos após a secularização, a região foi percorrida pelo etnógrafo Alfred Metraux, na época o diretor do Instituto de Etnologia da Universidade Nacional de Tucuman, Argentina. Tendo tomado ciência da situação da população indígena na região, o autor redige em 1930 o texto manifesto, *La sécularisation des missions franciscaines du Chaco bolivien*, sobre a secularização e suas consequências. Um texto que lamenta o ocorrido com as missões e confirma as preocupações do Padre Bernardino de Nino com o futuro da população Chiriguana.

Alfred Metraux destaca que com a secularização das missões franciscanas, os indígenas foram despojados de suas terras, passaram a trabalhar para colonos em sua maioria recebendo um tratamento cruel. Alguns indígenas, principalmente do sexo masculino migravam em massa para outras regiões em busca de trabalho, sendo aos poucos desligados da convivência entre seus pares. O autor é ainda mais pessimista quando relaciona o desaparecimento da etnia Chiriguana em no máximo vinte anos, com a secularização e o abandono dos estabelecimentos missionais (METRAUX, 1930, p. 2).

### CAPÍTULO III

#### OS ETNÓLOGOS

Neste capítulo abordaremos a obra etnográfica do pesquisador sueco Erland Nordenskiöld (1912) e do etnólogo suíço Alfred Métraux (1929).

A título de justificativa, cabe ressaltar que à análise de obras etnográficas em trabalhos historiográficos não é algo muito habitual, sendo necessária, maior explicação de nossa parte. A escolha das obras se justifica, já que estes autores são os únicos, a destacar os acontecimentos de 1892 em Kuruyuki, entre os anos de 1918, com a obra do padre Bernardino de Nino e o ano de 1972, com o estudo de Sanabria Fernández.

Os dois autores possuem um profundo conhecimento da história dos Chiriguano, com pesquisas sobre o tema na documentação presente no Arquivo Nacional da Bolívia em Sucre, no Centro de documentação eclesial franciscano em Tarija, entre outros arquivos de relevância. Nos dois casos, os autores foram a campo bem preparados e conhecedores da História dos Guaraní falantes da *Cordillera*.

O trabalho *La vida de los indios* de Nordenskiöld, não possui qualquer menção a bibliografia ou aparato documental, contudo entre as narrativas colhidas e as reflexões propostas, principalmente colocando o indígena como historiador de sua própria história é possível perceber a importância desta obra para entendermos mais um fragmento da História Chiriguana em seu combate derradeiro. Levando em consideração a forma que os indígenas contam sua história, de pai para filho, percebemos nos relatos coletados por Nordenskiöld a memória do combate ainda muito presente nas comunidades visitadas pelo autor. A viagem de pesquisa do autor aconteceu entre o ano de 1908 e o ano de 1909, dezessete anos após o combate em Kuruyuki (1892).

A obra de Métraux, *Religion y magias indígenas de America del Sur* foi publicada em 1967, mas conta com o estudo realizado em 1929. Trata-se de obra etnológica onde o autor reflete sobre o surgimento de movimentos messiânicos, de caráter político/religioso, entre os indígenas da América do Sul. Mais do que uma etnografia, trata-se de uma reflexão teórica baseada em farta bibliografia, inclusive utilizando os trabalhos de Kurt Nimuendajú, considerados até hoje como referência para os estudos dos povos tupi-guarani.

Marshall Sahlins (1985) entende não ser possível separar o *evento* da *estrutura*, ou seja, estudar a cultura, ou como definiu Lévi-Strauss, a *Estrutura* dos grupos sociais, sem estudar e compreender a história destes grupos. Da mesma forma não seria possível realizar uma pesquisa histórica sem levar a em consideração a cultura do povo estudado e seus desdobramentos.

Assim, tendo este aparato teórico como referência, entendemos que os trabalhos de Métraux e Nordenskiöld unem a história e a antropologia, possibilitando um olhar mais próximo da situação social das comunidades Chiriguana no período posterior a Kuruyuki.

### 3.1. ERLAND NORDENSKIÖLD

Passado esse momento inicial acerca dos estudos sobre Kuruyuki, ou seja, acerca de relatos de pessoas que, ou estiveram no evento, ou estiveram próximo a ele, destacamos as obras que, via de regra, fizeram uso de fontes contemporâneas ao fato histórico para o entendimento da natureza e significados deste fenômeno. Temos, contudo, algumas exceções no que tange a algumas obras que não possuem um caráter propriamente histórico, mas que também possibilitam o entendimento do tema. *La vida de los índios* (1912), de Erland Nordenskiöld, obra etnográfica que narra às observações, as vivências e as experiências no contato com os povos indígenas, em especial com os Chiriguano/chané no Chaco Boliviano.

Erland Nordenskiöld foi um explorador sueco, intelectual de múltiplas habilidades, referência nas áreas de Zoologia, Paleontologia, Arqueologia e Etnografia da América do sul, nos primórdios do século XX, e como tal participou de várias expedições à América do Sul.

Sua primeira expedição ao *novo mundo* ocorreu em 1899. Nessa viagem, visitou a Patagônia como zoólogo amador. Na segunda expedição, conhecida como Expedição Sueca Chaco-cordilheira, em 1901-1902, junto com o arqueólogo Eric Boman e o etnógrafo Eric Von Rosen, alterou o rumo de suas pesquisas e retornou à Suécia como etnógrafo de grande potencial. Essa transformação, segundo Roy Querejazu Lewis (2003)<sup>14</sup> ocorreu pelo deslumbramento do contato de Nordenskiöld com os povos nativos americanos (LEWIS, 2003). Ele volta para a Bolívia nos períodos de 1904-1905 e 1908-

---

<sup>14</sup>QUEREJAZU LEWIS, Roy. Resenha da obra: La história cultural de los indígenas sud americanos de Erland Nordenskiöld. Revista Pacarina: Arqueologia y etnografía americana, da Universidade Nacional de Jujuy, Argentina. Ano III, n°3, 2003.

1909, em pequenas expedições, deixando definitivamente a Zoologia em favor da Etnografia. Cruzando o Chaco, conheceu vários povos nativos, entre eles os Chiriguano, Ashluslay, Choroti, Mataco, Tapiete, Toba, Tsirakua, Chacabo e Itanama. Tanto a expedição de 1904, quanto a de 1913 teve a participação de sua esposa Olga na realização de prospecções arqueológicas em Incallajta e Inkahuasi. A última expedição foi em 1927 para a Colômbia e o Panamá, de onde, por problemas de saúde, regressa a Suécia antes do previsto (LEWIS, 2003).

Há que se sublinhar que a obra *La vida de los índios*, de Erland Nordenskiöld, é considerada por Bartolomeu Melliá como “La primera etnografía chiriguana com critérios modernos, ben sistematizada y precisa en su pertinentes observaciones, que han sabido captar lo más característico del mundo chiriguano”(MELLIÁ, 1988, p. 167).

Trata-se de um estudo primoroso de observação que, além de trabalhar com a cultura material de uma forma meticulosa, aborda a questão dos mitos, do cotidiano, mostrando respeito aos indígenas e a sua cultura nativa. Esse trabalho permite constatar a situação dos Chiriguano do Isono quinze anos após a decisiva Batalha de Kuruyuki (1892). Contudo, o pesquisador dedicou, especificamente, a esse assunto algumas poucas linhas. Nelas destaca que Kuruyuki foi o capítulo final de uma história repleta de enfrentamentos entre os Chiriguano e os agentes da colonização (NORDENSKIÖLD, 2002 [1912], p.156-157). Também salienta que não foi à totalidade das capitânias Chiriguanas a se envolver nesse último movimento de rebelião. Aponta que nessa batalha ocorreu o enfrentamento de cerca de cinco mil indígenas contra as forças do governo durante todo o dia 28 de janeiro de 1892 (NORDENSKIÖLD, 2002 [1912], p.156-157).

No mais, na obra *La vida de los índios* o autor evidencia um profundo conhecimento, da história Chiriguana-guarani. Contudo uma das contribuições mais originais e inusitadas aponta para uma perspectiva dos “índios como historiadores”. Mesmo salientando que a memória indígena não contempla acontecimentos distantes do tempo presente, o autor desenvolve sua reflexão concebendo “os indígenas como historiadores”, ou seja, cientes do seu passado e capazes de transmitir este conhecimento por meio da tradição oral. Foi assim, segundo as observações do autor, que os anciões de cada comunidade mantiveram viva, por exemplo, a história dos enfrentamentos do povo Chiriguano com o colonizador, em específico, a história do massacre em Kuruyuki.

Essa concepção aparece na vanguarda dos estudos da população nativa da América, à medida que, no início do séc. XX, a História, comumente, não reconhecia a construção historiográfica a partir de fontes que não fossem a dos tradicionais documentos, de

preferência a daqueles cancelados pelo Estado, conhecidos como documentos oficiais. Ou seja, pela etnografia se alcança a história (SAHLINS, 1985).

Pelo trabalho de Nordenskiöld é possível perceber a conjuntura da população Chiriguana-guarani logo após a Batalha de Kuruyuki. No trajeto em direção ao Chaco boliviano – norte da Argentina e sul da Bolívia –, o autor conhece vários indígenas e, pela primeira vez, observa os problemas das migrações indígenas nativas em busca de trabalho. Na localidade de Esperanza, Nordenskiöld encontra alguns indígenas, que caracteriza da seguinte forma:

Aquí se ve a los limpios y despiertos chiriguano y chané, a los traidores e impertinentes toba y los sucios e poco fiables matabo, a los choroti, siempre alegres y vagos. Algunos tapiete y ashkluslay han estado aquí a su vez, aunque los primeros se presentaron como toba y los últimos como choroti y matabo (NORDENSKIÖLD, 2002, p. 5).

De acordo com o autor, esses indígenas, em sua grande maioria, tenta da melhor forma adaptar-se ao trabalho nas fábricas de açúcar. As viagens migratórias, por sua vez, seriam vistas pelas etnias chaquenhas como aventuras, e os que se arriscam a sair do Chaco boliviano em direção ao norte da Argentina, sempre possuem muitas histórias para contar, quando retornam o que alimenta o fluxo migratório. Em linhas gerais, segundo o autor, a melhor solução para a adaptação é a educação dos indígenas, somada a um trabalho pago nas fábricas:

En mi opinión, a grandes líneas de la mejor solución al problema de la educación de los indios sería darles un trabajo bien pagado como es el de las fábricas. Habría además que hacer esfuerzos para mejorar sus posibilidades: Deberían aprender a sumar, leer y escribir, y se tendría que protegerlos del aguardiente y la prostitución. (NORDENSKIÖLD, 2002, p. 9).

Sobre esse contato inicial, bem como sobre suas percepções, é prudente salientar que Nordenskiöld, e suas ideias, são frutos da concepção científica de uma época. No início do séc. XX, o modelo do evolucionismo está sendo substituído pela concepção de assimilação das populações nativas. Sendo assim, as expedições eram necessárias, à medida que procuravam preservar, com suas observações, bem como com a formação de coleções etnográficas, a História de populações que, no futuro, viriam a ser assimiladas pela sociedade não índia.

Do período posterior à “queda” dos Chiriguano frente ao exército boliviano, em 1892, até a viagem de pesquisa de Nordenskiöld, em 1908, os povos Chiriguano e Chané tentam se adaptar à nova realidade, mantendo suas características socioculturais.

Na região da *Cordillera* o trabalho passa, em sua maior parte, a estar ligado aos colonos agricultores e a pecuaristas que passam a ter controle sobre a terra. Logo foi evidenciada a falta de trabalho, haja vista que essa população, em sua maioria, não mais contava com seus mecanismos de sobrevivência originais. A caça, a coleta, a pesca, já não supria as necessidades das variadas etnias no Chaco boliviano e a tradicional agricultura guarani também se tornou insuficiente. Assim tem-se, na primeira década do séc. XX, um fluxo migratório dessas populações em busca de trabalho e de remuneração rumo ao norte da Argentina, onde são empregados nas fábricas de açúcar.

Los indios que viven en Bolivia llaman a la Argentina “Bapurenda” que significa Allí hay trabajo. Cada año vienen miles de indios del Chaco argentino y Bolivia a las fábricas de azúcar para buscar trabajo. Se los emplea tanto para rozar y labrar, como para cosechar (NORDENSKIOLD, 2002, p.4).

Na visão de Nordenskiold, em consequência dessas migrações para a Argentina, difunde-se, em todo o Chaco, uma grande quantidade de ferramentas, armas e utensílios, o que muda, de forma irreversível, a cultura indígena. Também a língua espanhola passa a se tornar mais conhecida e praticada pelos indígenas, o que é visto pelo autor como uma espécie de descaracterização cultural que ocorrerá gradativamente (NORDENSKIOLD, 2002, p. 6).

Pontue-se que, dentre os principais problemas enfrentados por essas populações de indígenas migrantes, foram registradas pelo pesquisador sueco as seguintes: as inúmeras doenças, a péssima remuneração, a situação de risco em virtude das precárias condições do trabalho, as insalubres habitações, assim como os problemas relacionados às bebidas alcoólicas e à prostituição (NORDENSKIOLD, 2002 [1912], p. 6-8). Apesar disso, muitos Chiriguano migravam para a Argentina com suas famílias e nunca mais retornavam para seu lugar de origem. A vida desses indivíduos passa a ser vista como parecida com a dos trabalhadores não índios. Entrando em contato com esta realidade, Nordenskiold destaca o que segue:

Qué vida tan triste llevan, mucho peor que en las aldeas de su propio país. Latas de conserva vacías, platos de hojalatas y algunas cosas más conforman sus utensilios domésticos en vez de sus bellas vasijas pintadas. Entre sus efectos personales uno encuentra a veces hasta un orinol europeo en el que guardan sus alimentos (NORDENSKIOLD, 2002, p. 4).

Para os colonos da região chaquenha, essas migrações foram muito importantes na abertura e “pacificação” da região, que era considerada, até então, indomável. As migrações de grande número de Chiriguanos rumo ao norte da Argentina levou a uma diminuição populacional – principalmente masculina – na região e os colonos passaram a

se sentir seguros em manejar as terras conquistadas, conforme suas necessidades, seguindo, também, modelos de colonização propostos pelo Estado.

Nordenskiold observa que, mesmo com toda essa problemática, as comunidades Chiriguano sobrevivem às intrusões, procurando cultivar o seu modo de viver, relembando a memória de seus antepassados. Consideramos o trabalho etnográfico de Nordenskiold uma importante ferramenta para o estudo da História do povo Guaraní falante da Bolívia. Da nossa parte, tomamos sua etnografia como um trabalho de cunho Histórico.

Contudo, é prudente destacar que Erland Nordenskiold não entrou em contato com a totalidade de comunidades Chiriguanas; sendo assim, pode ser precipitada a ideia levantada pelo autor do “desaparecimento” ou “morte” dessa etnia no período posterior ao Massacre de Kuruyuki. O autor destaca que as comunidades enfrentavam as intrusões dos fazendeiros e as migrações em busca de trabalho em lugares distantes, sempre procurando preservar seu caráter étnico, sendo pela língua guaraní falada, bem como, com a própria cultura material. Apesar disso, no nosso modo de ver, Nordenskiold não percebe essa permanência. Para ele, certamente, os indígenas são os que ficaram na Chiriguania e mantiveram, de uma forma ou de outra, a cultura nativa. Percebemos na obra de Nordenskiold uma ambiguidade. Por um lado, observa o esforço das comunidades em perpetuar seu patrimônio simbólico (língua, cultura material, etc.). Por outro lado, defende a concepção vigente na época da não sobrevivência étnica.

O autor salienta que o combate de 1892 em Kuruyuki foi à última rebelião contra os colonizadores, sendo que neste episódio lutaram cinco mil indígenas guaraní com suas armas tradicionais, contra os soldados da República da Bolívia e suas armas de fogo modernas.

A obra *La vida de los indios* de Erland Nordenskiold segue sendo de grande relevância para o conhecimento dos povos indígenas no início do século XX. A contribuição teórica da Escola de Gotemburgo, uma etnografia extremamente detalhada, uma narrativa acessível e um transparente respeito pelos povos indígenas, transforma Nordenskiold em um dos mais importantes pesquisadores dos povos nativos americanos.

### 3.1.1. ALFRED MÉTRAUX

O etnólogo Alfred Métraux nasceu em Lousane, Suíça em 05 de novembro de 1902 e faleceu em Paris, França em 11 de abril de 1963. Graduou-se na Ecole Pratique des Hautes Etudes em 1927, Doutorado em Letras na Sorbone em 1928, posteriormente estudou na Suécia na Universidade de Gotemburgo.

Intelectualmente Alfred Métraux é discípulo de Marcel Mauss da Escola Sociológica Francesa, bem como, dos trabalhos de Erland Nordenskiöld da Escola de Americanistas de Gotemburgo. Entre os anos de 1925 e 1928 Métraux participou de cursos destes pesquisadores, tanto em Paris, como na Suécia. Na cidade de Gotemburgo teve a possibilidade de analisar às coleções etnográficas, em sua maioria, organizadas por Nordenskiöld, tendo assim, o primeiro contato com a cultura material dos povos Chiriguano e Chané (Bossert e Villar, 2007, p. 129).

Segundo o etnógrafo Eric Baudos (1963) herdou de Mauss o interesse pelos estudos comparativos das religiões e de Nordenskiöld as tendências difusionistas e o amor pelos índios (BAUDOS, 1963, p.45).

O estudo de Alfred Métraux, em especial o capítulo primeiro, do livro *Religion y Magias indígenas de America del Sur, de 1969* – uma tradução em espanhol do texto original em francês, de 1931, intitulado *Les hommes-dieux chez les chiriguano et dans L'Amérique du Sud*, é de grande relevância, por ser um dos poucos trabalhos a abordar a questão de Kuruyuki no período entre a obra de Bernardino de Nino(1818) e a obra de Hernando Sanabria Fernández (1972).

Especificamente a parte relativa à Kuruyuki e seu líder Apiaguaiqui, é baseada no trabalho *Etnografia Chiriguana* (1912), produzido pelo padre franciscano, do Colégio Franciscano de Tarija, Bernardino de Nino; à também obra clássica do etnólogo alemão Curt Nimuendajú, *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-guarani* (1914) e ainda, a obra original do Padre Mingo publicada entre 1791 e 1795.

Neste sentido Cristina Pompa (2004) destaca que:

Métraux foi o primeiro antropólogo a utilizar os relatos de missionários e viajantes dos séculos XVI e XVII para a reconstituição das migrações históricas dos Tupinambá, por um lado, e de sua religião, por outro. A abordagem de Métraux insere-se na tradição das grandes hipóteses dos americanistas da época (Rivet, Nordenskiöld), voltada para a reconstituição das rotas migratórias dos grupos tupi-guarani, a distribuição territorial dos elementos culturais específicos, a classificação dos mesmos (POMPA, 2004, p 143).

Nesta obra, o autor apresenta o conceito denominado: *la Tierra sin Mal*. É considerado uma das contribuições mais relevantes e conhecidas, para os estudos das populações nativas americanas. Trata-se de um aparato de teoria geral aplicado ao estudo da mitologia, dos movimentos xamânicos, bem como, dos antigos movimentos migratórios Guarani.

Nesta interpretação religiosa, o povo Guarani estaria ameaçado de extinção com a destruição do mundo, e a terra sem mal, seria um lugar onde esta população estaria livre de sofrimentos, com fartura de alimentos, onde todos os indígenas só teriam que se preocupar com a *fiesta* e a vida em comunidade.

Alfred Métraux cruza os relatos migratórios dos Apapocuva-guarani encontrados na obra etnografia: *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-guarani*, colhida por Kurt Nimuendajú (1914) com os dados presentes em relatos dos grupos guaranis do Brasil e Paraguai. Esta articulação tem como resultado, uma teoria geral - destacando o caráter religioso para as migrações - para todos os povos Tupi-guarani.

A partir da obra de Métraux, este modelo de análise passou a ser difundido e muitos autores passaram a refletir com este viés interpretativo. Muitas vezes, como destaca Cristina Pompa (2004) os novos pesquisadores somente citam a obra de Métraux, e raras são vezes, que as fontes originais - crônicas e etnografias - são consultadas, gerando estudos generalizantes, onde não são levadas em consideração as particularidades específicas de grupos, parcialidade ou comunidades Guarani (POMPA, 2004, p. 142).

No caso do movimento messiânico de Kuruyuki e interessante notar que o autor não dedica mais que duas laudas e quando fala sobre o conflito, é possível perceber a intencionalidade do autor em colocar Kuruyuki como mais uma, entre dezenas de rebeliões do povo Chiriguano contra os conquistadores/colonizadores.

Alfred Métraux (1967) afirma que, nas sociedades nativas sul-americanas, quando determinados grupos étnicos, como os Guarani, enfrentam graves crises, sejam elas espirituais, políticas, sociais ficam vulneráveis, o que favorece a criação de ambiente propício ao surgimento de movimentos de caráter messiânico (MÉTRAUX, 1967, p.4).

No caso específico dos Chiriguano-guarani em Kuruyuki, o movimento de caráter messiânico, teve como líder um jovem xamã, chamado Apiaguaiqui que, em 1892, organizou uma grande revolta na região de Ivo. Tal líder atribuía a si poderes sobrenaturais e, em vista desses poderes, foi reconhecido por seus seguidores (MÉTRAUX, 1967, p.27).

O autor defende que a rebelião em Kuruyuki, foi uma revolta de caráter xamânico e messiânico. Esses movimentos insurgentes eram liderados por indivíduos do povo, denominados ou autodenominados *tumpas* ou deuses, que conseguiam reunir grande número de indígenas inconformados com a perda de seus territórios e com a destruição do seu modo de vida tradicional. Eles foram fortemente combatidos em todo o séc. XIX, tanto pelos agentes da coroa, como por agentes missionários (MÉTRAUX, 1967, p.26).

Ainda salienta que:

[...] como tantos movimientos análogos, murió en un clima de desesperación. Los últimos chiriguano que habían conservado su autonomía eran desposeídos de sus tierras por los colonos que atravesaban el Chaco. La única salida para escapar a la servidme y la miseria era aceptar la protección de los misioneros franciscanos y renunciar, por tanto, sus tradiciones culturales más importantes (MÉTRAUX, 1967, p. 27).

Fica claro, que para o autor, a Batalha de Kuruyuki foi um marco decisivo para a perda dos territórios tradicionais. Para o autor o povo Chiriguano teria somente dois caminhos: a migração em busca de trabalho, principalmente no norte da Argentina e a fuga para os estabelecimentos missionais dos padres franciscanos. Tanto a primeira, como a segunda escolha, resultaram em um povo totalmente subjugado pelo sistema republicano.

## CAPÍTULO IV

### OS HISTORIADORES

#### 4.1. HERNANDO SANABRIA FERNÁNDEZ

A reflexão referente às últimas revoltas Chiriguanas do século XIX e consequentemente ao conflito em Kuruyuki, em 1892 foi, por muito tempo, deixado de lado pela historiografia. Neste subcapítulo serão abordadas as principais obras historiográficas relacionadas ao tema, a partir de 1972.

Depois de um grande silencio historiográfico<sup>15</sup> em 1972, surge à obra *Apiaguaiqui-Tumpa. Biografía del Pueblo chiriguano y de su último caudillo*, de Hernando Sanabria Fernández.

Segundo biografia publicada em seu próprio livro (1972), Sanabria Fernandez nasceu na localidade de Valle Grande, Bolívia, em 12 de dezembro de 1912 e faleceu em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, em 10 de agosto de 1986. Com o término de seus estudos, respectivamente nas cidades de Sucre e Santa Cruz de la Sierra, exerceu advocacia e foi docente no ensino secundário nas cadeiras de Geografia, História, Sociologia. Destacou-se na área literária como ensaísta, novelista e periodista. Foi aluno e, posteriormente, docente catedrático de Sociologia na Faculdade de Direito e Ciências Sociais; diretor geral de educação e, em seguida, vice-reitor e diretor da biblioteca central da Universidade Gabriel René Moreno, em Santa Cruz de la Sierra, 1940-1980. Desempenhou funções diplomáticas na embaixada da Bolívia, na Espanha, como conselheiro cultural e participou, como membro ativo, de várias associações, nacionais e internacionais. É considerado um dos mais importantes intelectuais da Bolívia e sua produção alcança mais de quarenta trabalhos reconhecidos na Bolívia como de grande relevância.

Para ilustrar sua biografia, destacam-se, a seguir, as palavras do pesquisador Marcelino Pérez Fernandez, no ano de 2002, ao referir-se à Sanabria Fernández:

---

<sup>15</sup> No trabalho de Branislava Susnik, intitulado: *Chiriguanos: Dimensiones Etnosociales, vol. I.*, a autora toma como recorte a ser analisado o período que vai do século XVI ao século XIX, mas não destaca, em específico, a questão de Kuruyuki, assim como os desdobramentos deste enfrentamento ocorrido no século XX. Na última lauda do trabalho, Susnik realiza um pequeno resumo acerca do conflito de 1892 e demonstra a intenção de produzir um segundo volume de trabalho. Contudo a pesquisa nunca foi concluída.

Poeta fino, ensayista ameno, historiador exacto y biógrafo cabal, legó una obra coherente y magistral sobre el entorno oriental; pero sus temas preferidos fueron la figura de Gabriel René Moreno, la ciudad de Santa Cruz de la Sierra, su entrañable Valle Grande natal y sus amigos los Chiriguano. También compuso letras para piezas musicales y aires populares cruceños (taquiraris, carnavalitas y chovenas) que cosecharon éxitos y popularidad. Llegó a ser uno de los principales escritores del siglo XX, a cuya cultura y gente dedicó lo mejor de su esfuerzo y de su inteligencia (MAMANI, 2011, *apud* FERNÁNDEZ, 2002)<sup>16</sup>.

Ainda nos dias de hoje sua vida é tema de pesquisas e homenagens.

Segundo Ramírez (2012)

La obra de Hernando Sanabria Fernández, que tuvo un significado trascendental para muchos estudiosos de la cultura regional, fue por demás de abundante. El autor vallegrandino dejó sin publicar además una gran cantidad de material valioso de diversos géneros... (Ramírez, 2012)<sup>17</sup>.

Em sua trajetória Sanabria Fernández pesquisou temas variados, sendo que os principais foram: a vida e obra do pesquisador Gabriel René Moreno, a cidade de Santa Cruz de la Sierra, a região de Vallegrande e o povo Chiriguano.

Ramírez (2012) ainda destaca as palavras do pesquisador Marcelino Pérez Fernández “Apiaguaiqui Tumpa es la mejor obra de Hernando Sanabria Fernández. Se trata de un libro en el que su autor se ocupa del pueblo chiriguano en su dinastía de siglos y de la vida de los avatares de su último caudillo. “A base de testimonios orales escribió una crónica biográfica del pueblo chiriguano”.

Em nossa pesquisa, não encontramos referências negativas alusivas ao trabalho do pesquisador Hernando Sanabria Fernández. A imagem de intelectual prodigioso, regionalista inigualável, com uma contribuição sem paralelo na cidade de Santa Cruz de la Sierra é sempre posta em evidência. Um exemplo deste destaque são as reedições das obras do autor, bem como, publicações de ensaios e artigos inéditos. Recentemente para centenário de Sanabria Fernández, foi publicada uma obra com artigos da Revista Universitaria (Uagrm) intitulado: Apuntes sobre la clase media en Santa Cruz y otros ensayos. Este trabalho foi organizado pela historiadora Paula Penã e pela família do autor,

---

16 MAMANI, Elias Branco. Diccionario Cultural Boliviano. Disponível em: <http://elias-blanco.blogspot.com.br/2011/08/hernando-sanabria-fernandez.html>

17 Hernando Sanabria, un verdadero autor prolífico. Consultado em 12 de junho de 2013.

Disponível em: <http://venenolundico.blogspot.co.uk/2012/03/hernando-sanabria-un-verdadero-autor.html>

ficando assim evidenciado a importância do autor para o entendimento de temas variados da região de Santa Cruz de la Sierra<sup>18</sup>.

A obra de Sanabria Fernández alusiva à Batalha de Kuruyuki e a seu líder, Apiaguaiqui-Tumpa (1972), esta organizada da seguinte maneira: primeiramente, traz uma detalhada descrição da região povoada pelos Guarani-falantes, conhecida pelos documentos coloniais como *Cordillera Chiriguana* – ou *Chiriguania* – e Isozo (p.19-31). Em seguida, o autor ocupa-se em apresentar os Chiriguanos, desde sua suposta chegada ao território onde se localiza hoje a Bolívia, em efetuar a representação desse povo na documentação colonial, em mostrar a relação do Chiriguano com o império Inca, em evidenciar a organização social e política e a influência da cosmologia no modo de ser Guarani. O autor destaca de forma pouco precisa, que para ter um melhor entendimento da cultura, da vida e do espírito desse povo há que se verificar a obra etnográfica e etnohistórica de Bernardino Nino (1918) (SANABRIA, 1972, p.33).

No capítulo quarto Sanabria Fernandez apresenta breve contextualização histórica do processo missionário desenvolvido em território chiriguano, colocando em destaque as tentativas de cristianização desse povo pelos padres franciscanos, por meio da fundação do Colégio Franciscano de Tarija e da construção dos numerosos estabelecimentos missionais em terras chiriguanas.

A partir do capítulo quinto, o autor estabelece uma reflexão sobre os problemas enfrentados pela etnia Chiriguano, sobretudo a partir de 1825, com a independência e a implantação do modelo republicano na Bolívia. Com a alteração do modelo político-administrativo, em 1825, ocorreram profundas transformações, entre as quais o autor destaca a troca de autoridades e a mudança do sistema de propriedade das terras (SANABRIA, 1972, p. 79). As mudanças das posses das terras foram muito mais radicais na região da Chiriguania do que no restante do país, visto que o regime missional estava sofrendo alterações significativas, ficando as missões, em sua maioria, na dependência administrativa do Bispado de Santa Cruz de la Sierra ( SANABRIA, 1972, p.79). Ou seja, os tradicionais conversores foram sendo substituídos por padres com uma formação mais clerical. Assim, as missões não poderiam ser consideradas seguras para a população nativa.

Sanabria Fernandez ressalta, ainda, um fator que considero chave para o entendimento das várias insurreições da segunda metade do séc. XIX e do combate de 1892, em Kuruyuki. Trata-se do espólio das terras ocupadas pelas missões e dos territórios

---

<sup>18</sup> Periódico *El deber*. Disponível em: <http://www.eldeber.com.bo/nota.php?id=121211221555>. Consultado em 12 de junho de 2012.

de indígenas Chiriguano livres, ou seja, indígenas não subjugados que ocupavam território ausente de controle pelo Estado. Sanabria Fernández observa que, no ano de 1825, Simon Bolívar redigiu um decreto determinando a distribuição de terras aos indígenas, porém, informações a esse respeito não foram divulgadas no oriente boliviano.

Nas palavras do autor:

Llegó, sí, el que otorgaba premio y recompensas a quienes hubieran luchado por la patria, y entre tales premios y recompensas figuraba la concesión de tierras que al momento estuvieran en la calidad de baldías. La Chiriguania disponía de dilatados campos para el pago de estos deberes de gratitud patriótica, y en ella pusieron los ojos los condignos mercedores del premio (SANABRIA, 1972, p. 80).

Essa realidade, que novamente se apresenta aos povos nativos, tem como resultado a intensificação do fenômeno de mestiçagem entre eles e os colonos provenientes de outras regiões, e isso seria, segundo o autor, o maior inimigo das comunidades indígenas: “Esto, para el guaraní, tan pagado de su estirpe, significaba el afloramiento y la pérdida gradual de su espíritu tribal o, como dice la antropología Susnik, de la “ava-idad”” (SANABRIA, 1972, p. 81).

Depois do movimento de independência da Bolívia o autor aborda o processo de divisão territorial em departamentos e províncias, sendo que a região da *Chiriguania* teve a denominação de Cordilleira dos Chiriguanos ou Cordilleira. Esse departamento possuía um governo político-militar em que o governador era nomeado pelo governo central. O governo departamental tinha como objetivo principal a exploração da terra, a proteção dos criadores de gado, estabelecidos na região, o favorecimento de novas colônias crioulas, bem como o zelo pelos povos nativos (SANABRIA, 1972, p.81).

O autor registra que a grande região da Cordilleira foi dividida em departamentos e subprefeituras.

La parte del sud, con el nombre de Gran Chaco, para el departamento de Tarija; la del centro-occidente, con el de Azero, para el de Chuquisaca y lo demás, dentro del departamento de Santa Cruz, con la designación de Cordillera, propiamente dicha (SANABRIA, 1972, p.81).

Essa política de distribuição de terras aos que lutaram pela independência foi, segundo Sanabria Fernández, o início de um longo processo de despojo das populações nativas, respaldado por essa nova realidade, em instrumentos legais. Tal despojo significava a invasão, pelos agentes do Estado, às terras ocupadas por indígenas livres, o que causava grande destruição (SANABRIA, 1972, p. 81-82).

Numa citação clara e precisa de uma fonte histórica – componente raro na construção do texto historiográfico – o autor fundamenta seus argumentos sobre a desterritorialização dos Chiriguano.

Igualmente la hermosa cañada de Ñancaguasú, desmontada y cultivada por los mismos indios, que allí tenían sus sembrados, quedó repartida entre diez y seis extraños, que la ocuparon violentamente. Apenas se dejó a los perseguidos indígenas, dueños inmemoriales de aquellos terrenos, un miserable retazo de tierra, que ni siquiera era suficiente para contener todas sus chozas (CORRADO, 1884, *apud* SANABRIA, 1972, p.82).

Até este momento, fica explícito no texto de Sanabria Fernández, a intenção de analisar os antecedentes da Batalha de Kuruyuki sob a perspectiva da perda dos territórios tradicionais.

Sanabria Fernández observa que nem todas as comunidades se resignaram à perda de seu território tradicional. Dez anos após o início da tomada das terras nativas pelo Estado, por meio da aplicação de suas leis, houve princípio de revolta protagonizada por indígenas expulsos da missão de Parapetí e por alguns ligados ao cacique Caripe. Esses movimentos revoltosos objetivavam a retomada das terras que haviam se transformado em fazendas de criação de gado no lado esquerdo do Rio Parapetí e foram considerados graves pelo governador Antelo que, em pessoa, dirigiu-se à região para tentar “pacificar” os revoltosos. Todavia, seu êxito foi parcial visto que os indígenas do Parapetí aliaram-se a um grupo Chane e voltaram a atacar o antigo forte de Membiray. A rebelião para retomada de terras somente foi debelada com a liderança do coronel Ribas, prefeito de Santa Cruz, que, comandando um grupo de soldados, efetuou uma violenta campanha e seguiu até a localidade de Ivitiacua para selar a paz com Caripe (SANABRIA, 1972, p.83).

O autor historiciza eventos e personagens como os de 1840, quando chiriguanos da localidade de Cuevo se revoltaram na parte meridional do Rio Parapetí, atacando áreas de criação bovina, ocasionando a morte de um indivíduo chamado Matorras, conhecido por sua exploração e crueldade contra os habitantes da comarca. E, além disso, destaca que o prefeito de Santa Cruz, Francisco Ibáñez, empreendeu campanha militar com cento e vinte homens, entre soldados e voluntários, em direção a Cuevo, passando por Chimbe e Guacaya, retornando vitorioso a Santa Cruz. Acrescentando por fim, que no mesmo ano de 1840, partiu uma expedição da localidade de Tarija, com o objetivo de atacar a comunidade chiriguana de Chimeo e impedir ataques a povoados “cristãos” do Vale de Salinas. Essa campanha conseguiu a captura e a morte de boa parte dos *Ava*, incluindo o cacique do lugarejo: Pasanna (SANABRIA, 1972, p.84).

De acordo com Sanabria Fernández, entre as várias expedições militares organizadas para pacificação da grande região da Cordilleira podem se destacar a do capitão Juan de Dios Arrieta, em 1843, em Chimeo, que tinha por objetivo a construção de um forte naquela localidade; a do coronel engenheiro Fernando Maturana, em 1843, que tinha como meta abrir um caminho para o Paraguai, cruzando a região do Isoso; a do coronel Lucas Rodriguez, em 1846, que visava capturar um cacique insubordinado – Peri – na região do Isoso (SANABRIA, 1972, p.85).

Depois de grande conflito entre o ano de 1849 e início do ano de 1850 a paz foi estabelecida por meio de acordo proposto pelo cacique-chefe Guiracota de Caipependi, nesta mesma localidade. O acordo teve participação de personagens como, por exemplo, Guiracota, os caciques de Ivo Baratúa e Morapiro, o governador Montero e o prefeito Ibáñez, tendo como clausula principal o fim imediato das invasões em terras não ocupadas. Ou seja, os agentes do Estado, os colonizadores, criadores de gado, não poderiam mais invadir terras chiriguanas não conquistadas (SANABRIA, 1972, p.87).

Sanabria Fernández pontua que além dos sempre inimigos *Karai* os Chiriguano da Cordillera, viam-se seguidamente em conflitos internos entre as próprias comunidades. Tais conflitos eram sempre vistos pelo Estado como motivação para intervenções onde poderia agir objetivando o isolamento das comunidades e a invasão de seus respectivos territórios (SANABRIA, 1972, p.89).

Por fim, Sanabria Fernández destaca o ataque dos Chiriguano à Missão de Macharetí, em 1874, e ao pequeno povoado de Igüembe, formado por estancieiros e agricultores mestiços e brancos. Esse ataque sofreu forte resistência e logo os atacantes retiraram-se da batalha.

A intenção de fazer referência a apenas alguns dos enfrentamentos entre Chiriguano e *karai*, tratados no trabalho de Sanabria Fernandez, foi no sentido de encontrar as possíveis motivações apontadas pelo autor para o conflito em Kuruyuki. É possível perceber que Sanabria estabelece uma relação direta entre os conflitos antigos, principalmente os do período posterior ao movimento de independência em 1825, e os relacionados à formação da República boliviana e à subsequente invasão das terras Chiriguana-guarani, por laureados por serviços prestados na Guerra de Independência, e o combate final em 1892, nas quebradas de Kuruyuki.

Entendemos que o autor demonstra grande conhecimento a respeito, mas geralmente não oferece indicação, por exemplo, da numeração das páginas de onde as informações utilizadas foram retiradas. Essa forma de escrever dificulta o entendimento

acerca de como o autor se apropriou das informações pertinentes contidas nas fontes consultadas e acerca de como escreve sua própria história.

Em seu texto, vê-se um historiador mais preocupado com a construção de um texto literário e menos interessado em concretizar obra historiográfica balizada por uma metodologia científica. É possível também que, na tentativa de produzir estudo menos denso e mais acessível ao grande público, Sanabria Fernández tenha escolhido diminuir as referências no corpo do texto. Sublinhe-se que, como bem salientou Bartomeu Meliá (1988, p. 184), o estudo de Sanabria Fernández possui uma forma pouco usual na produção de conhecimento acadêmico, principalmente no que tange à utilização e à citação das fontes documentais e bibliográficas.

Mesmo quando a menção da fonte é realizada – muitas vezes de forma pouco clara - não é possível uma averiguação. Um exemplo disso é a suposta carta de um indígena chamado Ayamonte, que seria amigo e secretário de Apiaguaiqui. Segundo o autor, essa carta, intitulada como *Memorial de Ayamonte Guasu dirigido al Padre Romualdo D`Ambrogi sobre la vida y atividades del Tumpa*, foi, segundo as palavras de Fernández, “posiblemente escrito en Ivo o Curuyuqui, en noviembre o diciembre de 1891” (p. 238). No entanto, é necessário destacar que esta carta não foi localizada para averiguação de informações, nem em centros de documentações e bibliotecas reconhecidas na Bolívia, muito menos, na documentação do próprio Sanabria Fernández, hoje em poder de seus legítimos herdeiros. Assim, não podemos legitimar o uso desta fonte pelo autor, bem como, refletir sobre as informações contidas na suposta carta. Podemos dizer que se intenção do autor era realizar uma obra histórica e comprometida com o futuro, este intento se tornou de difícil aceitação e comprovação.

De acordo com Sanabria Fernández, Ayamonte, autor da suposta carta, era proveniente da região de Machareti e integrante do núcleo fundador da missão de Santa Rosa. Após ser batizado passou a ser chamado Juan Ayamonte. Falava e escrevia em castelhano, sendo uma referência na comunidade. Ayamonte conheceu Apiaguaiqui e logo teve sua fé cristã fortemente abalada tornando-se auxiliar do novo Tumpa.

Não se têm maiores detalhes com relação à confiabilidade dessa fonte, além do que nem outro historiador, no período posterior a Sanabria Fernández trabalhou com esta fonte.

Com isso, e sabendo que a intenção do autor era realizar uma biografia do último líder *Tumpa* e sua liderança no combate em Kuruyuki, entendemos que o resultado do trabalho ficou comprometido.

A fonte que possibilitaria conhecer Apiaguaiqui de forma mais próxima não é confiável e poderia ser até mesmo, uma invenção do “grande autor de novelas”. A não comprovação das informações relativas à origem familiar do *tumpa*; o suposto parentesco do *tumpa* com importantes caciques; o relato emocionante retratando a história da suposta mãe de Apiaguaiqui, bem como do seu próprio filho, empregados e explorados nas fazendas da região, deixaram a biografia produzida por Sanabria menos confiável.

Fazendo uso da suposta carta, é peculiar a descrição heroica de um episódio em específico. Nesta passagem, o autor conta que Apiaguaiqui supostamente teria se salvando de um massacre e testemunhado a morte de sua mãe. Sanabria Fernández, então faz rápida comparação entre este triste acontecimento na vida de Apiaguaiqui e a história do indígena Apache Jerônimo que, tendo presenciado a morte de dezenas de irmãos nativos, cresce mental e espiritualmente, transformando-se em grande líder do povo Apache (SANABRIA, 1972, p.110).

Vemos neste e em muitos outros momentos do texto uma clara intenção do autor em escrever a história de Apiaguaiqui-tumpa destacando seu heroísmo, sua coragem e sua grande capacidade de liderança. É possível perceber que foi a partir da obra de Sanabria Fernández que Apiaguaiqui passou a ser, para a História, além de um líder *tumpa*, um herói de um povo em seu momento derradeiro de resistência armada.

Talvez isso seja uma tentativa de se estabelecer relação entre a revolta chiriguano em Kuruyuki e o surgimento de um grande líder, tendo-se assim uma grande história a ser contada. Ou seja, os fatos históricos estariam ligados à liderança de pessoas diferenciadas da maioria, capazes de conduzir determinados povos ou nações a um estágio mais elevado, uma história das “grandes personalidades”, estilo historiográfico muito praticado na segunda metade do séc. XX.

Temos também na obra de Sanabria Fernández, uma clara tentativa de legitimar o poder e a influência de Apiaguaiqui como pessoa capaz de liderar um movimento de rebelião, o autor destaca que, no período posterior ao massacre, o futuro *tumpa* ficou por algum tempo protegido pelo cacique Machirope do povoado de Bororigua (p.97). Logo após, foi ao encontro de um tubicha, chamado Güirariyu, com a intenção de “[...] *aprender lo que sabia Güirariyu que era este conocedor de todo*”. “*Esperaba que él enseñase los secretos y las prácticas de la hechicería*” (SANABRIA, 1972, p.119).

Fernandez salienta, ainda, que Apiaguaiqui permaneceu por algum tempo com esse importante *tubicha*, apreendeu as práticas místicas e começou a peregrinar entre as comunidades, realizando intervenções espirituais em pessoas enfermas, obtendo com

grande sucesso, despertando admiração e curiosidade tanto da população da Chiriguania livre, quanto da região submetida a agricultores e pecuaristas. Em razão dessa admiração, surgiram discursos e iniciativas conflagradas em muitas regiões da Cordilheira, contra os invasores brancos. Conforme Fernández, o novo *Tumpa* tinha legitimidade, em primeiro lugar por ser conhecedor das mazelas enfrentadas pela população chiriguana na Cordilleira; em segundo, por ter sido iniciado nas práticas míticas por líderes espirituais respeitados nas comunidades; e, em terceiro lugar, por sua capacidade de por em prática tanto uma liderança social, quanto religiosa na tentativa de provocar rebelião para retomada de territórios (SANABRIA, 1972, p.123).

Podemos perceber o intuito do autor em destacar aspectos positivos desta liderança. Não encontramos intenção por parte do autor, em relativizar as informações contidas nas fontes por ele consultadas. Para o autor, Apiaguaiqui era o homem certo, no lugar certo e isso não era obra do acaso. Esta liderança tinha sido forjada para comandar o seu povo na retomada dos territórios tomados pelos colonos. O herói emanava do povo e lutava para o povo.

Sobre o líder espiritual responsável pela formação de Apiaguaiqui, Sanabria Fernández destaca que o nome de Güirariyu desaparece das fontes consultadas neste período. Talvez seja possível, que pela idade avançada, Güirariyu já estivesse morto. Ressalta, contudo, que, antes da morte, Güirariyu deixa uma mensagem que chega até Ayamonte, amigo de Apiaguaiqui, já citado anteriormente. A mensagem dizia que “*El tumpa redentor ya ha llegado. Esta entre nosotros. Es el mismo que empezó como discípulo de Güirariyu. Güirariyu lo sabia, pero no quiso revelarlo hasta que fuese llegada la hora*” (SANABRIA, 1972, p.124).

No caso dessa citação, o autor sinaliza para o leitor consultar o documento número 07, do capítulo de fontes, na pag. 238. Porém quando examinamos, não foi possível precisar a origem da mesma, visto que trata-se de cinquenta e seis documentos soltos, do Arquivo Nacional de Sucre, Arquivo da Prefeitura de Santa Cruz e Arquivo do Vicariato Apostólico da cidade de Cuevo.

O autor destaca que com o surgimento desse pretense *tumpa*, muitas foram às lideranças, chiriguanas e missionárias que se dirigiram até a localidade de Ivo para, pessoalmente, tirar suas próprias conclusões, e, se fosse o caso, levar *boa nova* à sua comunidade. Entre as lideranças chiriguana, o autor destaca a presença de Güiracota II, mburubicha ou grande cacique da comunidade de Yuti; o grande capitão Caiependi; e

Mandeponay. Quanto ao apoio de caciques subordinados, o autor descreve a seguinte realidade:

[...] justo es decir que los había de toda la idealidad y toda inclinación, y con el lastre de sus perspectivas modos de vivir y actuar hubieron de presentarse o no hacerlo, dejando ver en este caso que no daban importancia al hombre de Ivo. Jefes de parcialidades los más de las veces exiguas, unos eran arbitrarios, prepotentes y, de otra parte, odiadores de los carai, no resignados a la sumisión en sí, más bien, deseosos de probar con ellos, nueva vez, la suerte de las armas. Otros, en cambio no querían otra cosa que vivir tranquilos, sea como fuese, a condición, sea como fuese, a condición única de que se les dejara con sus viejos modos de existencia. En todo caso, la posición de unos y otros no pesaba mucho, al paso que la de sus superiores era concluyente. No obstante, la mayoría de ellos entraron en el redil de los convencidos y fueron con la evidencia y la prédica a sus comunidades respectivas (SANABRIA, 1972, p. 134).

Contudo, na história escrita por Sanabria Fernández, em 1972, é possível perceber a intenção do autor em salientar que o apoio, total ou parcial de importantes líderes, ao novo *tumpa*, era grande, mas não um apoio incondicional de todas as capitánias e comunidades chiriguanas da Cordilheira.

No nosso modo de ver, o mérito do trabalho de Sanabria Fernández encontra-se na perspectiva de entender a Batalha de Kuruyuki a partir do processo de desterritorialização, iniciado evidentemente no século XVI, mas intensificado de forma mais agressiva a partir de 1825 com o processo de Independência do Estado Boliviano. Podemos dizer que esta maneira de ver e historiar o conflito, não é algo inédito, visto que Bernardino de Nino (1918) e Martarelli (1889) já tinham debatido estas possibilidades. Para isso, o autor faz uso de farta documentação sobre a problemática territorial e consulta os trabalhos de Nino (1918), Martarelli (1889) e Métraux (1929), mesmo que na maioria das vezes, este auxílio, esteja precariamente citado.

A questão principal do autor, com uma biografia, era mostrar o líder *tumpa* Apiaguaiqui, de forma próxima, levando ao conhecimento de todos, detalhes da vida, da formação do líder, das relações com as comunidades, da sua participação na rebelião, etc. Entendemos que este intento foi seriamente comprometido, à medida que o autor, como já salientamos, baseia-se nas informações contidas em uma carta, que só o autor teve acesso, não constando no acervo documental de Arquivos e bibliotecas de referência na Bolívia.

Sabemos que Sanabria Fernández, era reconhecidamente um cronista, autor de novelas e peças de teatro. No nosso modo de ver, esta característica do romancista está presente nesta obra. O autor demonstra esta particularidade desde suas primeiras linhas.

Temos na obra, a representação do herói que passa por provações, com objetivo de liderar seu povo contra o opressor e que no final, assim como Jesus Cristo, foi traído e morto. Aliás, em vários momentos, percebemos as semelhanças da História de Apiaguaiqui com a história de Jesus Cristo, escrita nos livros bíblicos. Güirariyu seria João Batista; Güiracota seria como São Pedro, o traidor; os Chiriguano como o povo que no momento de descrença pedem a morte de Apiaguaiqui e por fim, a comparação da localidade de Ivo com a cidade de Jerusalém.

Entendemos que esta forma – mesmo que involuntária se acreditarmos na intenção do autor em produzir uma obra com caráter histórico – contribuiu para a construção da imagem de Apiaguaiqui como sendo um herói humano, que deixou assim como Jesus Cristo um legado para posteridade. Este herói historiado pelo autor, não é como outros *tumpas* que lideraram rebeliões no período colonial, ele seria alguém realmente especial, dotado de grande capacidade de liderança.

Com a característica do autor em romancear a história, e uma clara intenção em estabelecer analogias entre a história de Apiaguaiqui e de Jesus de Nazaré, temos na obra de Sanabria Fernandez, a construção de um personagem que viria no decorrer do tempo, a povoar o imaginário da população indígena guarani-falante da Bolívia, inclusive servindo de modelo para monumentos, pinturas e gravuras que retratam a resistência Guarani.

Por fim, entendemos que o grande mérito de Sanabria Fernández para a história Chiriguano-guarani, encontra-se na própria intenção em pesquisar um tema, que foi entre 1929, e 1972, deixado de lado, pela historiografia Boliviana.

#### 4.2. HISTORIOGRAFIA MISSIONÁRIA:

Neste capítulo vamos analisar as obras e os autores da Coleção Los Guarani-Chiriguano, dando ênfase na contribuição destes trabalhos, para o estudo do povo Chiriguano e a Batalha de Kuruyuki (1892). Esta coleção foi publicada pela CIPCA – *Centro de investigación y promoción del campesinato* da cidade de La Paz, Bolívia. E também, a obra de Lorenzo Calzavarine *Nacion Chiriguana: Grandeza e Ocaso* (1980). Uma obra publicada pela *Ediciones Los amigos del Libro*, da cidade de La Paz, Bolívia.

Primeiramente analisaremos a *Nacion Chiriguana: Grandeza e Ocaso* (1980). A obra possui um caráter sócio histórico, com perceptíveis fundamentos de uma militância indigenista. O autor reconstituir o processo de dominação que o povo (nación) Chiriguano, enfrentou a partir do século XVI. Destacando a recusa deste povo em aceitar o Estado como ele era imposto, um Estado modelado no Altiplano, contra as nações independentes das terras baixas. Trata-se de uma obra realizada com o intuito de unir o conhecimento presente nos documentos coloniais, com a experiência de campo do autor entre a população chiriguana.

A coleção Los Guarani-Chiriguano é composto por três obras: o vol.1, *Los Guaraní-Chiriguano: Ñande Reko, Nuestro modo de ser* (1988) de Bartomeu Meliá: uma obra de conhecimento geral do mundo Chiriguano que aborda temas de grande relevância como as migrações e o processo de evangelização realizado nas missões e ainda, apresenta uma relação de fontes primárias e secundárias sobre o povo Chiriguano; o vol.2, *Los Guaraní-Chiriguano: História de un Pueblo* (1989); de Francisco Pifarré: formatada nos moldes de um amplo e completo manual, tem por objetivo contar a História do povo Chiriguano levando em consideração, além da documentação, a perspectiva do próprio povo, visto que o autor trabalhou por mais de quinze anos entre as comunidades chiriguanas; e o vol.3, *Los Guaraní-Chiriguano: La Comunidad hoy* (1990), uma obra com um caráter sociológico e antropológico que tem por objetivo abordar a problemática contemporânea das comunidades guarani-falantes da Bolívia, indo de temas como a relação do Estado com as comunidades, a relação comunidades versus fazendas e também a organização de movimentos sociais indígenas.

Levando em conta nosso objeto de pesquisa, somente faremos rápida apresentação da obra *Ñande Reko* (1988) de Bartomeu Meliá e daremos ênfase a *História de un Pueblo* (1989); de Francisco Pifarré e *La Comunidad hoy* (1990) de Xavier Albó.

Esta coleção tem por intuito contar a História do povo Chiriguano a partir do contato com o conquistador do séc. XVI, até o final do séc. XX. Vale destacar que a obra consegue, de uma só vez, prestar uma homenagem ao povo Chiriguano pela sobrevivência após 100 anos de Kuruyuki e contribuir para o reconhecimento da história, cultura e identidade deste povo. O momento de sua publicação não foi obra do acaso e tem por referência o centenário da Batalha de Kuruyuki (1892).

Sobre o título da coleção, destacamos que os autores fazem a opção pelo uso do nome *Chiriguano* – denominação que tornou os falantes da língua guarani da Bolívia célebres na documentação colonial - em detrimento da autodenominação *Ava*. Esta opção, segundo os autores, tem a intenção de revalorizar uma história que é muitas vezes alvo de distorções e “*pseudo-interpretações dominantes*” que são difundidas inclusive nas comunidades Guarani. Na apresentação da coleção os autores não deixam claro quem seriam os pseudo-intelectuais que contribuem de forma negativa ao tema, mas salientam que a forma de significação do nome Chiriguano - vinculada muitas vezes como sendo uma forma pejorativa de tratamento do antigo Império Inka para com os Guarani-falante - não pode ser considerada como a única interpretação etimológica. Os autores salientam que, [...] *la recuperación del nombre Chiriguano, com todas sus ressonâncias históricas y semânticas, puede ser parte de este lento pero esencial proceso de revalorización de la propia identidad* (MELIÀ, 1988, p. 8).

Um dos aspectos notáveis da proposta da coleção é o engajamento dos autores na temática indígena na Bolívia. Para compreendermos a intencionalidade da obra é necessário termos presente o ambiente político-institucional da obra editada pelo CIPCA. Este Centro de investigação e promoção do campesinato é uma organização não governamental fundada em 1970, pelos jesuítas, Luiz Alegre, Xavier Albó e Francisco Javier Santiago, inicialmente vinculada com a Companhia de Jesus, e posteriormente transformando-se em uma entidade autônoma sem fins lucrativos. Tinha como objetivo contribuir para o desenvolvimento e integração das comunidades camponesas e indígenas da Bolívia. A partir de 1987 o CIPCA desenvolveu-se como instituição, na tentativa de contribuir para que as populações menos favorecidas do campo fossem reconhecidas pelo Estado como possuidoras de direitos, principalmente sobre a posse da pequena propriedade e sobre os territórios de ocupação tradicional indígena. A organização combina projetos de pesquisa, com dezenas de publicações no âmbito do desenvolvimento rural e ações práticas locais e nacionais, contribuindo na cobrança de políticas públicas beneficiando as comunidades indígenas e as populações rurais. Na forma organizacional conta com a sede

na cidade de La Paz e mais sete oficinas regionais: CIPCA Altiplano, CIPCA Cochabamba, CIPCA Cordilheira, CIPCA Santa Cruz, CIPCA Beni, CIPCA Norte e CIPCA Pando<sup>19</sup>.

Diante disso, vemos que na referida coleção subjaz, além de um objetivo acadêmico, um indigenismo atuante, caracterizado pela defesa e valorização das populações indígenas da Bolívia. Entendemos que o formato teórico/metodológico ou mesmo a orientação ideológica desta publicação, não desmerece o trabalho intelectual, visto que os autores baseiam-se em fontes históricas, bibliográficas e etnográficas reconhecidas e usadas por muitos outros pesquisadores da temática.

#### 4.2.1. LORENZO G. CALZAVARINI

O padre Franciscano Lorenzo Giuseppe Calzavarini nasceu na cidade de Florença, Itália em 1939 e faleceu na cidade de Cochabamba, Bolívia no dia 09 de fevereiro de 2012, sendo enterrado na cidade de Tarija. Em 1964 foi ordenado padre da Ordem dos Franciscanos e em 1973, concluiu seu doutorado em Sociologia na Universidade de Urbino. Neste mesmo ano, trabalhou na cidade de Potosí, e posteriormente trabalhou em Cochabamba, onde exerceu a função de professor na Universidade de San Simón por vinte anos. Também foi um dos fundadores do Instituto de Investigações de Humanidades, que nos dias atuais é chamado de Instituto de Investigaciones Facultad de Humanidades y Ciencias de La Educación.

O Padre Calzavarine é autor de obras consideradas de grande relevância para as Ciências Humanas na Bolívia. Destaca-se as obras: *Nacion Chiriguana: Grandeza e Ocaso* (1980); *Teología narrativa: Relatos antropológicos de la fe popular en Bolivia* (1996); *Los franciscanos en la hora de Bolivia: ensayos de lectura sociológica* (1990); *Música y cantos tradicionales de Tarija* (1999); *Breve Guía Histórica Artística y cultural del Convento de San Francisco de Tarija* (2006). Por fim, foi editor da compilação intitulada *Presencia Franciscana y Formación Intercultural en el Sudeste de Bolivia según documentos del Archivo Franciscano de Tarija, 1606-1936*. Uma obra composta de sete volumosos tomos, que abarca a História do Colégio Franciscano de Tarija e o trabalho

---

<sup>19</sup> Historia Centro de Investigación y Promoción del Campesinado CIPCA: 35 Años de Historia. Disponível em: [http://cipca.org.bo/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1941&Itemid=80](http://cipca.org.bo/index.php?option=com_content&view=article&id=1941&Itemid=80)  
Consultado em: 12 de junho de 2012.

realizado em suas Missões, do ano de 1606 a 1936. Recebeu o premio Gunnar Mendoza em 2003, e passou a fazer parte da Academia Boliviana de Historia em 2007.<sup>20</sup>

Além do mais Calzavarine é considerado o grande responsável pela criação do Centro Eclesiástico de Documentação na cidade de Tarija no ano de 1993, juntamente com o Museu Neste centro, foi reunido, restaurado e organizado o arquivo documental do Colégio Franciscano de Tarija que englobou também todos os livros pertencentes à congregação. Este trabalho é considerado como um dos mais importantes para o entendimento das missões franciscanas na Bolívia, sendo uma instituição que anualmente vem servindo de auxílio para pesquisadores de todo mundo.

Segundo as palavras do Padre Lorenzo Calzavarini:

La creación del Centro Eclesial de Documentación (CED) es el fruto de la voluntad que ha guiado los trabajos. El proyecto era la transformación de la herencia histórica, científica, cultural y artística de la presencia franciscana en espacios de conocimiento para toda la ciudad de Tarija. Más propiamente no se trata de una transformación sino más bien de ampliar la que nuestros antepasados definieron como "Totius conventi máxima oficina" (la biblioteca: el ambiente más importante de todo el convento).<sup>21</sup>

Sua morte em fevereiro de 2012 causou comoção na Bolívia, em específico nas cidades de Tarija, Cochabamba e Potosí, por conta do seu histórico nas localidades. O desaparecimento do Padre Lorenzo Calzavarine foi amplamente divulgado em dezenas de periódicos e veículos eletrônicos, em sua maioria salientando sua contribuição para os campos da teologia, da Sociologia, da História, bem como o seu engajamento em prol dos povos nativos das terras baixas Bolivianas.

Um ano após a morte de Calzavarine, seu trabalho teve continuidade com a criação da Fundação Lorenzo Giuseppe Calzavarini, presidida pelo Padre Franciscano Ángel Donati o Guardião do Colégio de São Francisco de Tarija.<sup>22</sup>

Segundo Miguel Gómez M. (2012) quando O Padre Lorenzo Calzavarini migrou da Italia para trabalhar na Bolívia, veio em grande medida, encantado pelos escritos franciscanos alusivos ao trabalho apostólico de sua congregação com os indígenas

<sup>20</sup> Sitio do Colégio Franciscano de Tarija.

Disponível em: <http://www.franciscanosdetarija.com/index.htm>

Consultado em 15 de maio de 2013.

<sup>21</sup> M, Por Manuel Gómez. Fray Lorenzo Calzavarini De "Asís A Tarija".

Disponível em:

[http://www.franciscanosdetarija.com/pag/ced/lorenzo\\_calzavarini/homenaje05.html](http://www.franciscanosdetarija.com/pag/ced/lorenzo_calzavarini/homenaje05.html)

Consultado em 15 de julho de 2012 .

<sup>22</sup> Sitio do Jornal EL País Plus da cidade de Tarija; Domingo 17 Março 2013.

Disponível em: <http://www.elpaonline.com/index.php/cantaro/item/83168-el-legado-del-p-lorenzo-calzavarini>. Consultado em Maio de 2013.

Chiriguano. Esta relação inicial de curiosidade e admiração pelo trabalho já realizado foi logo substituída por um profícuo trabalho de pesquisa, dando origem em 1980 o livro publicado pela Ediciones Amigos del Libro, *Nacion Chiriguana: Grandeza y Ocaso*.

A obra levanta aspectos da história do povo Chiriguano tendo como fonte a documentação produzida a partir de 1539 e a fundação da Vila de La Plata, atualmente a cidade de Sucre no altiplano boliviano. Por conta de sua formação percebe-se a intensão de aproximar a análise da História com os documentos produzidos na conquista, com uma abordagem antropológica e sociológica.

Para justificar o uso da palavra *Nacion* quando aludir ao povo Chiriguano, guarani falante da Bolívia, o autor destaca que:

Los documentos coloniales, especialmente los bolivianos, queriendo tipificar las diferencias entre el grupo guaraní chiriguano y el grupo guarani en general, que ellos percibían como conjunto unitario, daban o apelativo de “gente” al segundo, y de “nación” al primero (LEVILLIER, 1922 apud. CALZAVARINE, 1980, p. 38).

Segundo o autor é uma forma de evitar confusões à medida que durante a história os Chiriguano tiveram denominações diversas, não sendo a intenção do trabalho de abordar estas particularidades em detalhe (CALZAVARINE, 1980, p. 38-39). Ou seja, mesmo não sendo a intenção do autor, a obra já é de certa forma no seu título generalizante. Possivelmente é uma característica que se destaca pela escolha do autor em estudar a relação dos Chiriguano através da análise dos sistemas, nativo e ocidental.

Sua teoria parte da ideia de que o povo Chiriguano, não tinha sido, até então, objeto de análise séria por parte da historiografia. As representações dos povos das terras baixas da Bolívia sempre eram feitas a partir de um referencial ideológico produzido e propagado no altiplano e em consequência resultava em uma história que parecia sempre ser de “povos estrangeiros”. Ou seja, não tinham uma representatividade como povo boliviano e não eram retratados como tais. De certa forma é uma maneira de ver e reconhecer a Bolívia ainda muito presente nos dias atuais. Dificilmente vemos uma representação do povo boliviano mostrando os Chiriguano. Mesmo sendo a etnia mais numerosa da Bolívia<sup>23</sup>, as imagens, na grande maioria relacionada ao país, estão ligadas aos povos do altiplano de fala Quéchua e Aymara.

---

<sup>23</sup> Um espaço destinado a promover o intercâmbio de ideias entre profissionais dedicados ao estudo das línguas e culturas indígenas da América do Sul e a oferecer, ao público interessado, informações atuais sobre pesquisas nesta área (bem como em áreas afins tais como arqueologia, etnografia, história, etnobotânica etc.).

Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/lingua:chiriguano>.

Consultado em: 10 de dezembro de 2012.

Poderíamos dizer que Calzavarine esboça uma tentativa de descolonizar a História do povo Chiriguano e por consequência, tornando-os protagonistas da sua própria História. O povo Chiriguano foi analisado a partir da ideia de não aceitação da dominação do Estado lutando, tanto para conservar seu modo de vida tradicional, quanto para acabar com imagem de um povo a ser explorado.

No prólogo de *Nacion Chiriguana: Grande y ocaso*, Gunnar Mendoza diretor do Arquivo e Biblioteca Nacional da Bolívia, destaca ser testemunha do trabalho intenso – de 1976 a 1980 - do Padre Calzavarine nas pesquisas documentais nesta instituição. Uma observação importante, e de certa forma curiosa, é que Gunnar Mendoza destaca que a história de pesquisa do Padre Calzavarine somente é comparada com a do historiador francês Thierry Saignes. Sendo estes dois pesquisadores, segundo Gunnar Mendoza, os de maior conhecimento sobre o mundo Chiriguano até aquele momento (Gunnar Mendoza. in Calzavarine, Lorenzo. 1980 pp. 6-12). Destaca ainda a diferença de abordagem entre os dois autores, respectivamente, a análise historiográfica de Thierry Saignes e a sociológica de Lorenzo Calzavarine.

A menção de Thierry Saignes no prólogo do livro de Lorenzo Calzavarine pode ter sido o estopim que desencadeou uma crise entre os dois pesquisadores. A tensão entre Calzavarine e Saignes é relevante por se tratar de dois intelectuais com trabalhos que foram referência nos estudos do povo Chiriguano entre 1978 e 1990. Por conta disso cabe-nos abrir um pequeno parêntese e destacar esse fato.

Segundo Lorenzo Calzavarine (2007) o autor conheceu Thierry Saignes na residência franciscana em San Carlos, Cochabamba, provavelmente no ano de 1978. Neste brevíssimo encontro houve boa conversa e troca de informação quanto às novidades de temas variados como política, guerrilha, novidades na antropologia com os estudos de Claude Lévi-Strauss. Mas a conversa mais significativa foi, segundo o autor, a troca de opiniões sobre as obras de Héléne Clastres e Pierre Clastres, respectivamente: *A terra sem mal* (1975) e *A Sociedade contra o Estado* (1974). (Calzavarine, 2007, n.p)

Thierry Saignes fotocopiou as obras dos Padres Martarelli e Nino (1918) e o Padre Calzavarine fotocopiou a tese de Saignes, *Une frontière fossile: la Cordillère chiriguano au XVIII siècle* (1974). Depois desse momento em 1978, não ocorreu mais nem um contato entre os dois pesquisadores, algo lamentado por Calzavarine, sendo que este queria submeter à versão preliminar do seu trabalho *Nacion Chiriguana* (1980) ao pesquisador Francês. O padre Calzavarine saliente que nunca recebeu qualquer retorno por conta das indicações das fontes franciscanas na visita em Cochabamba, sendo que 1982 tomou

conhecimento de duras críticas feitas ao seu livro pelo pesquisador francês na Revista Boliviana (1981). “Según él, los guaraníes habían recibido de mi parte una versión falsa en todo aspecto. Citas textuales eran reportadas a pie de página, en un afán clasificatorio de verdades, definidas contradictorias, ambiguas e inventadas”<sup>24</sup>.

O fato é que Calzavarine nunca respondeu a crítica de Thierry Saignes na Revista Boliviana ou fora dela. Posteriormente, entrou em contato com a obra *Ava y Karai: Ensayos sobre la frontera chiriguano, siglos XVI-XX* (1990), constatando ser um trabalho com visões divergentes das suas, indo de certa forma ao encontro da opinião de Gunnar Mendoza no prólogo de *Nacion Chiriguana* (1980).

Muitos anos depois da morte prematura de Thierry Saignes em Coroico, Bolívia no ano de 1992 o padre Lorenzo Calzavarine de certa maneira, responde à crítica de Saignes, expondo esta peculiar história e resenhando a coletânea de textos de Saignes, *Historia del pueblo chiriguano*, organizado por Isabelle Combés, no ano de 2005.

Para finalizar esse aparte, pensamos que é possível que os problemas entre Saignes e Calzavarine tenham extrapolado o campo das ideias, das teorias e dos métodos e enredado no campo dos egos. Nesta resenha, Calzavarine coloca que não via demérito algum em Gunnar Mendoza comparar seu conhecimento sobre o povo Chiriguano, com o conhecimento do pesquisador francês. Talvez Thierry Saignes realmente tivesse ficado incomodado com essa comparação ou ainda considerasse seu conhecimento mais relevante ou mesmo baseado em conhecimento teórico mais moderno.

Algo bem relevante é que quando Bartomeu Meliá desenvolve sua bibliografia Chiriguana em *Los Guaraní-chiriguano 1: Ñande Reko, nuestro modo de ser* (1988) ele destaca logo a baixo da bibliografia do livro de Calzavarine a resenha crítica de Thierry Saignes. Segundo Meliá (1988) Saignes critica Calzavarine por uma ideologização gratuita da obra. Logo Meliá acha que é [...] *advertencia muy oportuna y esclarecedora frente a certo tipo de literatura etnohistórica* (MELIÁ, 1988, p. 105). Essa observação mostra que Bartomeu Meliá teve a intenção de endossar a opinião de Thierry Saignes sobre a obra de Calzavarine. Algo importante é que a característica da bibliografia produzida por Meliá é de salientar que na referência bibliográfica é padrão fazer, logo a baixo, um breve comentário sobre a obra. Neste caso, como vivos, o autor preferiu citar a passagem da crítica de Saignes.

---

<sup>24</sup> Calzavarine, Lorenzo G. (2007). La Última Versión De Algunos Escritos De Thierry Saignes: ¿Una leyenda negra eclesial. Disponível em: [http://www.franciscanosdetarija.com/pag/artced/4libro\\_saignes.php](http://www.franciscanosdetarija.com/pag/artced/4libro_saignes.php) Consultado em 20 de janeiro de 2013.

Além de fazer menção a outro autor no prólogo do livro de Calzavarine, Gunnar Mendoza ainda faz observações importantes, mesmo que muitas vezes de forma pouco clara. Não sabemos realmente qual intenção do autor. Primeiro demonstra os pontos positivos da obra, em seguida fala de suas limitações. A passagem a seguir mostra um pouco esta ambiguidade.

El enfoque del P. Calzavarine sobre los chiriguanos es el primeiro que se hace dentro del ámbito sociológico. Pero más bien que analítico es interpretativo, y da por averiguadas muchas cosas que el P. Calzavarine há averiguado, em efecto, pero que, por los antecedentes y propósitos de este trabajo, tiene que dar por averiguados sin presentar la averiguación misma (CALZAVARINE, 1980, p. 11).

E ainda:

Es decir, dentro de la bibliografía Chiriguana seguirá haciendo falta todavía una sociología chiriguana que presente esa averiguación básica y ordenada según los requisitos científicos propios de este orden de los conocimientos humanos, una sociología chiriguana que vaya más lejos e más adentro del tema que la clásica Etnografía chiriguana del P. Bernardino de Nino (CALZAVARINE, 1980, p. 11).

A obra é um pequeno livro de 290 paginas em formato “de bolso”. Tem clara finalidade de ser um manual geral sobre o povo Chiriguano, com uma abordagem sociológica, contando a relação dos Chiriguano e os invasores conquistadores colonizadores. Esta dividida em três partes: a primeira um breve histórico dos Chiriguano-guarani; a segunda parte é um estudo sobre a colonização e a cristianização desta etnia e por fim a relação da República Boliviana e o povo Chiriguano. Soma-se a isso, um pequeno glossário Chiriguano-guarani e por conta das limitações de impressão somente uma bibliografia parcial.

De fato a obra *Nacion Chiriguana, grandeza y ocaso* não tem a pretensão de ser um estudo sociológico definitivo. Como Calzavarine destacou tratasse de um trabalho inicial, com possibilidade e intenção de prosseguimento em outro momento.

O autor explora a documentação do Arquivo Nacional da Bolívia e segundo suas próprias palavras [...] *apunté sólo cuando ella no estaba incluída en los autores de mayor prestigio* (CALZAVARINE, 2007, n. p).

Dialoga tanto com autores contemporâneos ao estudo como: Darcy Ribeiro, *Fronteras indígenas de la civilización* (1977) e autores mais antigos como: Ricardo Mujía (1914); Alfred Métraux (1920, 1928, 1930, 1931, 1935, 1946, 1949, 1967) e Erland Nordenskiöld (1912).

No decorrer do trabalho Lorenzo Calzavarine mostra os mecanismos do Estado, colonial ou republicano, aplicados por seus agentes no intuito de subjugar o povo Chiriguano. Este aparato de força e diplomacia encontrou severa resistência através dos tempos, em especial os movimentos de resistência conduzidos por lideranças político/religiosa chamada *tumpas*. Estes movimentos seriam uma resposta à intenção do Estado (CALZAVARINE, 1980, pp. 253-258).

Para Calzavarine a batalha em Kuruyuki em 1892 foi o enfrentamento final que concluiu cinco séculos de luta. E esse povo que por quase quatrocentos anos lutou para manter sua autonomia, morreu como *nação* neste enfrentamento. A partir desta data a etnia estaria fragmentada e dispersa não oferecendo resistência à colonização e a consequente invasão de seus antigos territórios.

#### 4.2.2. BARTOMEU MELIÁ

O Padre jesuíta Bartomeu Meliá nasceu em Porreres, Mallorca, Espanha, no ano de 1932. Em 1954 mudou-se para o Paraguai, onde iniciou seus estudos sobre a cultura e língua guarani. Tornou-se doutor na Universidade de Estrasburgo em 1969 com a tese intitulada: *La création d'un langage Chrétien dans les Réductions des Guararaní au Paraguay (1969)* (A criação de uma linguagem cristã nas missões dos Guarani do Paraguai). Tornou-se discípulo, amigo e colaborador do grande etnógrafo autodidata León Cadogan. Na Universidade Católica de Assunção foi presidente do Centro de Estudos Antropológicos e professor de etnologia e cultura Guarani, diretor das revistas Suplemento Antropológico e Estudos Paraguaiois. A partir do ano de 1976 foi perseguido pelo governo ditatorial de Alfredo Stroessner e por segurança teve que abandonar o Paraguai após denunciar e repudiar o massacre da etnia Ache-Guayaki. Exilando-se no Brasil conciliou trabalhos de pesquisa e de indigenista entre os Enawene-nawé, Kaigangue e Guarani. Atualmente é pesquisador do Centro de Estudos Paraguaiois Antonio Guasch, do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

Dentre os seus trabalhos, estão obras consideradas clássicas para o estudo dos povos indígenas, em especial, os povos Guarani. Dentre os principais trabalhos estão: *El guaraní conquistado y reducido. Ensayos de etnohistoria* (1993); *Elogio de la lengua guarani* (1995); *El Paraguay inventado* (1997); *Gua'i rataypy - Fragmentos del folklore guaireño* (León Cadogan; de. preparada por Bartomeu Meliá) 1998; *Guaraníes y jesuitas*

*en tiempo de las misiones; Ko'êti* (1973); *Arte de la lengua guaraní* (1640) (Antonio Ruiz de Montoya) Edición Facsimilar con introducción y notas por Bartomeu Meliá, S. I. Transcripción actualizada del texto original por Antonio Carballos (1993); *Educação indígena e alfabetização* (1979); *La lengua guaraní del Paraguay: Historia, sociedad y literatura* (1992); *La agonía de los ache-guayaki* (1973); *Ka'akupeñe'ê renda; ñande pãitavytera ñande paraguayipe* (1973) e *El don, la venganza y otras formas de economía* (2004)<sup>25</sup>.

Pelo conjunto da obra e por seus profundos conhecimentos etnológicos e históricos, Bartomeu Meliá é um dos mais respeitados pesquisadores do povo Guarani e suas obras continuam servindo de exemplo a numerosos pesquisadores.

O livro *Los Guaraní-Chiriguano vol.1: Ñande Reko, Nuestro modo de ser* (1988) é dividido em duas partes. Na primeira parte, o autor disserta sobre a etnohistória dos Chiriguano, guarani falante da Bolívia, abordando o modo de vida tradicional deste povo, o universo cosmológico, bem como, suas relações com os sistemas de colonização e evangelização. Trata-se de um texto de conhecimento geral, em que a Batalha de Kuruyuki não é abordada especificamente. Na segunda parte da obra, Bartomeu Meliá disponibiliza para o pesquisador uma bibliografia geral sobre os Chiriguano-guarani.

Uma análise da primeira parte permite perceber um abordagem dos Chiriguano da Bolívia esta profundamente marcada por suas referências teóricas e empíricas sobre os Guarani do Paraguai. Neste sentido, sua contribuição se mostra vulnerável e pouco original, por sugerir uma evidente relação entre uns e outros. Sua contribuição é mesmo o criterioso levantamento bibliográfico sobre os Chiriguano, acompanhados de comentários sucintos sobre a importância das obras históricas e etnográficas, para o entendimento da Batalha de Kuruyuki, entre outros temas referentes aos Chiriguano-guarani.

#### 4.2.3. FRANCISCO PIFARRÉ

Autor do segundo vol. da Coleção Guarani-Chiriguano o Padre jesuíta Francisco Pifarré é graduado em Filosofia e Pedagogia. Desenvolveu trabalhos, no *Chaco* boliviano e em outras regiões da Bolívia, em projetos de desenvolvimento de comunidades indígenas, e paralelamente, pesquisou a história do povo Chiriguano. Com grande conhecimento da

---

<sup>25</sup> Portal Guarani.

Disponível em: [http://www.portalguarani.com/autores\\_detalle.php?id=807](http://www.portalguarani.com/autores_detalle.php?id=807)

Consultado em 08 de novembro de 2012.

língua e cultura guarani possui trânsito entre as comunidades da província de *Cordillera*. Foi diretor da organização, *Defensa del Niño Internacional* DNI, fundada pela Companhia de Jesus com a contribuição de outras congregações religiosas, com objetivo de desenvolver projetos de proteção aos jovens, as crianças e adolescentes indígenas. Nos últimos anos, tem trabalhado na evangelização na comunidade de San Alberto Hurtado, cidade de Cochabamba, Bolívia<sup>26</sup>.

Quando se trata de pesquisar os Chiriguano da Bolívia a obra de Francisco Pifarré é uma referência, quase obrigatória. *Los Guarani-Chiriguano: Historia de um Pueblo vol.2, de Francisco Pifarré* (1989), surge com um enfoque na História, linear e cronológica, o que possibilita uma leitura fluida e agradável.

A obra se apresenta como um manual introdutório, onde o pesquisador interessado em conhecer a história, de quase quinhentos anos, dos Guaranis da Bolívia, encontra uma visão geral, em pouco mais de quintas páginas. Possui notas explicativas referentes à língua Guarani, um extenso capítulo de apêndice com informações importantes – textos, ensaios, notas, quadros comparativos de assuntos diversos como: densidade populacional e dados climáticos – um índice de temas, glossário de termos Guarani e no final, três mapas representando a *Cordillera Chiriguana* no séc. XVI XVIII e XIX representando comunidades Chiriguana, espanholas, fortificações e missões.

O corpus documental do autor é composto, em grande parte, na coleção Chiriguanos, do Arquivo nacional da Bolívia, composta por *Correspondencias de La Audiencia de La Plata* de 1493 a 1824, pelos *Expedientes de la Sublevación General de Índios* do ano de 1774 a 1810 e pela *Colección Rück* do ano de 1508 a 1896. Além desses, o autor pesquisa a documentação dos arquivos paroquiais de Cuevo, Charagua, Gutierrez, Machareti, San Boaventura, Ivo e da catedral de Santa Cruz de la Sierra. Destacam-se ainda o Arquivo do Colégio Franciscano de Tarija, a biblioteca de Hernando Sanabria Fernández e Coleção Barba, Magaly-Viana.

O livro como um todo, é uma obra de fácil leitura. Por sua forma de organização é também um trabalho que facilita a pesquisa de algum fato em específico na história Chiriguana, embora sempre com uma visão geral, bem característica deste tipo de publicação. Ainda assim, com estas características não podemos considerar uma história superficial. O Autor trabalha bem com as fontes, destacando a informação contida na documentação e articulando com a bibliografia do tema, bem como emitindo uma visão

---

<sup>26</sup> Diáspora, Noticias De Los Jesuitas De Bolivia. Año 52, nº 3. 1ºmarzo 2010. Disponível em: <http://www.cpalsj.org/publicue/media/DIASPORA%20MARZO%202010b.pdf>  
Consultado em: janeiro de 2013.

peçoal crítica da história chiriguana. Fica aparente uma visão pessimista, principalmente porque é possível perceber a construção de uma história anterior e posterior à secularização das missões em 1915. Além de ser uma obra militante a causa indígena, o trabalho de Pifarré é comprometido também com as fontes, estas também *militantes*, que destacam o trabalho dos missionários na evangelização dos chiriguanos, tentando salientar a situação de abandono que estas comunidades enfrentaram, sobre tudo, depois da secularização das missões Franciscanas. É uma tentativa de demonstrar o quanto a secularização das missões foi nociva as comunidades indígenas. Ou seja, para esta historiografia, o século XX poderia ter sido bem diferente para os Chiriguano se os missionários tivessem continuado com o trabalho, mediando às relações entre *Karai* e Guarani da *Cordillera*.

Para Francisco Pifarré, realizando uma leitura na documentação histórica, a partir do ano de 1830, é possível entender as causas das revoltas guarani do final do século XIX. O autor estabelece uma relação direta entre a perda dos territórios tradicionais e o surgimento de uma oligarquia, relacionada ao grande desenvolvimento da mineração, com o emprego de novas tecnologias. Esta realidade, segundo Pifarré, possibilitou um crescimento da economia Boliviana, com o surgimento de um mercado consumidor de carne bovina. Sendo assim, a questão da colonização da *chiriguania*, que antes já era importante para o estabelecimento das fronteiras da nova república, passou a ser vista também, como vital para a moderna economia do país.

Entendemos que esta interpretação político/econômica é um ponto positivo na obra de Pifarré. Se para Sanabria Fernández (1972) a problemática da desterritorialização dos Chiriguano, estaria vinculada a distribuição de terras tradicionais para os “heróis” do movimento de independência, Francisco Pifarré vai além, demonstrando que existia uma pressão territorial, e esta pressão, era reflexo do modelo capitalista liberal, que estava em franco crescimento no mundo e por consequência na Bolívia. No entanto, pensamos que a perspectiva de Pifarré não anula a de Sanabria Fernández e as duas, complementam-se, quando refletimos as possíveis motivações das rebeliões chiriguanas na segunda metade do século XIX.

Além desta motivação capitalista, o autor percebe a grande contribuição do Estado para o surgimento de povoações no interior da *Cordillera Chiriguana*, o estabelecimento de rotas para o transito e comunicações entre as comunidades, o surgimento de novas unidades militares e a reestruturação dos antigos postos de defesa na região da *Cordillera*. Soma-se a isso, o que o autor denomina de “diluição” da estrutura missional na região. Diante disso, as comunidades teriam sido cercadas, privadas de maior mobilidade e, como

reação, à perda de território, os ataques e rebeliões, era à alternativa possível para a população Chiriguano-guarani. Assim, para o autor, a invasão dos territórios chiriguanos foi obra de um Estado muito mais organizado, principalmente, a partir da Independência da Bolívia em 1825.

Assim, para Francisco Pifarré as rebeliões chiriguanas da segunda metade do século XIX, são reflexos de um confinamento das comunidades indígenas. Estas rebeliões, de um modo geral, tinham como objetivo, impedir o estabelecimento de missões, estâncias, povoadas e quartéis, tendo como consequência a recuperação da independência e a retomada de antigos territórios (PIFARRÉ, 1989, p. 358-359).

Percebemos que o autor reflete as revoltas, da segunda metade do século XIX, de forma a estabelecer uma cronologia da conquista da região da *Cordillera*. Ou seja, as rebeliões estariam vinculadas a uma longa relação de animosidade permanente, entre o Estado e os indígenas chiriguanos.

Na historiografia, que para o nosso trabalho denominamos *missionária*, é recorrente a ideia de que, na última década do século XIX as missões que, foram, na maioria das vezes, combatidas e rejeitadas pelos Chiriguano (uma etnia que não se deixava dominar pela evangelização) passaram o ser vistas, por grande parte desta população, como algo vantajoso para a manutenção de certa autonomia indígena. Para algumas comunidades, as missões seriam lugares onde os indígenas poderiam adentrar e fugir da vida de servidão e ao mesmo tempo teriam os missionários como “parceiros” ou mediadores nos conflitos envolvendo indígenas e colonos. Na obra de Francisco Pifarré, esta ideia também está presente, O autor destaca que uma das motivações para a rebelião na localidade de Ivo – Kuruyuki (1892) – seria a promessa nunca cumprida pelas autoridades, da instalação de um estabelecimento missional em Ivo, o que sempre foi combatido pelos colonos e assentados.

O autor caracteriza a batalha de Kuruyuki, como uma resposta desesperada para o restabelecimento de uma independência étnica e territorial. Tratava-se mais especificamente, de romper uma cadeia insuportável de servidão, que a população chiriguana enfrentava da forma mais latente, a partir do estabelecimento do grande número de colonos na região.

Dito isso, é importante salientar que não denominamos esta historiografia de missionária, somente porque os autores pertencem a Companhia de Jesus, mas por que estes autores baseiam-se nos relatos e obras históricas e etnográficas, produzidas por religiosos, principalmente os padres: Angélico Martarelli (1889) e Bernardino de Nino (1918). Somam-se a isso, as ações indigenistas dos autores, vinculadas a um modelo missional

praticado a partir dos anos 70, por diversas organizações cristãs. Um modelo onde a militância e a produção acadêmica andam juntas.

Com relação às fontes documentais, não percebemos por parte do autor, a intenção de realizar uma crítica. Essas fontes são encaradas pelo autor, de forma bastante positivista, no sentido mais pleno. Seriam obras “testemunhos”, produzidas por pessoas idôneas, próximas do povo Chiriguano e do combate ocorrido em Kuruyuki. Em contra partida, é rigoroso na crítica do relato escrito pelo Coronel Melchor Chávarria (1892), Delegado do Supremo Governo. Segundo Piffaré, Chávarria descreve Apiaguaiqui-tumpa, de forma caricatural, muito diferente do testemunho de Martarelli, este muito mais sereno, objetivo e confiável (PIFARRÉ, 1989, p. 391).

Por fim, entendemos que a obra *Historia de un Pueblo*, de Francisco Pifarré, é uma obra necessária quando pesquisamos temas sobre o povo Chiriguano. Tanto pelo seu formato de manual, organizado de forma cronológica, como pela indicação das fontes documentais e bibliografias. O autor tem méritos, e uma dupla contribuição para o tema. Para a História e o conhecimento científico, produziu uma obra bastante significativa, de fácil leitura, com densidade informativa, importante para pesquisadores do tema. Por outro lado, a obra contribui a causa Chiriguana-guarani, à medida que possibilita aos indígenas conhecerem sua própria história, reproduzindo esta história em dezenas de publicação realizadas pelo Teko-guarani e a APG.

#### **4.2.4. XAVIER ALBÓ**

No terceiro momento vamos analisar a obra *Los Guarani-chiriguano vol. 3: La comunidade hoy* (1990), do padre Xavier Albó. Esta obra é um estudo a respeito da situação das comunidades chiriguanas na atualidade, com seus problemas referentes a retomada dos territórios tradicionais. Tratasse do terceiro volume, da Coleção Los

Chiriguano-guarani. Uma coleção de três obras, idealizada pelo Centro de Investigación del Campesinato (CIPCA) nos anos de 1988, 1989 e 1990.

Xavier Albó inicia seu estudo, apresentando a história da população chiriguana no período posterior a Batalha em Kuruyuki (1892), e estende-se até a criação da Assembleia dos Povos Guarani (APG) <sup>27</sup> em 1987.

O antropólogo e linguista Xavier Albó, nasceu na localidade de Garriga, Catalunha, Espanha, em 04 de novembro de 1934. Em 1951 tornou-se membro da Companhia de Jesus, emigrando em 1952, naturalizando-se cidadão boliviano.

É Doutor em Filosofia, pela Universidade Católica do Equador (1955); Realizou estudos de Humanidades em Cochabamba e na Universidade Católica do Equador (1953); Doutor em linguística e antropologia na Universidade de Cornell, NY (1966), licenciou-se em Teologia na Faculdade Borja, Barcelona (1961) e na Universidade Loyola de Chicago (1964).

É membro do conselho do curso de mestrado em Antropologia na Universidade La Cordillera e do doutorado de Desenvolvimento do CIDES na Universidade Maior de San Andrés. Ocupou o cargo de coordenador latino-americano dos jesuítas em áreas indígenas (1995) e desde 1995 é membro da Academia Boliviana de História Eclesiástica. Desde 1994 é membro do comitê diretor do Programa de Investigação Estratégica na Bolívia (PIEB) e também do diretório NINA (Programa interinstitucional de capacitação para dirigentes camponeses indígenas). Em 1971 participou da fundação do Centro de Investigação e promoção do campesinato (CIPCA), sendo diretor até o ano de 1976. Foi pesquisador antropólogo na Oficina nacional da CIPCA. Foi membro do Conselho Nacional de Planejamento (CONAP) do ano de 1978, ao ano de 1994 e na atualidade é membro da Unidade de ação Política da CIPCA<sup>28</sup>.

Xavier Albó é considerado por pesquisadores, bem com, militantes ligados as “minorias”, com um dos mais atuantes e importantes intelectuais na Bolívia, referencia obrigatória para o estudo dos povos indígenas e camponeses das *terras baixas* bolivianas.

No livro *Los Chiriguano-guarani vol. 3: La comunidade hoy* (1990), Xavier Albó desenvolve um estudo relativo à atualidade, das comunidades guarani falantes da Bolívia. Trata-se de um estudo baseado em metodologias sociológicas e antropológicas. O autor

<sup>27</sup> A APG é uma organização político/representativa, da população guarani falante da Bolívia, com intenção de agregar também, guaranis do Paraguai, Argentina, Brasil e Uruguai. Em 1992

<sup>28</sup> Nuestra Organización. Fundación Xavier Albó. Disponível em:

<http://www.fxa.org.bo/institucional/articulo/14>

Consultado em: 12 de fevereiro de 2013.

foca sua análise em uma problemática histórica desta população. Temas como os problemas territoriais, os sistemas de lideranças desta população, o impacto do Estado e da agropecuária extensiva na vida das comunidades e ainda, as tentativas de organização política deste povo, são pormenorizadamente abordados.

No subcapítulo primeiro, intitulado: *La vida tras la derrota* o autor destaca que as problemáticas enfrentadas pela população Chiriguana da Cordillera são consequências da grande derrota em Kuruyuki. Ou seja, para Albó, a Batalha em Kuruyuki não seria apenas mais uma, das tantas rebeliões chiriguanas ocorridas a partir do século XVI, mas um marco definitivo na vida das comunidades Guaraní falantes da Bolívia.

O autor não se prende a uma descrição das rebeliões anteriores ou mesmo da Batalha de Kuruyuki (para isso destaca-se o volume anterior da coleção). Mesmo assim, nos poucos dados colocados sobre o combate, baseia-se no trabalho etnográfico de Martarelli (1889) e obras históricas de Sanabria Fernández (1972), Thierry Saignes (1874) e Lorenzo Calzavarine (1980).

Baseado em entrevistas com indígenas, o autor, coloca que a história do combate em Kuruyuki e a liderança de Apiaguaiqui, bem como, outros movimentos de caráter religioso, não eram conhecidas pela maioria da população guaraní. Ou seja, entendemos baseado nesta afirmação, que a história do Tumpa e de Kuruyuki, presente nas fontes documentais e etnográficas, bem como, nos trabalhos históricos produzidos, ficavam restritos, aos centros de documentações, aos intelectuais interessados na temática, pesquisadores dos povos Guaraní e também as lideranças das organizações não governamentais envolvidas com comunidades indígenas. Em última análise, a população Guaraní falante da Bolívia não conhecia sua própria história. A seguir, autor teoriza a partir de um conceito, que denomina *amnésia histórica*. Esta população estaria sofrendo de um trauma ocasionado pela grande derrota em Kuruyuki e a dominação subsequente. Esta ideia explicaria o que o autor chama de perda de elementos e práticas culturais tradicionais. No entanto fala que esta amnésia é somente parcial e que é possível perceber a memória dos tempos passados nos relatos dos anciões, chegando inclusive ao *Tumpa* e Kuruyuki (ALBÓ, 1990, p. 349).

Esta realidade, somente começou a ser alterada, com a organização das comunidades indígenas em assembleias onde os problemas e as aspirações passaram a serem discutidos. O autor destaca que para as comunidades dialogarem com o Estado em condições favoráveis, era necessária uma organização representativa política. Depois de algumas tentativas infrutíferas, é fundada em 1987, em um encontro na localidade de

Charagua, a Assembleia dos Povos Guaraní (APG). Uma organização fundada por representantes, de 43 comunidades da região da Cordillera, com a finalidade de fazer frente aos problemas enfrentados nas comunidades (ALBÓ, 1990, p. 309).

Entendemos que é neste contexto de afirmação organizacional e legitimação de uma população como grupo étnico, que a obra de Xavier Albó e a coleção Chiriguano-guarani surge. Mais do que uma homenagem da CIPCA, ao centenário da Batalha de Kuruyuki – como é destacado na contracapa da obra – este trabalho representa o encontro desta população com uma história de heroísmo pouco conhecida. É clara a intenção de Albó em desenvolver um trabalho, não só demonstrando a realidade, mas destacando as possibilidades futuras, para uma população bem organizada.

Em fevereiro de 1992 ocorreu a celebração do centenário da Batalha, com uma caminhada da localidade de Ivo até o local do combate em Kuruyuki. Este ato teve como objetivo, suscitar, um senso de unidade entre a população de fala guarani de várias comunidades e promover uma história heroica do *Tumpa*. Esse personagem passou a ser conhecido e propagandeado como algo relevante, digno de ser exemplo para o povo Guaraní atual e suas lutas. A partir desse primeiro encontro, sempre apoiado por organizações como CIPCA, APCOB e tendo o protagonismo da APG, as celebrações anuais transformaram-se em atos/manifestações para o estabelecimento de políticas afirmativas<sup>29</sup>.

O trabalho realizado por Xavier Albó, principalmente no que tange a etnografia, e sua análise sociológica e antropologia é de grande relevância, pois o autor, além de conhecer a história Chiriguana, através das fontes documentais e historiográficas, tem contato próximo com as comunidades e seu organismo representativo a APG, o que possibilitou a realização de um trabalho detalhado sobre a realidade das comunidades Chiriguanas no período posterior a Kuruyuki. Mesmo que esta realidade, seja por vezes, alterada ou mesmo retratada, de forma a estabelecer um vínculo direto entre as comunidades atuais de fala guarani, com a população chiriguana resistente à colonização, principalmente no final do século XIX.

Percebemos *La comunidad hoy* de Xavier Albó, como um trabalho indigenista militante, propagando as ideais de organização política, união entre as comunidades em prol de objetivos comuns, sempre salientando que os novos tempos e suas pretensões, devem estar atrelados ao passado heroico dos antepassados guarani.

---

<sup>29</sup> Assembleia dos povos Guaraní. Disponível em: <http://www.cidob-bo.org/regionales/apg.htm>  
Consultado em: 15 de março de 2013.

Para finalizar, é importante salientar que quando pesquisamos as publicações organizadas pelo *Teko Guarani* - unidade intelectual e educacional da Assembleia dos povos Guarani APG – no município de Camiri, Bolívia, vemos que o trabalho de Bartomeu Meliá, bem como de Francisco Pifarré e Xavier Albó, são usados e citados, na produção de material pedagógico, para as unidades educacionais, em comunidades do Chaco e *Cordillera*.

Entre as obras, com esta finalidade estão: *Historia de los Pueblos indígenas en America y Bolivia* (2002) do padre Iván Nascini; *Nostra Historia* (1989); *Apuntes para la história del Pueblo Guarani de Bolivia* (2005) de Guido Chumiray Rojas; *Quereimba: Apuntes sobre los Ava-guaraní en Bolivia* (1992) de David Acebey. Estes livros não são trabalhos acadêmicos, mas obras paradidáticas, que usam fragmentos da coleção *Los Guaraní-Chiriguano* (1989), entre outros autores.

Com base no material produzido pelo *Teko – guarani* em Camiri, entendemos que a APG seleciona os autores para produção didática focando, com algumas exceções, especialmente autores com histórico de militância nas questões indígenas. O caso de Bartomeu Meliá parece se enquadrar nesta perspectiva. É um pesquisador, que conciliou a pesquisa baseada em critérios científicos, sobre os povos indígenas, com a militância indigenista defendida por setores da Igreja Católica. Neste sentido, militou em favor dos povos indígenas, em prol da proteção dos seus territórios tradicionais, ministrando aulas, proferindo palestras e evangelizando.

Nestes trabalhos produzidos sob a chancela da APG, para os indígenas Guarani na *Cordillera*, fica perceptível à ausência da moderna historiografia, comprometida com uma pesquisa mais científica e menos militante.

Isso tudo, como já salientamos, não diminui a importância da obra de Bartomeu Meliá, bem como, dos outros autores da Coleção Chiriguano-guarani. Entendemos que estas obras estão inseridas em um contexto de luta, para que os povos indígenas fossem ouvidos e respeitados como povos formadores das nações modernas americanas e assim, detentores de direitos, nunca antes respeitados.

### 4.3. HISTORIOGRAFIA MODERNA:

A título de justificativa, denominamos historiografia moderna sobre a Batalha de Kuruyuki, os trabalhos desenvolvidos a partir do final da década de 1980.

Os autores destas obras de um modo geral possuem sólida formação acadêmica, não possuem vínculos com entidades indigenistas. Fazem uso de referencial teórico/metodológico moderno das ciências humanas e sociais, pautado via-de-regra, pela interdisciplinaridade. Os autores fazem uso de disciplinas como a história, a antropologia, a arqueologia, a geografia e a linguística.

#### 4.3.1. THIERRY SAIGNES

Neste subcapítulo analisaremos a contribuição do historiador francês Thierry Saignes para a temática da batalha de Kuruyuki. A análise será feita a partir da coletânea de textos intitulada: *História del Pueblo Chiriguano* (2007). Esta seleção, que aborda os mais importantes artigos de Thierry Saignes foi organizada pela etnohistoriadora Isabelle Combés a pedido do Instituto Francês de Estudos Andinos. A obra é composta por artigos que discorrem sobre distintos temas da história do povo Chiriguano abrangendo do período colonial ao século XIX.

Saignes nasceu na cidade de Montpellier, na região sul da França em 27 de setembro de 1946 e faleceu em 24 de agosto de 1992. Formou-se em geografia e pós graduou-se em história na Universidade de Montpellier em meados dos anos de 1960. Terminou seus estudos superiores em 1968 e no mesmo ano militou nas manifestações contra o governo ditatorial de Charles de Gaulle. Em 1970, depois de lecionar por dois anos, próximo a cidade de Montpellier, participa de um programa de cooperação internacional em substituição ao serviço militar obrigatório, e em função deste programa viajou para a Bolívia onde lecionou, por dois anos, período no qual, tornou-se muito próximo do Arquivo Nacional da Bolívia e seu diretor Gunnar Mendoza. Retornou a Paris em 1972 e em 1974 defendeu sua tese *Frontera fósil de los Chiriguano*. A partir deste ano, retornou à Bolívia com regularidade, tornando-se pesquisador da Sociedade de Americanistas de Paris no ano de 1984, participando do comitê de organização do jornal desta sociedade, produzindo de forma profícua até o ano de 1990. Sua contribuição para o estudo da etnohistórica dos povos andinos e das terras baixas da Bolívia é inegável. Trata-se

de um pesquisador de vasta produção intelectual, com mais de cem obras, entre teses, livros, artigos e outras contribuições científicas (FAURA, 2003, p. 265-270).

Na sua breve, porém produtiva carreira de pesquisador, Thierry Saignes pesquisou temas com: as relações de contato dos Chiriguano, com os povos do altiplano; às migrações internas dos povos guarani falantes e do altiplano; a hierarquização das sociedades andinas em relação ao sistema colonial; a mestiçagem entre nativos e colonizadores e problemas relacionados a demografia durante o século XVI (PLATT, HARRIS, BOUYASSE-CASSAGNE, 1993, p. 234).

Thierry Saignes denota uma fonte de influência de dois pesquisadores franceses dos anos de 1960 e 1970. Trata-se, do historiador Pierre Chaunu, professor de História Moderna da Universidade de Paris IV- Sorbone e do filósofo e antropólogo Pierre Clastres. No caso de Chaunu percebe-se a influência da obra *L'Amérique et les Amériques de la préhistoire à nos jours (1964)* e dos vários trabalhos relacionados à história econômica e demográfica, principalmente os estudos estatísticos de documentação, também conhecidos como *história serial* ou quantitativa. Já em relação à Clastres, vale destacar que Saignes se assume como um discípulo desse antropólogo autor da célebre obra: *A sociedade contra o Estado (1974)*.

A produção mais significativa de Saignes esteve, por muitos anos, somente disponível no livro *Ava y Karay: ensaios sobre la história chiriguano (1990)* e em artigos dispersos em diversas revistas.

Nesta coletânea de textos, intitulada *Historia del Pueblo chiriguano (2007)* a organizadora Isabelle Combés republicou os principais artigos de Saignes, além de publicar os últimos escritos de Saignes que permaneciam inéditos. Os artigos presentes neste livro propõem reflexões sobre questões de territoriais, as guerras interétnicas ou contra o Estado, a mestiçagem, as reduções jesuíticas e franciscanas entre os chiriguanos e também uma reflexão crítica sobre história e memória.

Nossa análise sobre a contribuição do trabalho de Saignes para o conhecimento da Batalha de Kuruyuki será feita a partir dos seguintes textos: *La guerra contra el Estado (2006, [1982], p.67-69)*; *Tumpa contra mburuvicha (2006, [1974], p.127-159)* (originalmente, o capítulo 7 de sua tese de doutorado, do ano de 1974) e *História e memória (2006, [1990], p.273-275)* onde o autor faz uma reflexão, sobre o que denomina de *amnésia histórica*, no período posterior à derrota na Batalha de Kuruyuki, e por fim, as suas últimas reflexões sobre o surgimento da Assembleia dos Povos Guarani – APG.

O autor historia a partir da documentação pesquisada no Archivo Nacional da Bolívia/Sucre, Archivo General de índias/Sevilla e Archivo Franciscano de Tarija/Tarija, os movimentos políticos religiosos, liderados por homens, muitas vezes de origem desconhecida, que guiavam a população em momentos de desesperança. Estes homens denominados *Tumpas*, seriam xamãs com poderes excepcionais e teriam como missão indicar um caminho de salvação.

Saignes estuda os Chiriguano, baseando-se no referencial teórico desenvolvido por Pierre Clastres em 1977. De acordo com esse viés, os movimentos insurgentes, teriam um caráter político, e denotariam a recusa desta população nativa “livre”, em aceitar o Estado e suas regras, como estaria posto com o sistema colonial, sendo assim, *a sociedade contra o Estado*.

O autor é crítico ferrenho da historiografia produzida sobre os Chiriguano. Sua obra *Ava y Karai* (1990) seria uma resposta à forte *amnésia histórica* das comunidades guarani falantes, como também uma resposta à historiografia anedótica, heróica e expiatória, de origem missioneira (SAIGNES, 1990, p. 315) e à historiografia regionalista comprometida com interesses externos às comunidades. Sanabria Fernández (1972) e Mario Gutiérrez (1961) são enquadrados ou classificados nessa mesma linha.

Além da revisão de fontes históricas conhecidas e da historiografia sobre o tema, Saignes contribui para análise de dois importantes aspectos. O primeiro, diz respeito à forma que o discurso do *Tumpa*, foi recebido, e propagado nas comunidades da *Cordillera Chiriguano*. Um discurso baseado segundo o autor, em duas premissas: a primeira é a destruição para quem não acredita no poder do *tumpa* e a segunda é a salvação para todos aqueles que o seguem. Porém, estas duas premissas não são observadas por todos. O autor detecta problemas na relação entre o *tumpa* e as lideranças *mburuvicha guasu* ou grandes capitães. Estes problemas seriam inerentes às divergências sobre a estratégia a ser adotada. E salienta de forma muito crítica, à existência de uma historiografia – Sanabria (1972) e Pifarré, (1989) -, que de forma equivocada tenta mostrar a rebelião de 1892, como uma coalizão de todos os capitães regionais (SAIGNES, 2007, p.157).

A seguir, no texto *Historia y memoria* Saignes critica a maneira como os Chiriguano foram analisados pela historiografia. A primeira seria que alguns desses trabalhos visualizavam uma problemática de jurisdição entre Paraguai e Bolívia. Ou seja, os Chiriguano não seriam o tema principal dos trabalhos. Mesmo assim, o autor reconhece os esforços de estudar os indígenas como protagonistas da história, esforço esse, segundo o autor, empreendido por Susnik (1969), Métraux (1929), Nordenskiöld (1912), etc.

No entanto, apesar deste cenário, o autor teoriza (baseado em dados coletados por Bernand [1972], Albó [1987]) a respeito do que denomina de *amnésia coletiva* tanto entre os indígenas Chiriguano que permaneceram na Cordillera, quanto entre os que migraram para o norte da Argentina no período posterior a Kuruyuki. Esta amnésia seria responsável pela falta de lembrança do passado guerreiro do povo, da derradeira Batalha em Kuruyuki e seu líder Apiaguaiqui. O próprio nome Chiriguano passou a ser deixado de lado, não tendo real significado para muitos Chiriguano na Argentina.

Esta *amnésia* sobre Kuruyuki estaria ligada a um longo processo de perda de fatores referenciais do mundo Guarani. A perda física, com as migrações para longe das aldeias, a perda material, com o abandono de práticas tradicionais de trabalho e subsistência e a perda cultural, onde valores tradicionais foram alterados ou ressignificados.

No entanto, o autor é ambíguo e essa suposta amnésia histórica, estaria sendo alterada a partir dos anos de 1970 com a divulgação de trabalhos científicos, propagandas em diversos veículos de comunicação que intentavam usar a imagem do índio para despertar um sentimento regionalista. Todavia, segundo Saignes, são formas de manipular a imagem indígena em favor de interesses alheios a causa indígena.

Nos dias atuais, é fácil perceber esse fenômeno apontado por Saignes, principalmente em Santa Cruz de la Sierra. Esta cidade sempre foi origem das expedições para combater os Chiriguano e, nos dias atuais, possui o monumento *el chiriguano*. Este monumento foi erguido para salientar o heroísmo indígena cruzenhõ, contra as invasões do Império Inca. O contraditório é que a cidade que liderou o movimento para tirar a liberdade do povo Chiriguano em vários momentos de sua história e no derradeiro combate em Kuruyuki (1892), elege o índio Chiriguano como símbolo de uma resistência regionalista cruzenhã. Este imaginário de resistência é perceptível nos ideais do movimento pela autonomia do Departamento (Estado) de Santa Cruz de la Sierra.

Outra contribuição importante, mas diminuta, para a temática Kuruyuki, é o seu último artigo sobre os Chiriguano, intitulado *Reflexões en torno a la cuestión chiriguano* (1989). Neste trabalho, Saignes tenta compreender o surgimento de organizações de desenvolvimento para as comunidades chiriguanas, principalmente a Assembleia dos Povos Guarani e seu protagonismo nos assuntos relativos a busca por direitos das comunidades tradicionais Guarani.

O autor destaca que a relação entre comunidades dos antigos Chiriguano era de estado de guerra permanente. Esta relação tinha dois objetivos. Em um plano interno, fortalecer a solidariedade local ameaçada por insubordinações. E no plano externo,

defender uma autonomia, rechaçando uma possível fusão em um conjunto unificado, evitando assim, ficar submetido a um aparato de decisão e mando apartado da sociedade (SAIGNES, [1989] 2007, p. 312).

Por eso, la sociedad chiriguano se asemeja a gran parte de las sociedades amerindias llaneras, cuyo modo de vida – la guerra permanente – se opone a la división social entre los mandan y los que obedecen: son sociedades sin Estado, o mejor dicho, contra el Estado (SAIGNES, [1989] (2007), p.312).

A partir dessas concepções, que sempre orientaram Saignes, na construção da história dos chiriguanos, fica evidente seu desconforto com os novos tempos e com os novos objetos de pesquisa. Para o autor essas questões só poderiam ser esclarecidas com o aparato teórico da disciplina antropológica, objetivando elucidar, como uma população historicamente guerreira, transformou-se em camponesa, em menos de 100 anos.

Nas reflexões de Saignes, é possível perceber uma preocupação, para que os futuros trabalhos refletissem temas contemporâneos, por exemplo, como o povo Chiriguano passou de uma *sociedade contra o Estado* para uma sociedade criadora de organizações sociais, com a finalidade de mediar o diálogo, entre os indígenas, e o Estado, e finalmente, como uma população que optou por morrer, em um “suicídio” físico e cultural em 1892, ressurgiu exigindo que o Estado o reconheça por intermédio da APG.

A reflexão de Saignes sobre as temáticas do universo dos chiriguanos contemporâneos permaneceram em seu estágio inicial, por conta da sua morte prematura. No final da sua carreira, Saignes se depara com dilemas que não podem ser enquadrados a partir do referencial teórico de Pierre Clastres. É importante destacar que para Saignes, os Chiriguano seriam o modelo mais perfeito do tipo de sociedades sem Estado teorizado por Clastres.

#### 4.3.2. ISABELLE COMBÉS

Prosseguindo com nossa pesquisa, abordaremos a interpretação da Batalha de Kuruyuki da etnohistoriadora Isabelle Combés, a partir dos artigos *El testamento Chiriguano* (1991); a obra *Etno-histórias del Iso: Chané y chiriguanos em el Chaco Boliviano* (2005) e *Las Batallas de Kuruyuki: Variaciones sobre una derrota chiriguana* (2005). Entendemos que estas obras, são referências na moderna historiografia Chiriguano-guarani, por desenvolverem uma articulação bem sucedida, entre História, Antropologia e linguística.

A pesquisadora Isabelle Combés é de origem francesa. Licenciada em Antropologia pela *Université de Montpellier III* (1985); Mestre em Antropologia pela *Université de Montpellier III* (1986) e doutora em Antropologia Social e Etnologia, pela *École des hautes études en sciences sociales (EHESS)* Paris, França (1992), com a tese *Iymbae, uma utopia chiriguana*<sup>30</sup>. Passou a residir na Bolívia, trabalhando em diversos projetos referentes aos indígenas Chiriguano, Isosenos e Matacos, bem como, na *Capitanía do Alto y Bajo Isoso*, na Wildlife Conservation Society e em outras organizações de desenvolvimento. Especializou-se na etnohistória do *pedemonte andino*, Chaco Boreal e *terras baixas da Bolívia*. Entre as principais publicações estão *Alter Ego, naissance de l'identité Chiriguano* (1991) que publicou em colaboração com Thierry Saignes, *Etno-história del Isoso: Chané y chiriguano em el Chaco boliviano (siglos XVI a XX)* (2005), *Zamucos* (2009) e *Diccionario étnico: Santa Cruz la Vieja y su entorno em el Siglo XVI* (2010). Atualmente é investigadora associada do Instituto Francés de Estudios Andinos (IFEA)<sup>31</sup> e professora colaboradora, no Programa de pós-graduação em História, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)<sup>32</sup>.

O tempo dedicado a vasculhar os arquivos e bibliotecas, fez de Isabelle Combés, grande conhecedora das fontes documentais e isso tem reflexo na sua produção. São obras densas, ricas em informação e precisas no tocante as citações. A autora analisa suas fontes, levando em consideração a intencionalidade do discurso, a época e o ambiente (realidade) da produção destes vestígios. Vemos uma autora que opta mais por historiar um tema, e menos, em usar determinada teoria, na construção de um universo abstrato ou mesmo, especulativo.

Somando-se a isso, temos dados importantes, etnografados nas comunidades indígenas do Chaco e Cordillera, bem como, a experiência de ter trabalhado com organismos de desenvolvimento dos povos indígenas na Bolívia.

Essa experiência faz com que o indígena Chiriguano-guarani (na atualidade, Ava, Simba e Isoseno) estudado por Isabelle Combés, seja visível, “existindo” até os dias de

---

<sup>30</sup> Sitio TEIAA. Dpto. De Antropología Social, Historia de América y África Facultad de Geografía e Historia. Universitat de Barcelona. Disponível em: <http://www4.ub.edu/teiaa/index.php/es/miembros/80-isabelle-combes> Consultado em: 10 de julho de 2013.

<sup>31</sup> Sitio do Instituto Francés de Estudios Andinos (IFEA). Disponível em: <http://www.ifeanet.org/investigacion/investigador.php?codinv=209> Consultado em 10 de julho de 2013.

<sup>32</sup> Sitio do PPGH/ UFGD. Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/fch/mestrado-historia/corpo-docente> Consultado em: 10 de julho de 2013.

hoje, não estando somente nas fontes históricas, mas também, no cotidiano das comunidades da Cordillera e Isoso. A nosso ver o grande mérito da autora, é a contribuição para compreender os Guaraní falantes da Bolívia, não mais como um grande povo Chiriguano, mas como um povo, com comunidades com características próprias, de acordo com cada região, tendo como elo principal a língua guaraní. É bem verdade, que autores como Thierry Saignes e mesmo, Lorenzo Calzavarine já observavam aspectos específicos de organização e cultura de grupos ou parciais dos Chiriguano-guaraní, mas foi somente com Combés que os *isosenos*, por exemplo, foram historiados como protagonistas da história, respeitados em suas particularidades de origem Chané.

Com relação à Kuruyuki, no texto *El testamento Chiriguano* (1991) vemos que a autora possui uma visão muito positiva em relação ao futuro desta população. Como vimos, a historiografia, de um modo geral, sempre tratou os Chiriguano como um povo que morreu com a derrota em Kuruyuki, ou mesmo, que com a vida entre “vacas e fazendas” não iriam sobreviver como etnia ao processo de colonização.

Sobre isso, autora é clara e salienta ainda, a organização dos mesmos para enfrentar a realidade atual.

Los chiriguanos vivem hoy. Más aún, un “despertar” se afirma en las comunidades de las provincias Cordillera (Santa Cruz) y Luis Calvo (Chuquisaca): Asamblea del pueblo guaraní (APG), reorganización de las antiguas capitanías, proyectos de desarrollo, etc. Las capitanías y la APG cuya organización vino de fuera (de instituciones como APCOB, CIPCA, etc.), son hoy en día, veremos manejadas por los propios chiriguano (COMBÉS, 1991, p.238).

Indo mais além, a autora destaca uma relação de continuidade entre os insurgentes de Kuruyuki e os indígenas Guaraní dos dias de hoje, e esta continuidade, pode ser explicada como a transformação das ações de resistência ativa, dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, nas de resistência<sup>33</sup> passiva no século XX. “[...] la resistencia armada a la resistencia pasiva. Pero sigue la relación de guerra, y siguen sus características como el doble juego: un poco caricaturesca nos parece en efecto la imagen tradicional del peón (mbia) total y ciegamente sumiso a sus patrones” (COMBÉS, 1991, p.248).

---

<sup>33</sup> Esta resistência estaria ligada, segundo informações orais, as diretrizes estabelecidas e escritas em 1893 na localidade de Ingre, por um grupo de capitães chiriguanos. Este documento seria uma espécie de *testamento chiriguano* para as gerações futuras, de como deveria ser a relação do povo guaraní, com os estanceiros e fazendeiros assentados na região tradicional Chiriguano. Esta oralidade teve comprovação quando a autora localizou três cartas fechadas, na documentação da Universidade San Francisco Xavier, da cidade de Sucre, datadas de dezembro de 1893.

Outro fator importante no texto *El testamento Chiriguano* (1991) é a crítica que a autora faz da teoria defendida por Thierry Saignes (1990) sobre a ausência de memória entre a população de chiriguanos contemporâneos, ocasionando assim segundo Saignes a perda de identidade étnica. A autora destaca que levando em consideração O testamento chiriguano (as cartas datadas de novembro de 1893) esta “[...] ausencia tiene que ser relativizada. Existe una memoria histórica entre los chiriguanos contemporâneos, no la de los acontecimientos tal vez, pero sí la de una política ancestral que seguir: una política que constituye, por sí misma, la verdadera identidad chiriguana” (COMBÉS, 1991, p. 149).

Por fim, a autora declara a intencionalidade do artigo que é a de convencer aos historiadores a não finalizar a história Chiriguana com a Batalha de Kuruyuki, em 28 de janeiro de 1892 e também desafia aos antropólogos a explorar as questões relativas aos conceitos de *transformação e reprodução*.

A contribuição de Isabelle Combés para o nosso tema é importante, em primeiro lugar, por que a autora produz esse texto nas vésperas da comemoração de 100 anos da Batalha de Kuruyuki, ou seja, essa discussão passou a ser recorrente e houve a necessidade das comunidades se posicionarem a esse respeito; em segundo, mesmo a autora estando no início da sua carreira de pesquisadora – ainda não tinha defendido sua tese na EHESS - de forma arrojada, propõe, não só voltar a discutir essa temática, como critica a forma desprovida de dados etnográficos que a historiografia sempre procurou realizar.

Quinze anos após *El testamento Chiriguano* (1991) a doutora Isabelle Combés escreve *Etno-histórias del Isoso: Chané y chiriguanos em el Chaco Boliviano* (2005) e apresenta outras contribuições para o entendimento da Batalha de Kuruyuki.

A obra é a primeira história do povo guarani falante da região do Isoso, conhecidos como *isosenos*. Trata-se por tanto, de uma forma nova de historiar, visto que a historiografia, na maioria das vezes, tratou as dezenas de comunidades chiriguanas sem observar as características únicas de cada região. Para a historiografia as comunidades isosenas, que tradicionalmente eram os Chané de origem *Aruake*, eram representadas como povos totalmente *guaranizados*, não observando a herança cultural Chané, ainda presente nestas comunidades. A autora complementa que:

La historia del Isoso que se presenta aquí es, ante, la historia de su capitanía y de sus capitanes. Se trata de una elección mía, dada la importancia y la relevancia de la relevancia de la Casa real isoseña. Pero se trata asimismo de una elección obligada, en cierto sentido, simplemente por es así que los mismos isoseños piensan su historia: todo lo que pasa y todo lo que pasó es atribuido a los grandes capitanes (COMBÉS, 2005, p.33)

A reflexão sobre Kuruyuki realizada por Isabelle Combés em *Etno-histórias del Iso* partir de dois conceitos: *o pasado útil e usos políticos del pasado* de Hartog e Revel (2001).

A autora destaca que a partir do surgimento da Assembleia dos Povos Guarani (APG) no ano de 1987 ocorreu uma mudança na forma de organização das comunidades. A organização que antes da APG, como já vimos, era de Capitânicas independentes, não tendo qualquer intenção em formar algo semelhante a uma nação, passou a ter um discurso de unidade, uma coesão que levaria o nome Guarani. Este processo se deve a fatores como a percepção de que unidos os indígenas poderiam obter melhores vantagens nas negociações com o Estado pelos direitos tradicionais, principalmente a retomada de antigos territórios e também, a uma orientação de antropólogos e assessores das capitânicas. Assim, com a orientação da APG, a Batalha de Kuruyuki, passou de *suicídio* fracassado – termo bastante comum na historiografia – para um epílogo dos novos tempos vivido pelas comunidades Guarani.

A APG passou a ter um mito fundador, algo para ser glorificado. Este discurso passou a ser usado, tanto pelas autoridades políticas sedentas por angariar certo apoio das comunidades indígenas, quanto de movimentos regionalistas de autonomia departamental. Combés reflete a historiografia relativa à Batalha de Kuruyuki, com uma perspectiva de criticar uma manipulação histórica deste episódio, principalmente com a fundação da Assembleia dos Povos Guarani (APG) em 1987 e o lançamento da *Coleção Los Guarani-chiriguano* pela editora CIPCA em 1988. A partir desse momento, a autora identifica a invenção de um discurso de união das comunidades e povos Guarani e uma *nação*, bem como o uso deste discurso para dialogar com o Estado.

Outra questão é a tentativa da APG em esconder (apagar) a história relativa à população isoseña em Kuruyuki. Os documentos e os historiadores Sanabria (1972), Cazavarine (1980), Saignes (1990), Combés (1991) falam não só que algumas comunidades não apoiaram a rebelião liderada por Apiaguaiqui, como destacam a participação de comunidades isoseñas ao lado dos militares no enfrentamento.

Em linhas gerais, o que podemos perceber é que a autora afirma que Assembleia foi fundada e se mantém nos dias de hoje, baseada em uma história inverídica.

Assim, Combés lembra de Baudolino de Umberto Eco “*la mentira se vuelve verdad por su propia fuerza y ya no es mentira...*” e também lord Byron: “*después de todo, qué es una mentira? No es sino la verdad bajo una máscara*”.

Para finalizar, devemos mencionar que o historiador Eric Langer, da Georgetown University, Washington, DC, possui alguns trabalhos sobre as Missões Franciscanas no Chaco boliviano. Estes trabalhos foram publicados nos Estados Unidos, porém não conseguimos ter acesso a estas obras, impossibilitando assim, uma análise para essa dissertação. A seguir algumas informações sobre o autor e sua obra.

O pesquisador é bacharel em História pela Universidade de Washington (1977), mestre em História pela Universidade de Stanford (1979) e doutor em História pela Stanford Universidade (1984), com a tese "*A Sociedade Rural e Consolidação da terra em uma economia em declínio: Chuquisaca, Bolívia 1880-1930*".

É professor de história e diretor do *Centro de Estudos Latino-Americanos da Edmund A. Walsh School of Foreign Service da Georgetown University*, Washington, DC, EUA. Ministra cursos sobre temáticas variadas da América Latina como: resistência e rebeliões no mundo andino, os índios e o Estado moderno, origens e transformações na América Latina e História Econômica da América Latina. É o editor-chefe da *Gale Mundial Estudos: América Latina* e representante dos EUA no Instituto Pan-Americano de Geografia e História.

Foi coautor, com Paul Adams, Peter Stearns, Merry Wiesner-Hanks, Lily Hwa, *Experiencing World History (Experimentando a História Mundial)* (2002), foi coautor com Elena Munoz, de *Contemporary Indigenous Movements in Latin America (Movimentos indígenas contemporâneos na América Latina)* (2003); *Expecting Pears from an Elm Tree: Franciscan Missions on the Chiriguano Frontier in the Heart of South America (Peras espera de um olmo: Missões Franciscanas na fronteira Chiriguano no coração da América do Sul, 1830-1949)* (2009)<sup>34</sup>, *Mission Land Tenure on the Southeastern Bolivian Frontier 1845-1949*.

As contribuições desta historiografia são fruto de pesquisas realizadas de forma responsável, observando critérios metodológicos reconhecidos pela comunidade acadêmica nos dias de hoje.

É verdade que cada autor, da sua maneira, contribui para o entendimento do tema, apontando novos caminhos, novas perspectivas, no entanto, é possível perceber certa continuidade entre estes autores. Isabelle Combés continua e aprofunda alguns temas já pesquisados por Saignes, e propõe que atentemos em uma nova direção, pouco explorada

---

<sup>34</sup> Sítio da Georgetown University.

Disponível em:

<http://explore.georgetown.edu/people/langere/?action=viewgeneral&PageTemplateID=360>

Consultado em: 15 de julho de 2013.

(o Isoso) com suas particularidades Chané. Eric Langer dialoga com Combés e Saignes, e propõe, até onde sabemos uma original abordagem da problemática das missões no *Chaco*, principalmente, as missões orientadas pelo Colégio Franciscano de Tarija, realizando um estudo das missões a partir da perspectiva dos problemas fundiários ocasionados pela secularização das missões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em grande medida nossas conclusões estão integradas ao texto, mesmo assim, faremos algumas observações a título de considerações finais.

Nosso trabalho foi desenvolvido com objetivo de fazer uma reflexão sobre a historiografia produzida sobre o povo Chiriguano (guarani falante da Bolívia) em especial, sobre o episódio conhecido como Batalha de Kuruyuki (1892).

O trabalho nasceu das inquietações surgidas a partir da leitura, ainda na graduação, das obras de referencia nos estudos do povo Chiriguano, e principalmente, com o texto da pesquisadora Isabelle Combés, intitulado *Las batallas de Kuruyuki: Variaciones sobre una derrota chiriguana* (2005), no qual a autora realiza apontamentos relativos à historiografia sobre este povo. Nossa intenção era de conhecer esses autores, a formação e o meio em que estes autores estavam inseridos, objetivando identificar as possíveis motivações para as interpretações diversas sobre a Batalha de Kuruyuki (1892).

Trata-se de um trabalho que objetivamente visava contribuir para o estudo da história dos povos indígenas americanos. Uma população que durante muito tempo foi considerada *sem história* e que quando foram objetos de estudo, sempre foram encarados como tendo uma história produzida através dos filtros dos conquistadores e cronistas. Pensamos nosso tema a partir da ideia que os indígenas sejam protagonistas da sua história, e neste ponto a antropologia, principalmente na reflexão teórica proposta por Marshall Sahlins, em seu trabalho *Ilhas de história* (1985), nos ofereceu subsídios para criticar uma historiografia que em grande parte foi produzida a partir destes moldes.

Nosso trabalho passou por alterações no decorrer da pesquisa. Inicialmente pensávamos em realizar na primeira parte do trabalho, uma pesquisa de história baseada nas publicações de alguns periódicos da cidade de Santa Cruz de la Sierra, referentes a insurgência da população Chiriguana em Kuruyuki. Na segunda parte, um estudo historiográfico das obras de caráter histórico a retratar o conflito em Kuruyuki, ou seja um trabalho de história e historiografia. Com objetivo de recortar melhor nosso tema, optamos por realizar somente a segunda parte do projeto, acrescentando uma análise de obras, que não possuem propriamente um formato característico de obra histórica, mas que além de contribuir para o tema, foram produzidas com a intenção de serem conhecimentos para o futuro.

Esse é o caso das etnografias missionárias (narrativas escritas pelos missionários contemporâneos a Batalha) e as etnografias, produzidas por etnólogos de formação, obras que de fato, foram usadas pela historiografia como *fonte* histórica e que possuem ainda reflexões e problematizações das insurgências indígenas do final do século XIX, a partir de referencial antropológico.

A título de conclusão, percebemos que as obras de Martarelli (1892) e Nino (1918) representam o comprometimento dos autores com a sua função de evangelizar e a lealdade à ordem religiosa franciscana. Em primeiro lugar, percebemos tratar-se de uma produção que foi intencionalmente escrita para legitimar o trabalho dos missionários; em segundo, é perceptível que esses autores, não tinham a pretensão em escrever para fora da comunidade missional, ou seja, escreviam para seus pares e, portanto, não nos estranha a defesa do modelo de evangelização; e ainda, entendemos que fica explícito a intenção dos autores em relacionar de maneira direta, as insurgências chiriguanas no final do século XIX, incluindo Kuruyuki, com a gradativa perda de poder das missões em região indígena. Esse processo implementado pelo Estado foi finalizado com a secularização das missões, e segundo os autores, como consequência disso, foi possível perceber a escravização e a migração dos indígenas. Para os autores, o futuro dos indígenas Chiriguano teria sido bem diferente se o Estado não tivesse intervindo. Nestas obras o Estado republicano é culpado pelo desmantelamento do modo de vida tradicional Chiriguano, por que além de fomentar a expansão das fronteiras da República Boliviana, suprimiu a instituição que tentava mediar os conflitos entre Estado e Comunidades indígenas.

Em relação às obras etnográficas de Nordenkiold (1912) e Métraux (1931) é possível afirmar que os autores, mesmo não abordando o tema Kuruyuki de forma direta, contribuem à medida que estabelecem contato com a população chiriguana, pouco tempo depois da Batalha de Kuruyuki. Para os autores existe a memória sobre o combate, sobre a derrota e é possível perceber a mudança da vida tradicional nas comunidades, principalmente ocasionadas pela migração em direção ao norte argentino, em busca de trabalho longe do domínio dos colonos da Cordillera.

Não percebemos qualquer tentativa dos autores em eleger o conflito de Kuruyuki como o último, pelo contrario, o enfrentamento é encarado como mais um, entre os inúmeros combates ocorridos a partir do Século XVI. Assim, não seria possível prever se Apiaguaiqui seria o último Tumpa ou apenas mais um líder político/espiritual.

Com relação à historiografia nos moldes *tradicionais*, identificamos uma nova forma de historiar Kuruyuki. Na obra de Sanabria Fernández (1972), o conflito passa a ter

um caráter de batalha decisiva, com o último grande combate, liderado por um homem que além de ter os atributos divinos - destacado e teorizado por Métraux (1931) - passa a ser considerado um herói e sua história também passa a ser relacionada com uma grande provação. Estas características estão presentes em *Apiaguaiqui Tumpa* (1972) uma obra que se tornou famosa, por ser a única obra, que é inteiramente dedicada ao tema.

Na Historiografia Missionária, o *fazer historiográfico*, esta intimamente ligada à militância indigenista. Escrever a história dos Chiriguanos é colocar esse povo em evidência, e proporcionar subsídios para os as organizações indígenas, principalmente na luta para a retomada dos territórios tradicionais. Outro fator é a maneira que essa historiografia, de maneira intencional e com objetivos políticos, descreve o povo guarani-falante da Bolívia. Calzavarine (1980) por exemplo, caracteriza os guarani da Bolívia como uma grande *Nación guarani*. As particularidades histórico-culturais de uma grande população espalhada em um vasto território, não são salientadas na tentativa de cunhar uma interpretação sócia histórica geral para os Chiriguanos.

Algo semelhante acontece com as obras da coleção Los Guarani-chiriguano (1988, 1989, 1990). Com o grande mérito de ser uma coleção, com objetivo de contar a história dos guarani falantes da Bolívia, do contato no século XVI até o final do século XX, também possuem um caráter de militância, visto que estão inseridas em um contexto de comemoração dos 100 anos da Batalha de Kuruyuki. No final o que temos é a história de um povo valente (indomável) que sofreu em um combate desigual e que com uma organização estaria ressurgindo em prol do reconhecimento do Estado e da sociedade boliviana. A comemoração de uma derrota (massacre) passa a ser encarada como o ressurgimento do povo Chiriguano. Com todas essas características, essas obras são consideradas de grande relevância normalmente e são usualmente difundidas nas publicações histórico/pedagógicas da Assembleia dos Povos Guarani (APG).

Articulando a vasta bibliografia produzida sobre os chiriguanos, a pesquisa documental (principalmente realizando um retorno aos documentos já pesquisados) e empregando modernos modelos teórico-metodológicos (principalmente da antropologia, da linguística e da arqueologia), surge o que denominamos de Historiografia Moderna.

Nesta historiografia, percebemos um comprometimento dos autores em historiar o povo Chiriguano, evitando cometer os mesmos equívocos de outros autores. Nesta historiografia podemos visualizar os Chiriguano não como uma nação, mas como um povo, com particularidades culturais específicas de cada região. Os Chiriguanos passam a serem historiados como *Avas*, *Simbas* e *Isosenõs*, povos guarani falante. É uma grande mudança,

à medida que muitos autores, generalizaram na representação desta população. Por outro lado, essa mesma historiografia não “generalizante” depara-se com o fenômeno da própria população guarani falante, das mais distantes regiões da *Cordillera* e Isoso, por conveniência auto identificar-se como Guarani, objetivando dialogar com o Estado de forma unida.

Para finalizar, destacamos que o povo Guarani da Bolívia continua sua caminhada em direção a uma cidadania plena, onde o Estado possa de alguma maneira reestabelecer seus territórios tradicionais e que assim possam viver conforme suas escolhas. Possivelmente no futuro, serão novamente objetos de pesquisa histórica, e essa análise também será criticada.

## FONTES HISTORIOGRÁFICAS A SEREM UTILIZADAS

ALBÓ, Xavier. *Los Guaraní-Chiriguano 3. La comunidad hoy*. La Paz: CIPCA, 1990.

CALZAVARINI, Lorenzo. *Nación Chiriguana. Grandeza y ocaso*. La Paz/Cochabamba: Los Amigos del Libro, 1980.

CHAVARRÍA, Melchor. *Informe que presenta al Señor Ministro de Gobierno, el Delegado en las provincias de Tomina, Azero y Cordillera*. Sucre: tipografía del Cruzado, 1892.

COMAJUNCOSA, A. & CORRADO, A. *El Colegio franciscano de Tarija y sus misiones. Noticias históricas recogidas por dos misioneros del mismo Colegio*. Quaracchi: tipografía del Colegio de San Buenaventura, 1884.

COMBÈS, Isabelle. El testamento chiriguano: una política desconocida del post 1892. *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines*, 1991.

COMBÈS, Isabelle, VILLAR, Diego. Os mestiços mais puros: Representações chiriguano e chané da mestiçagem. *Mana* Vol. 13 no. 1 Rio de Janeiro, Abr. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010493132007000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010493132007000100002&script=sci_arttext).

COMBÈS, Isabelle. Etno-historias del Isoso: Chané y chiriguano em el Chaco boliviano (siglos XVI a XX) / Isabelle Combès. – La Paz: Fundación PIEB; IFEA Instituto Francès de Estudos Andinos, 2005.

GIANNECCHINI, Doroteo. Historia natural, etnografía, geografía, lingüística del Chaco boliviano. Tarija: FIS-Centro Eclesial de Documentación, 1996 [1898].

LANGER, E., Caciques y poder en las misiones franciscanas entre los chiriguanos en la crisis de 1892. *Siglo XIX*, 1994.

LANGER, Eric. *Mission Land Tenure on the Southeastern Bolivian Frontier, 1845-1949*. *The Americas*, vol. 50, n. 3 p. 399-418, 1994.

MARTARELLI, Angélico. *El Colegio franciscano de Potosí y sus misiones. Noticias históricas*. 314 p.; La Paz: sin editor. 2 Ed edición corregida, aumentada y con notas por Bernardino de Nino, 1918 [1889].

MARTARELLI, Angélico. *Subelevación de los indios chiriguanos en las provincias de Azero y Cordillera*. Potosí: El porvenir, 1892.

MELIÀ, Bartomeu. *Los Guaraní-Chiriguanos 1: Ñande Reko, nuestro modo de ser*. La Paz: CIPCA, 1988.

MÉTRAUX, Alfred. *Religions et magies indiennes d'Amérique du Sud*. París: Gallimard, 1967.

NINO. Bernardino de, *Continuación de la historia de misiones franciscanas del Colegio de Propaganda Fide de Potosí*. La Paz: ed. tipo-litográfico Marinoni, 1918.

NINO. Bernardino de. *Etnografía chiriguana*. La Paz: tipografía comercial I. Argote, 1912.

NORDENSKIÖLD, Erland. *La vida de los indios. El Gran Chaco (Sudamérica)*. La Paz: APCOB-Plural, 2002 [1912].

PIFARRÉ, Francisco. *Los Guaraní-Chiriguanos 2. Historia de un pueblo*, 542 p.; La Paz: CIPCA, 1989.

SAIGNES, Thierry. *Historia del pueblo chiriguano*. Compilación, introducción y notas: Isabelle Combés. Bolívia, Instituto Francês de Estudos Andinos, Embaixada da Francia em Bolívia, 2007.

SANABRIA FERNÁNDEZ, H. *Apiaguiqui-Tumpa. Biografía del pueblo chiriguano y de su último caudillo*. La Paz/Cochabamba: los Amigos del Libro, 1972.

SUSNIK, B. *Chiriguanos I. Dimensiones etnosociales*. Asunción: Museo etnográfico Andrés Barbero, 1968.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, José Jobson de Andrade. *História Econômica e História Cultural: Uma trajetória historiográfica*. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, Taubaté, v. 4, n. 3, edição especial, ago. 2008, p. 6 - 26.
- BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. [Portugal]: Europa-América, [1993].
- Bossert, Federico e Diego Villar. *La etnología chiriguano de Alfred Métraux*. Journal de la Société des Américanistes, vol. 93-1, p. 127-166, 2007.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. Tradução: Nilo Adália. São Paulo: Fundação da editora da UNESP, 1997.
- CHAMORRO, Graciela. *Entrevista*. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 143-158, out. 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/viewFile/20573/13850>. Acesso em: 22 set. 2012.
- CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da Violência: Ensaio de antropologia política* (trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura). São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- COMBÈS, Isabelle. *Alto y Bajo Isoso. Géographie et pouvoir dans le Chaco bolivien*. Disponível em: <http://mappemonde.mgm.fr/num6/articles/art05201.html>. Consultado em: 15 de julho de 2013.
- COMBÈS, Isabelle. *Diccionario etnico. Santa Cruz la vieja y su entorno en el siglo XVI*. Coleccion Scripta Autochtona. No. 4. Cochabamba: Instituto de Misionologia; Editorial Itinerarios; Misiones Franciscanas Conventuales - MFC, mayo 2010.
- COMBÈS, Isabelle. *Etno-historias del Isoso: Chané y chiriguano em el Chaco boliviano (siglos XVI a XX)* / Isabelle Combès. – La Paz: Fundación PIEB; IFEA Instituto Francês de Estudos Andinos, 2005.
- ORTIZ, Elio. CAUREY, Elías. *Diccionario etimológico y etnográfico de la lengra guarani hablada em Bolivia (Guaraní – Español)*, 2011.
- FAURA, Nicanor Domínguez. PRESTA, Ana María. *Homenaje a Thierry Saignes*. Revista Andina, n° 36, p. 263-287, 2003.  
Disponível em: <[http://www.rbgdr.net/extra\\_n02/artigo1.pdf](http://www.rbgdr.net/extra_n02/artigo1.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2012.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão... [et al]. – 5ªed. – São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.
- MELIÀ, Bartolomeu. *Los Guaraní-Chiriguanos 1: Ñande Reko, nuestro modo de ser*. La Paz: CIPCA, 1988.

MELLIÀ, Bartolomeu, SAUL, Marcos, Vinícius de Almeida, MURARO, Valmir Francisco. *O Guarani: Uma Bibliografia Etnográfica*. Santo Ângelo: Fundames, 1987.

MÉTRAUX, Alfred. *Religião y magias indígenas de América del Sur*. Madrid: Agilas, 1973.

MÉTRAUX, Alfred. *La sécularisation des missions franciscaines du Chaco bolivien*. Anthropos, XXV, St. Gabriel-Moedling, pp. 315-316, 1930.  
Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40445603>

MONTEIRO, John Manuel. *Os Guarani: e a história do Brasil meridional: séculos XVI-XVII*. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos Índios no Brasil*. 2º ed. São Paulo: Fapesp / SMC / Companhia das Letras, p. 475-500, 1998.

QUEREJAZU LEWIS, Roy. Resenha da obra: La historia cultural de los indígenas sud americanos de Erland Nordenskiöld. *Revista Pacarina: Arqueologia y etnografía americana*, da Universidade Nacional de Jujuy, Argentina. Ano III, nº3, 2003.

NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério Forastieri da. *Nova História em Perspectiva Vol. 1*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PIFARRÉ, F., *Los Guaraní-Chiriguano 2. Historia de un pueblo*, 542 p.; La Paz: CIPCA, 1989.

POMPA, Cristina. O profetismo Tupi-guarani: A Construção de um objeto antropológico. *Revista de Indias*, 2004, vol. LXIV n. 230 p. 141-174.

Platt Tristan, Harris Olivia, Bouysse-Cassagne Thérèse. *Thierry Saignes, historiador (1946-1992)*. In: *Journal de la Société des Américanistes*. Tome 79, pp. 233-234, 1993.

SAIGNES, Thierry. *Historia del pueblo chiriguano: compilación, introducción y notas*: Isabelle Combés. Bolivia, Instituto Francés de Estudios Andinos, Embajada da Francia en Bolivia, 2007.

SOUCHAUD, Sylvain; BAENINGER, Rosana. *Collas e cambas do outro lado da fronteira: Aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul*. R. bras. Est. Pop., São Paulo, v. 25, n. 2, p. 271-286, jul./dez. 2008.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHMUZIGER CARVALHO, Silvia M. *Chaco: Encruzilhada de povos e “miting pot” cultural, suas relações com a bacia do Paraná e o Sul mato-grossense*. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos Índios no Brasil*. 2º ed. São Paulo: FAPESP / SMC / Companhia das Letras, p. 457-474, 1998.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados, 25 de agosto de 2013.

---

Mathiel Danieli da Silva